ANNO XXVI — N.º 17
Rio, 23 de Abril de 1932
PREÇO 1$000
FON FON

A saude acima de tudo
PARA a conservação desse tesouro que é a saude, é indispensavel a pratica dos sports. Assim revigora-se o corpo, tornando-se o espirito alegre e otimista.
Quando um mal fisico nos ataca o organismo, devemos defende-lo usando tão sómente medicamentos que por sua insuperada qualidade e pureza, mereçam absoluta confiança.
CAFIASPIRINA
o remedio de confiança
o analgesico por excelencia para as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, enxaquecas, nevralgias, reumatismo, incomodos femininos, resfriados, etc. Alivia as dôres com surpreendente rapidez, sem deprimir nem prejudicar o organismo.
BAYER

O conto brasileiro

ABELARDO E HELOISA

DE LAURO MENDES

ESPECIAL PARA FON-FON

ABELARDO DE RASTIGNAC, era francez, embora nascido em pleno Sahara, num dos fortes da Legião Estrangeira, onde o pae, Gaston de Rastignac, era um odiado primeiro sargento; este detalhe, entretanto, não vem alterar o rythmo pacato de nossa narrativa, pois vamos encontrar Abelardo de Rastignac ramificado e empregado no Rio de Janeiro, numa repartição publica. Era um homem de estatura mediana, olhar sempre perdido em meditações, como que mergulhado eternamente num deslumbramento interior. Não era um daquelles intempestivos soldados da Legião onde nascêra, para os quaes morrer um homem era o mesmo que ver cahir uma arvore, e a quem o "caffard" maldito entontecia o cerebro mais duro e embrutecido. Não o era, mas dsejava ser. Tinha grandes desejos de ser um bravateador, um gaúcho, arrebatado como aquellas cidades do Oeste americano, que elle via no cinema, onde, nas salas dos "dancings" — segundo elle ouvira dizer — ha grandes cartazes, em letras garrafaes: *E' prohibido atirar no pianista...*

Vindo de um ambiente bruto, para o delirio da civilização, fôra, a principio, um ingenuo. Tão ingenuo que, no primeiro elevador em que subiu, quando o cabineiro lhe perguntou "que andar desejava", elle respondeu que "não sentia preferencia; qualquer andadura servia". E' verdaderamente curioso como Rastignac, sendo, como disse, francez, manejasse o portuguez perfeitamente. Mas explica-se: o pae desertára da Legião, e viéra parar, com o filho ainda criança, numa cidade do interior de São Paulo, Itaóca. Dahi a tremenda brasilidade do filho...

E vieram depois tentar a sorte no Rio. Uma carta a um influente politico levaram-no a uma repartição, onde passou, dentro em breve, a ser considerado o modelo do funccionario e do methodo. E realmente o era. Morando sozinho, invariavelmente, ás 9.40 elle tomava o bonde na esquina da rua [illegible], e os moradores — mas [illegible] — já não acertavam os relogios pela fabrica local. Quando elle sahia de casa, e chegava á esquina, o dono do botequim gritava para o empregado, "que visse se a churumela do r'loijo estaba certo: eram nobe e curenta"... E, invariavelmente, ás dez horas entrava elle na repartição, cumprimentava os collegas vestia o surrado paletot de alpaca e lia a primeira pagina — somente a primeira — de "Le Journal", que elle recebia directamente de Paris. Finda a leitura, automatica, por assim dizer, elle re-encetava o trabalho interrompido na tarde anterior, exactamente perto do ultimo algarismo que traçára e na mesma posição em que estava quando o grande relogio soava pausadamente as quatro badaladas. O methodo de Rastignac chegava ás vezes ao cumulo, pois, quando elle sahia de casa, eram muitos os homens que sahiam tambem, ás pressas, abotoando atabalhoadamente o collarinho ou deglutindo apressadamente o pedaço de pão matutino.

Sahia aos domingos, porque tinha um terno para os domingos, e, além de um cinema no arrabalde, nada mais que alterasse a sua vida extremamente pacata, o seu extraordinario amor á paz, a sua serenidade ,a sua impassibilidade de velho legionario. Passava, incolume, por entre as perfumadas dactylographas, que arregaçavam galantemente os vestidos esguios, mostrando pernas bem torneadas e ainda mais esguias, sabendo-o dono de bom "pé-de-meia" e ganhando bom ordenado. Mas Abelardo não pertencia a este mundo era como um automato guiado por ondas hertzianas. Seguia, como seguem os torpedos, por baixo d'agua, com rumo certo. Palmilhava diariamente o mesmo caminho, como si os seus pés se detivessem todos os dias exactamente sobre as mesmas pégadas. Tomava sempre o mesmo bonde, sentava no mesmo banco, saboreava café na mesma mesinha de sempre, com uma meticulosidade irreal e irritante, de vegetal humano. Não o detinha o gargalhar sonoro da juventude; não o fascinavam os novos omnibus que trafegavam pela "urbs", os custosos apparelhos de radio que captavam as vozes, através de centenas de milhas. Nada. Seguia o destino, esperando pelo fim...

> *O conto publicado nesta pagina da nossa ultima edição, e intitulado* Uma historia antiga, *é de autoria do nosso brilhante collaborador Gilberto Veiga, cujo nome, por lamentavel omissão, deixou de ser devidamente consignado.*

Um bello dia, Abelardo de Rastignac chegou dois minutos atrazado, e, com a sua chegada, todos se levantaram, aturdidos, como si algo de sobrenatural houvéra acontecido. Mas os bisbilhoteiros nada lhe conseguiram arrancar. Apenas, aos mais astutos, — e entre elles eu — não escapou um detalhe curioso: sobre a invariavel indumentaria de todo o dia, Rastignac vestia pomposo collete de gorgorão branco...

A' hora do café vespertino, surgiram os commentarios. Que Abelardo fôra augmentado; que acertára no bicho; que iria ser chefe; um, mais afoito, jurou pelos nove nomes de Allah que Abelardo cahira nas graças de uma ricaça, com elle fôra visto — garantia — frequentando os *cabarets*. Mas Rastignac encerrou-se no seu mutismo habitual, tal qual sir Otto Niemeyer, quando veiu concertar as nossas finanças, e tudo cahiu na monotonia de sempre, e elle continuou a ser o mesmo rotineiro, a vestir o mesmo casaco, e a ler os mesmos jornaes...

(Continúa na pag. seguinte)

ABELARDO E HELOISA

(Continuação)

Ralmente, Abelardo Rastignac estava passando por uma grande transição. Estava simplesmente apaixonado — doença chronica que ataca os menos desprevenidos da sorte — por uma gentil professorinha. Não quero tirar o sabor de narrativa, não contando aqui o romance que dobrou, pela primeira vez, o vegetal humano de que tratamos.

Esquecêra-me de dizer que elle era extremamente romantico. Apreciava, com lagrimas nos olhos, a morte infeliz de Desdemona, e suspirava, pensando como seria delicioso o amor de Goethe, encarnando-se em Werther para melhor amar a Carlota de Weimar. E por esta razão, — confessou-me um dia — elle nunca amára: só se casaria com uma Heloisa, pois Abelardo e Heloisa, na historia, tinham formado um par celebre a quem elle idolatrava. Procurava assim, sem fazer sentir, suavizar a lembrança do rude Legionario que tivéra por pae: por sob a capa brutal do soldado, existia o poeta...

Um domingo, voltando do cinema, rumo á casa, no seu passo habitual de automato, cruzou com um grupo onde se destacava, pela sua belleza, graciosa creatura encantadoramente envolvida em suave vestido de crepe Georgette. Ao passar por Abelardo, olhou-o, como se olha um reclame, um poste, um bonde. Olhou-o sem vêl-o, como commumente se diz. Mas abelardo — escrevo-lhe o nome com minuscula, porque naquelle momento elle diminuiu — sentiu aquelle olhar, com todas as véras da alma, e, insensivelmente, contrariamente aos seus habitos, voltou nos seus passos e seguiu-a, medroso, disfarçando que estava esperando o bonde, sem que fosse percebido. E seguindo-a, ouviu que uma companheira, da direita, a chamava de Heloisa. Abelardo sentiu subitamente o coração em tumulto dentro do peito e cahiu pesadamente ao chão, hirto, a fitar ironicamente o céo, como si não fosse aquella a primeira vez em que adorava a noite enluarada, contando, automaticamente, as estrellas que recamavam a abobada azulada...

Quando acordou, alguem o sustinha suavemente nos braços: Heloisa...

Por um desses inacreditaveis caprichos do destino, Heloisa, assim se chamava verdadeiramente a diva que incendiára o coração de Abelardo, apaixonou-se pelo methodico rapaz. Inexplicavelmente. Gostou como se gosta de um automovel, como se gosta de um bom motor, de um cavallo de corrida. E o que era inconcebivel, é que um homem-relogio como elle,

---

Em Caxambú, todos gostavam do pequeno engraxate Geraldo. Horrivelmente feio, atrophiado e amarello devido á opilação, parecia mais um macaco do que um ente humano. Esse garotinho rachitico e disfórme era immensamente bom e intelligente, mas, por ser timido, pouco communicativo e muito ignorante, o julgavam tolo. Contava quatorze annos, mas não parecia ter mais de dez. Sentado em frente ao hotel, passava os dias a engraxar os sapatos dos hospedes e todo o dinheiro que ganhava entregava á velha mãe enferma. Seu sonho dourado era aprender a ler, estudar bastante, mas não podia: o trabalho absorvia-lhe todo o tempo.

Uma occasião, um viuvo ricaço e orgulhoso hospedou-se no hotel com uma filha de dez annos. Gostava de zombar do pobre Geraldo e, certo dia, quando o pequeno limpava seus sapatos, disse a um amigo: "Esse engraxate pouca differença faz dum animal irracional; não tem intelligencia e é horrivelmente feio." E sua filha accrescentou: "Elle parece um macaco, papae."

Geraldo soffreu immensamente ao ouvir essas palavras, mas não falou nada. Na noite desse dia, quando chegou á cabana, abraçou a mãe, chorando, e disse-lhe: "Como é triste a vida do pobre! Si eu tivesse dinheiro, estudaria bastante e mostraria a muita gente que me chama de tolo que tenho intelligencia para aprender tudo com facilidade. Hoje, me disseram que pouca differença faço dum animal irracional, mamãe. A timidez e a ignorancia, que me escravizam, impediram-me de mostrar, a quem me disse isso, que sou intelligente, que comprehendo tudo."

Dias depois, hospedou-se no hotel, procedente da capital da Republica, um casal sem filhos e riquissimo. Apiedou-se do infeliz Geraldo e, sabendo que elle tinha muita vontade de se instruir, resolveu educal-o. Quando regressou ao Rio, levou-o e, depois de tratar de sua saúde, internou-o num collegio. Livre da opilação, o garoto cresceu, robusteceu-se e, dois annos mais tarde, ninguem diria que esse rapaz sympathico e forte era o ex-engraxate Geraldo, cujo physico causára repulsão. Conseguira vencer a timidez, estudára bastante e sua grande intelligencia o distinguia de todos os collegas. Perdêra a mãe, seis mezes após ter deixado Caxambú. A pobre velhinha morrêra numa casa de saúde onde os protecto-

---

um homem pacato, um homem que comia a mesma comida, que contava todos os dias as mesmas estrellas antes de dormir, fosse ficar apaixonado como qualquer de nós, e consentir que o coração desandasse aos pinotes, deixando fugir todo o sentimento avaramente armazenado durante annos de viver monotono e sem emoções? E surgia, mais inexplicavel ainda, a resposta: uma professora, um espirito de escól, uma encantadora mestra, de quem seria suave um dos castigos que antigamente nos horrorizavam, quando — escondidos — comiamos nossa merenda antes da hora marcada. Mas eu não sou fiel. Ao despertar, Abelardo fôra preso de grande susto, e, como uma criança, levantára-se e fugira no primeiro automovel que apparecia, não sem primeiro ver, de relance, o numero da casa e da rua onde morava a mimosa professora. E com a cumplicidade do telephone — negro de recados com que não contavam as nossas avós de antanho — conseguiu elle saber, com mais detalhes, todos os informes referentes á sua deusa. E explica-se, assim, a chegada atrazada á repartição e o vistoso collete de gorgorão de sêda que elle vestia...

Rebentou uma bomba na repartição, quando souberam do acontecido, por meu intermedio. Choveram logo sobre a sua mesa os bilhetes de chacota, as flôres murchas, e, — o que é peor — os muchochos de desdém das repudiadas dactylographas. "Uma professora", diziam, com olhos esbugalhados, certamente, um fiozinho de barba no queixo, oculos pretos, descadeirada, sempre com um dêdo levantado a inquirir uma récua de alumnos ranhentos e sujos. Não podiam conceber uma professora encantadora e perfumosa, que envergasse, com tanto garbo e mimo, um tão gracioso vestido de crêpe georgette que primeiro ferira os olhos assustados do meu amigo. Tudo é inexplicavel, mas se explica. Eu conheço uma senhorita que um dia teve uma vontade immensa de comer borrachos. Não houve appellação. Mandaram a criada buscar o alimento desejado, e, na volta, tendo debaixo do braço, pellado, os innocentes animaes, a serviçal supportou tremenda tempestade, demandando a sua casa, a pé. Pois bem: quando a voluntariosa joven viu os cobiçados acepipes debaixo do braço da criada, pellados, molhados, com grandes olhos esbugalhados, teve mal asco, que hoje nem póde ouvir falar nelles. Talvez que, si um dia a mimosa Heloisa — e eu lhe applaudiria o gesto — visse o feliz Abelardo debaixo do braço de uma criada fantastica, com os olhos esbugalhados, e molhado, talvez o repudiasse, para garbo meu, que a amava tam-

(Continúa na pag. seguinte)

---

res do filho a interessaram.

Quanto mais Geraldo brilhava nos estudos, mais soffria quando se lembrava das injustas palavras depreciadoras que o hospede ricaço do hotel de Caxambú proferira a seu respeito.

Tristemente, costumava dizer a seus bemfeitores:

"O capitalista Alvarenga achou-me sem intelligencia e quasi igual a um animal irracional. Queria encontral-o agora para lhe perguntar si elle, com suas idéas curtas e ignorancia, é mais intelligente e instruido do que eu, que só tiro notas optimas nos exames e sempre sou elogiado pelos professores."

Aos vinte e tres annos matriculou-se na Faculdade de Medicina e empregou-se no Correio Geral. Foi obrigado a arranjar collocação antes de se formar, porque o casal que o protegia não mais o podia manter: estava quasi arruinado. Perdêra muito dinheiro em máus negocios e já tinha quatro filhos.

Geraldo terminou o curso de medicina brilhantemente, ganhou o premio de viagem á Europa e decidiu ir praticar nos hospitaes de Berlim. No vapor que o

Beatriz Costa Amaral

transportou á Allemanha, encontrou-se com o viuvo ricaço que o depreciára em Caxambú e com sua filha, a ex-garotinha desdenhadora que o achára semelhante a um macaco. Reconheceu-os e planejou uma vingança: resolveu conquistar a joven e, depois de a ver bem apaixonada, dar-se a conhecer e desprezál-a.

Mas, quando conseguiu que a moça o amasse, enamorou-se loucamente della. Não pensou mais em vingança; pelo contrario, passou a soffrer horrivelmente, temendo que o capitalista Alvarenga e a filha o repudiassem ao saber que era o ex-engraxate do hotel de Caxambú. Mas teve a grande felicidade de, quando, mezes mais tarde, se dar a conhecer e pedir a moça em casamento, escutar as seguintes palavras do pae desta: "Com muito prazer consinto que Amalia seja sua esposa. Sua origem humilde, em logar de me entristecer, alegra-me. Para mim, tem mais valor o pobre obscuro que procurou instruir-se e conseguiu elevar-se pelo saber, tornar-se culto, do que o rico ignorante, que sempre teve meios e não quiz nunca estudar." E sua filha accrescentou: "Mesmo que sua origem desgostasse papae, Geraldo, elle não se opporia a nosso casamento para não me fazer infeliz."

bem. E, apesar dos conselhos — de amigos, ao Abelardo, de amigas, a Heloisa — um bello dia de junho casaram-se. Mas Deus certamente os perdoaria, porque certamente não sabiam o que faziam...

Ouvi, certa vez, algures, alguem contar uma anecdota em que, durante a guerra, dois soldados se haviam encontrado numa trincheira. Crivaram-se de perguntas:

— Por que vieste á guerra?

— Sou solteiro, a vida é insipida. Ademais eu amo a guerra. E tu?

— Lamento. Sou casado, e amo a paz. Por isso vim...

Essa ligeira anecdota illustra, de modo cabal, a vida de casado de Abelardo de Rastignac. De exemplar, passou a detestado. Constantemente chamado á ordem, na repartição. Não era o mesmo meticuloso de antigamente, em seu viver modesto. Por sua causa, muitos vizinhos chegavam atrazados ao trabalho. Não era mais o

ABELARDO E HELOISA

(Conclusão)

homem que diariamente, antes de dormir, contava as mesmas estrellas que enfeitavam de prata o céo tropical. Com seus vinte annos irrequietos de pomba, Heloisa transformára a vida do pacato funccionario em repartição publica, onde só havia desordem. Não tivéra paixão, e sim unicamente a vontade de ter o titulo de "esposa", e, alem do mais, aquelle sonoro nome "de Rastignac". E, apesar de tudo, continuou a leccionar, na garrida escola publica, onde a esperavam sempre as graçolas estudadas de Ennes, o novo inspector, que era a "menina dos olhos" das professoras. E embora se começasse a cochichar logo em seguida, Rastignac não dava ouvidos á maledicencia. Na repartição, elle era escravo do trabalho, e do seu paletot surrado, como o soldado medroso que no meio da batalha arremete furioso contra o inimigo, mal ouve atraz de si a voz do sargento que commanda que elle não tenha medo.

Em breve, entretanto, "Madame Rastignac", em virtude de certas responsabilidades decorrentes do casamento, teve que abandonar o emprego de professora, com os votos de felicidade de collegas. Houve mesmo um mais bondoso — o inspector Ennes — que lhe prometteu arranjar umas férias...

Abelardo de Rastignac suspirou, radioso, quando lhe nasceu a filha, a quem se apressou a dar o suave nome de Heloisa. Era a sua tranquillidade que ganharia de novo, com a nova responsabilidade da formosa esposa. Mas os contratempos não tardaram. As visitas. Os presentes. As flôres. Parecia que todos, na repartição, eram outros tantos "paes" da criança. E nem assim poude o desventurado, como antigamente, voltar a contar, calmamente, as estrellas que polvilhavam o céo tropical.

Heloisa deixára de ser professora, mas tornára-se uma feminista acerrima. Vestia paletot de homem, com collarinho e gravata, mas sempre mulher, interessante, graciosa, vaporosa, suave, palmilhando as avenidas com aquelles dois mimosos pés irreaes de "Trilby", e aquellas pernas nervosas que fariam enlouquecer a um Praxiteles. Divertia-se, agora, com os collegas e companheiros do marido. Era da moda, segundo dizia. Elle que creasse a Heloisa. E "elle" creava mesmo. Nascêra para mãe, para timido, pacato, ordeiro; nada dizia, nada reclamava. Nem mesmo no dia do anniversario de Heloisa — a mãe — elle soube protestar, quando o Ennes, o galhardo inspector, lhe levou a esposa ao theatro. Deixou — justificava se porque a esposa era linda e moça. E mocidade requer mocidade. Ella era casta e virtuosa, e, demais, o Ennes parecia tão sério...

Abelardo de Rastignac agora era a unica "mãe" da filha, emquanto a esposa, que era o "pae" da familia, continuava firme na crença do feminismo. E, ao seu lado, fervoroso adepto, querendo apenas divertir a esposa do amigo, o Ennes. E Heloisa agora crescêra, entrando em seus radiosos quinze annos, era o legitimo orgulho da "mãe", emquanto, abandonando o esposo, Heloisa se entregava de corpo e alma á campanha — santa, dizia ella — do feminismo no Brasil.

Mas, um bello dia, Ennes, o inspector, verificou que Heloisa, [illegible] mãe, já estava ficando pesada, com mal disfarçadas rugas e indiscre-

los pés de gallinha, emquanto a filha, outra deliciosa Heloisa, despertava para a vida. E pensou, satanicamente, em colher, ainda tenro, aquelle fructo. E, mais matreiro que um arabe, calculou que a melhor maneira de chegar á filha era continuar com a mãe. E, com subtileza, fez ver a "madame Rastignac" que duas bellezas juntas faziam mais effeito do que uma só; que ella deveria levar sempre comsigo a filha, seu retrato vivo. E com esses "pizzicatos", subtis na vaidade humana, conseguiu que a filha acompanhasse a mãe nos passeios diurnos e nocturnos, em prol do feminismo. E Abelardo não soube protestar. Ia, emfim, poder novamente contar as estrellas que polvilhavam de prata o céo tropical de sua terra...

E quando, um bello dia, voltava, cansado, ao seu lar modesto de lutador, encontrou-o vazio. E umas torpes linhas lhe manchavam o leito, até então intacto:

— *E eu gosto muito de ti Abelardo, mas vou-me com o Ennes. Elle comprehende melhor do que tu, a santa campanha do feminismo. Levo Heloisa commigo, para ajudar...*

Tua Heloisa.

"P. S. *Adeus, paesinho... Heloisa!*"

De Rastignac agitou-se, intimamente, cruelmente ferido pelo inesperado, encolheu-se, encorujou-se, a sós com a sua grande desgraça. Doía-lhe, desesperadamente, não a mãe que fugia, mas aquelle laconico e sentimental "adeus, paesinho", traçado, coagida, tinha certeza, pela filhinha querida. Mas acostumou-se como todos nós nos acostumamos com as grandes dôres. Voltou a ser o automato de antigamente, mais sêcco, mais rispido, mais concentrado que nunca. Sabedores do seu incommensuravel soffrimento, os collegas evitavam-lhe as allusões ferinas. E voltou a ser vegetal...

Mistéres varios atiraram-me para longe da Patria. Perdi, assim, de vista o romantico e infeliz companheiro. E quando voltei, soube da tragedia, por um bohemio qualquer, frequentador dos cabarets. Num dia de carnaval, Rastignac apparecêra por lá, fantasiado de Pierrot, semi-bebado, aos beijos e abraços com as mundanas frequentadoras do antro. Estava empenhado na conquista de uma Colombina de mascara azulada, joven, que o atiçava com olhares ardentes, sabiamente distribuidos. Entraram em um gabinete reservado elle, incendiado pelos vapores do alcool, ella, espicaçada pelo sabor da aventura. Possuia-o o desejo louco de beijar aquella bôcca onde adivinhava a felicidade, para apagar o travo amargo da desillusão que lhe empolgava a alma, pobre Rastignac!, a quem todos os carnavaes do orbe não extinguiam a dôr. Cahiu, a principio, o vestido curto, desnudando o collo de jaspe. O palhaço procurou-lhe a bocca; beijou-a com frenesi, e com um brusco repelião, arrancou-lhe a mascara, emquanto desatava a sua. Dois gritos escaparam de duas gargantas angustiadas:

— Heloisa!

— Papae!

O homem ficou mudo, immovel, rigido, como si uma corrente electrica lhe percorresse os nervos. Tremeu o corpo todo, monstruoso, abrindo a bôcca enorme, contrahida num esgár nervoso, para dizer qualquer coisa, para protestar, talvez para abraçar a filha perdida. Mas poude apenas cambalear, girar nos calcanhares e cahir ao solo, morto, numa posição grotesca de clown barulhento de picadeiro barato.

Commettêra, assim, a primeira e ultima violencia de sua vida: morrêra. Violentamente, estupidamente, em pleno carnaval, como um palhaço, como um soldado cujo pulmão, no fragor da batalha, se enche de mortiferos gazes: olhos voltados para o céo, tristes, contando, ironicamente, as estrellas que polvilhavam de prata o céo tropical...

L. PAUVRE (Parahyba) — A sua carta é um *bluff* magnifico. Vasada num papel lilás, de puro linho, a primeira impressão que nos dá é a de tratar-se de uma senhorita. Aberto o enveloppe, verifica-se que o missivista é um simples barbado.

Escreve o sr. com encantadora modestia:

"Caro Sr. Yves. V. Ex. por certo não experimentou ainda essa ansia tão indefinivel, tão complicada mesmo, de individuo humilde que se dirige a outro, contrastavelmente superior... Com esse mesmo sentimento, aliás, confrontam-se o devedor e o credor; o condemnado e o juiz; o plebeu e o nobre; a mulher infiel e o marido austero... Antes de consumar-se um facto, os seus provocadores se chocam, naturalmente, na *ansia* de conhecer-lhe o resultado.

Assim se me apresento, Sr. Yves, medroso, inconsciente, até. Porque a minha mentalidade fornece um termo muito grande de comparação, deante da sua. Não ha ironia, positivamente, nessas cousas que eu acabo de lhe dizer. O que ha, somente, é um profundo respeito que nutro pela sua pessôa illustre de poeta fino e prosador ironico.

Comtudo, a despeito do mêdo, e da inconsciencia — da ansia descripta, finalmente, vae ahi o motivo pelo qual tomo a liberdade de vir á sua presença:

E' erro dizer-se — "Um e outro vão"?

O pedido de informação é insignificante? De qualquer fórma, antecipo-lhe os meus agradecimentos, aproveitando-me do ensejo para abraçal-o cordialmente (se consentir na saudação) — *L. Pauvre.*"

Antes de tudo: "Um e outro vão" é uma phrase correcta. Porque o sujeito composto — "um e outro" — pede o verbo no plural.

Em segundo logar passarei a commentar a sua carta.

Diz o sr. que ha uma superioridade contrastavel, chocante entre o devedor e o credor, o condemnado e o juiz; o plebeu e o nobre; a mulher infiel e o marido... Não concordo. Na maioria dos casos o devedor está em plano superior ao credor. Primeiro, porque *deve* e não paga. E' signal de que o devedor está em situação peor; depois, porque, quem deve, demonstra ser pessôa que merecia fé e as attenções do credor.

Muitas vezes, o juiz é mais criminoso do que o réo a quem condemna. O plebeu só é inferior ao nobre quando este possue fortuna. De resto, isto de nobreza é velharia que os principios equalitarios, predominantes, em muitos paizes, por força da importancia financeira dos plutocratas, e das revoluções sociaes, que se vão operando, a despeito de tudo, já não é levada em conta, como nos aureos tempos em que imperava o prestigio dos sceptros e das corôas.

Quanto a mulher infiel e o marido austero é tolice... Qual é a Eva que se considera inferior ao marido, pelo facto de ser julgada infiel? Nellas, a infidelidade é um motivo de superioridade. E' prova de coragem, de intelligencia, de espirito de independencia e altivez. Sim, porque a arte de ser infiel, comquanto sendo uma arte feminina, é uma das mais difficeis.

E o homem? Só o facto de se confessar traido é prova de covardia, de fraqueza, de pouca intelligencia e sagacidade.

Logo, quem é superior, no caso?

J. SANTIAGO (Pernambuco) — Meu caro poeta. Não lhe escrevo em caracter particular porque não sei o seu endereço. De resto, o meu tempo é excassissimo.

O sr. me prestaria um grande obsequio, e seria mais camarada meu, si me enviasse alguns jornaes de Pernambuco, notadamente os que me interessam...

Quanto ao seu poema, elle espera vaga. E' muito longo. Tem essa inconveniencia. Por que não escreve menos?

RECTIFICAÇÃO (Capital) — O sr. Theocrito de Castro Alves das Neves, academico de medicina, residente á Av. 28 de Setembro, 337, pede-nos declarar que não se entende com a sua pessôa, a nota que demos em nosso numero 14, de 2 de abril do corrente anno, a qual está assim redigida: "Gilberto Veiga (Capital) — Conforme a solicitação que fez ao *Fon-Fon*, declaro que as capas que nos entregou, dizendo serem do sr. Theocrito de Castro Neves, não foram por nós publicadas. Isso basta para provar que nunca lhe fizemos nenhum pagamento pelas mesmas. O motivo da sua não publicidade é bastante conhecido pelo senhor.

Esta nota pode muito bem constituir um elemento de defesa para o senhor."

MACARIO (Maranhão) — Eis a carta que o sr. me dirige, com a austeridade e a velharia do tratamento de *vós*, indicando, assim, que ou é funccionario publico, ou orador de casamentos: "Vós, os noivos felizes, que acabaes de voltar do pé do altar, deveis comprehender a responsabilidade que pesa sobre as vossas cabeças"... etc, etc, estendendo-se, por ahi afóra, numa série de logares-communs.

"Lá vae a carta:

"Exmo. Snr. Yves. Lendo, ha pouco, a apreciada e atrahente revista o "Fonfon", deparou-se-me uma interessante secção "Saibam todos" — que obedece á vossa sabia direcção. Nessa secção, dizeis, são prestadas quaesquer informações. Posto isto, peço-vos, como erudicto graphologo que sois, informeis-me onde poderei adquirir livros que versem sobre grapho-

cia. Inicio-me no estudo de tão util quão difficil sciencia e como os livros que possuo são defficientes, recorro ao sabio snr. Yves, que certo, prestar-me-á tão grande obsequio, atravez das paginas de "Fon-fon".

Procurei em varias livrarias do Rio e S. Paulo livros de graphologia e não os encontrei. Outrosim rogo-vos dizerdes-me na secção que obedece a vossa sabia orientação, algo sobre meu caracter.

Que dizeis da minha vontade? Meu pseudonymo é "Macario." Sou vosso amigo grato."

Vê-se mais que, além de orador de banquetes de casamentos, o sr. caro Macario, é tambem o descobridor da polvora, em... 1932.

Quer dizer, só agora o sr. descobriu no *Fon-Fon*, "a interessante secção *Saibam todos...* que obedece á minha sábia direcção..." Claro! Que me diz?

Parabens, illustre cavalheiro. Sempre possue dois bellos titulos importantes: tribuno e descobridor da polvora...

Vamos, porém, ao que deseja: livros de graphologia.

Primeiramente, o sr. deve informar quaes são, depois da descoberta do explosivo, os livros de graphologia, que já tem... descoberto.

Sim, porque desejar que lhe indique obras sobre essa grande sciencia, é o mesmo que pedir livros para estudar medicina, engenharia ou receitas de doces.

Graphologia, caro Macario, é uma sciencia séria, que exige o conhecimento de varias outras.

Pelo menos philosophia e, dentro desta, a psychologia. Um pouco de medicina, comprehendendo physiologia e physica e chimica, senão profundamente, pelo menos os seus rudimentos.

Depois disso, necessita ler varios tratados, inclusive o *A B C* de Crépieux Jamin e outros, como o "Traité Pratique de graphologie", do mesmo autor. Depois, é mister aprofundar-se em outros trabalhos mais complexos, estudando, com afinco, e de per si os grupos e as diversas sub-divisões da graphologia, sem esquecer que deve dispor de vasta e variada correspondencia, firmada por individuos dos dois sexos e de todas as idades, accrescendo que essa correspondencia deve obedecer a certas circumstancias, como por exemplo, — o grafismo normal, autographação authentica, texto exprimindo o dynamismo psychico, (uma carta onde se patenteiem os emoções e os sentimentos de quem a escreveu) e outros detalhes que só se aprendem com um professor.

Depois de tres ou quatro annos de estudos consecutivos, o sr. estará habilitado a vêr uma letra e affirmar: "O autor soffre de tal molestia, tem este ou aquelle defeito, esse ou aquelle physico", etc. Agora, querer que lhe indique livros de graphologia, assim, *à la diable*, é o mesmo que lhe dar uma bicycleta para que o sr. a monte e dê uma corrida nella — antes de qualquer exercicio. Quer dizer, qualquer livro de graphologia nas suas mãos faria o effeito daquella bicycleta...

CLAUDIA (João Pessôa) — Não é facil a resposta da sua consulta. Ella dá mesmo o que pensar.

Vejamos o que deseja saber. Dois pontos:

"Yves: Peço-lhe responder-me pela sua seção "Saibam todos" as seguintes perguntas:

— Quando sentimos ciume de uma pessôa que gostamos, é porque a amamos verdadeiramente?

— Ou pode-se ser ciumenta sem existir verdadeiro amôr?

Estou na ultima hipotese: sou ciumenta em excesso, mas não sei se amo verdadeiramente.

Queira esclarecer-me sobre este assunto.

Desde já confesso-me sinceramente grata. — *Claudia*."

Pensei longamente na sua pergunta. E sabe a resposta que encontrei? Esta, unicamente esta:

Para se saber si o ciume é um sentimento razoavel, num caso de amor ou não, o principal não é verificar si a pessoa ama ou não ama, mas constatar si a cabeça della está pregada no pescoço, com o nariz para frente. Ha casos em que está pregado ao contrario, e muitas vezes não está pregada de modo algum... Portanto, o ciume, a meu vêr, é um mal (ou um bem?) que depende muito da extremidade superior do corpo humano.

Ha casos em que ella está bem collocada no pescoço — mas em completo estado de avaria. Em taes circumstancias, o ciume é nullo ou demasiado, razoavel ou absurdo. Então, a pessôa faz umas coisas que o vulgo chama loucura, ma'uquice, asneira, etc e tal, mettendo os pés pelas mãos.

O melhor de tudo é o paciente tomar uma vaccina contra o mal do ciume, arranjando "outra" ou "outro", e enviando ao provocador do "mal" uma figa de coral ou de madeira — que é mais barata — adquirida em qualquer candomblé...

Si não si der bem com esta receita, queira voltar, que prescreverei outra mais segura...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4135

FON-FON — 23-4-932

Data da consulta..............

Nome do consulente...........

....

DIALOGO

Personagens: *Paulo Lazy — escriptor. Christiano Junqueira — promotor publico.*

I

Paulo. — Ha escriptores nossos de indiscutivel mérito, cujo nome, no emtanto, é apenas conhecido, aqui no Rio, dos intellectuaes. Um exemplo?... O Eduardo Frieiro, o admiravel romancista mineiro.

Christiano. — Eduardo Frieiro?!...

Paulo. — Sim. E' elle um pensador ágil, que aborda e discute, nos seus substanciosos livros, os themas mais complexos. Senhor de uma cultura pouco commum, faz empenho de a collocar em destaque nos seus escriptos. Fál-o, porém, sem pedantismo e com tal concisão e elegancia, que o seguimos até a ultima pagina agradavelmente surpresos... Lêl-o é um regalo para os que amam a arte de escrever bem. O "Club dos Graphomanos", seu livro de estréa, mereceu de João Ribeiro a seguinte apreciação:

"— A minha ignorancia é grande, mas não suppuz ser ella tamanha ao lêr este livro. Eduardo Frieiro pareceu-me ainda um pseudonymo. Não me resigno a acreditar que um escriptor, como esse, me fosse desconhecido."

Do "Mameluco Boaventura", o segundo dos quatro livros de Eduardo Frieiro, escreveu o mesmo João Ribeiro:

"... E' o livro de um escriptor feito e completo e deve ser considerado um dos melhores romances da época."

Além de João Ribeiro, os srs. Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos, Monteiro Lobato, e outros não regatearam applausos ás obras do romancista mineiro, que é, incontestavelmente, um bello e profundo escriptor.

Christiano. — A arte de escrever é difficillima. Exige muito trabalho...

Paulo. — E' necessario polir e repolir a phrase, incansavelmente. E todo bom escriptor, por mais inspirado que seja, tem que se submetter á rude disciplina...

Christiano. — Si quizer ser lido!

Paulo. — Não. Para ser lido, é bastante escrever contos ou romances que versem assumptos escabrosos, apimentados.

Christiano. — Parecer dúbio, ao meu vêr.

Paulo. — Livros de tal natureza, não ha negar, dão popularidade aos seus autores.

Porém, o mundo intellectual só inscreve no livro de ouro dos artistas da palavra aquelles que, como o Eduardo Frieiro, conheceram a tortura do estylo e créaram obras humanas.

Christiano. — Injustiça! Alexandre Dumas e outros romancistas de capa e espada deviam merecer maior apreço dos homens de letras. De que portentosa imaginação não dispunham!

Paulo. — De accôrdo. Tudo entretanto, é relativo.

Os romancistas de aventuras têm a consagração do publico; os romancistas psychologos e pensadores, a dos intellectuaes. Qualquer carregador de fardos conhece, ao menos de nome, o créador de Rocambole, ao passo que, mesmo nas camadas elevadas da sociedade, bem poucos terão lido Flaubert.

Christiano. — Que prova isto?

Paulo. — Prova que o gôsto se educa.

Christiano. — Com a leitura, que é, já se disse, tambem uma arte...

Paulo. — E difficil. E' a leitura escolhida uma fonte perenne de satisfação. E' o manancial em que buscamos lenitivo ás nossas máguas, esquecimento para as injustiças dos homens, estimulo, nos exemplos, para persistirmos na luta, onde o choque das opiniões e das inconfessaveis ambições, do egoismo e das vaidades — agita os guizos de nossas almas de comediantes como se agita um chocalho.

Christiano. — Pessimo?

— E não é a vida a maior escola do pessimismo?

Christiano. — E da duvida...

Paulo. — A duvida!... A duvida, na vida pratica, é o chloroformio da energia; como altitude literaria, é creadôra de obras primas. Machado de Assis é um exemplo typico. No livro "O sabio e o artista", traçou Pontes de Miranda a melhor pagina que conheço a respeito.

Christiano (*consultando o relogio pulseira*). — A palestra está bôa, mas... E' mister deixar o mundo das idéas e tornar á realidade. A realidade é uma accusação que tenho a fazer.

Paulo. — Quem é o réo?

Christiano. — Um sujeito que esfaqueou outro, por causa de uma negra boçal.

Paulo. — Acceite um conselho: antes da accusação, leia Homero. Elle lhe ensinará a fazer uma descripção pormenorizada, palpavel do crime; e você, si o imitar com talento, emocionará os jurados e conseguirá a condemnação do réo, por melhor que seja o advogado de defesa.

Christiano. — Obrigado pelo conselho e adeus!

Paulo. — *Até outra vez.*

José Maria Senna

O DUPLO CRIME

AINDA não era meio-dia, quando o meu pequeno Ford chegou ás portas da penitenciaria de Fernando Noronha. Parei o meu carro, que, naquellas paragens, parecia principesco, tirei o meu lenço e passei-o ligeiramente sobre o meu rosto empoeirado. Sahiu cinzento e molhado, tal era o calor que alli fazia. Estava eu completamente suado, e dei-me por feliz quando vi á minha frente aqueles altos portões de ferro que seccionavam a liberdade de centenas de sêres humanos.

A sentinella, quando me viu, fez um aceno que eu não comprehendi bem; mas, poucos minutos depois, dois fortissimos soldados abriam as enormes placas de aço, que lentamente deixaram no meio um pequeno vão por onde penetrei. Não sendo conhecedor daquella pensão do Estado, vi-me á face de um negro de alta estatura, que me indagou, com uma voz rouca e mesmo aspera, o que desejava.

Tomando, então, a minha posição normal, respondi-lhe:

— Diga ao director da penitenciaria que sou o capitão-tenente Araujo Rosa, e venho entregar-lhe uma mensagem do commandante da divisão naval que se acha agora nesta ilha.

A face do soldado tomou logo outro aspecto mais suave. Perfilou-se e saudou-me militarmente. Deu-me até uma bôa poltrona para que eu esperasse em uma sala de entrada pela decisão do director.

Era natural que o negro me tomasse por um intruso ou um reporter de jornal, pois, além de estar elle somente mez e meio, naquella ilha, eu me tinha apresentado á paisana. Não esperei mais de tres minutos, pois o mesmo soldado de ébano veiu, muito delicadamente, me prevenir que o sr. director estava á minha espera. Entrei, afinal. Mais portas de ferro, e, finalmente, um extenso pateo todo cercado de altas muralhas e o edificio da penitenciaria. Fui introduzido por uma infinidade de corredores e, por fim me encontrei em presença do chefe do presidio, alto, magro e grisalho.

Fiz logo amizade com o bom velhote. Entreguei-lhe a mensagem e depois tivemos uma longa e interessante palestra, que tocou em varios pontos tanto da vida fogosa do Rio de Janeiro, como da vida soturna daquella insipida ilha do Atlantico, completamente isolada do mundo inteiro, densa floresta, sol causticante ou chuva torrencial, céo azul ou cinzento, quasi negro.

Quando sahi do gabinete do director, batia a sineta para a hora do almoço. Fiquei abysmado ao vêr a ordem que alli reinava. O mais disciplinado batalhão não superaria aquelle isolado presidio. Percorri com o director todo os recantos até os mais obscuros, daquella solitaria detenção. Ao me despedir do bom senhor, que me convidou a renovar a visita e declarou ter muito prazer em palestrar commigo, ouvi tres tiros consecutivos. Claro foi o meu espanto; olhei para o director como que indagando o motivo dos tres estampidos. Elle limitou-se a sorrir e dar esta simples, mas significativa resposta:

— E' natural, capitão, que não saiba o significado dos tiros, pois só nos conhece de nome. E' apenas mais um detento que tenta escapar. Espere um momento e verá o caso que se dá quasi todo o dia.

Appareceu logo um guarda, que disse:

— Sr. director, um presidiario tentou escapar; as sentinellas fizeram fogo. O pobre homem parece gravemente ferido.

— Identifique-o immediatamente.

Um minuto ainda não havia decorrido quando o mesmo guarda voltou trazendo uma ficha do archivo do presidio. Mesmo sem ser interrogado, o soldado, ainda um tanto cançado da corrida que déra, leu a ficha:

— Trata-se do detento 438. Nome, João Antonio de Sant'Anna. Condemnado por homicidio. Pena 28 annos. Profissão anterior: official do Exercito (1º tenente). Preso desde: 8 de Agosto de 1919. Idade: 24 annos (na entrada).

O director ouviu tudo com uma impassibilidade de assombrar, e resolveu:

— Póde retirar-se, soldado; vou vêl-o na enfermaria.

Caminhámos por um corredor quasi sem luz, atravessamos um longo pateo e, finalmente, estavamos junto ao leito daquelle homem que parecia agonizar. O medico informou-nos logo:

— Uma bala no pulmão; um caso, talvez perdido. Comtudo, viverá ainda algumas horas.

O ferido acordou lentamente de seu desmaio e olhou-nos fixamente durante alguns segundos; depois, virou o rosto, como que envergonhado.

O director approximou-se do infeliz:

— Então, tenente, para que tentou fugir?

— Ouvi alguem falar em liberdade, e esta palavra, que ha tanto tempo não ouvia, começou a exercer sobre mim uma grande attracção. Ouvia sempre alguem repetil-a fóra dos muros do presidio. Tão linda que é a liberdade! Liberdade! Si não fosse ella, eu nunca a teria perdido, nunca minha querida liberdade! A historia do meu covarde assassinio é muito simples, sr. director, muito mesmo.

"Em 1917 dominava no estado da Bahia um terrivel bandoleiro, cuja fama correu o Brasil inteiro. Chamava-se elle Pedro de Pedra, e era chefe de uma quadrilha composta dos mais atrozes carrascos que se podessem conceber. A policia estadual era impotente para derrotál-o e mesmo fugia do terrivel bandido. Formou-se, então, no Rio de Janeiro, um voluntariado para dar caça ao grande bandoleiro bahiano. Eu e um segundo tenente chamado Mathias Rabello nos apresentámos tambem. Findo o alistamento, verificou-se o total de cerca de 300 homens. Eu, como era a patente mais alta dos alistados, fui designado para commandál-os, tendo como immediato o tenente Rabello.

"Festivamente, partimos e nos internámos pelo interior bahiano até Joazeiro, onde resolvemos nos estabelecer, pois era nas immediações daquella villa que se encontrava o terrivel Pedro de Pedra.

DE JOAQUIM VICTORINO

Durante um mez não se ouviu falar no bandido. Foi em Joazeiro que conheci Martha. Morena, bem morena, olhos verdes. Um cabello que, como uma luva, se adaptava á sua tez morena. Porte esbelto, um rosto lindo, e mais ainda, o seu sorriso, o seu sorriso que me desgraçou, aquelle sorriso que, junto á boquinha esculptural, fazia afundar duas covinhas e mostrava duas ricas fileiras de perolas alvissimas.

Conhecer e amar a essa divinal creatura foi obra de uma semana. Era, então, capaz de fazer tudo para ella, tudo. A bella morena, já de plano, pareceu não me dar muita attenção, e foi á custa de muitos discursos amorosos que ella um dia me entregou uma chave, dizendo:

— Toma; é do meu quarto. Esperar-te-ei ás 9 em ponto.

Nesse tempo já não dava mais nenhuma attenção á honrosa e perigosa missão que me fôra confiada. Meu pensamento se voltava constantemente para a linda bahiana. Naquelle dia, a todo instante tirava o relogio, que me parecia estar andando muito devagar.

Finalmente, quando faltava ainda um quarto para ás nove, botei apressadamente o meu kepi e sahi. Atravessei uma rua, dobrei outra e vi, na janella do numero 17, o bello rostinho da morena phenomenal.

Ella sorriu, fez-me um aceno. Entrei. Recebeu-me alegremente. Conversámos durante longo tempo. Estranhei até a maneira doce com que me attendia. A nossa palestra amorosa se estendeu até uma hora da madrugada.

— Afinal, Martha, tua vida é um mysterio. Vives aqui sem ninguem, e não comprehendo absolutamente a tua existencia.

— Juras, João, que não dirás a ninguem o que vou te contar?

— Juro, Martha!

— Até pelo Senhor do Bomfim?

— Juro por tudo!

— Bem, ouve. Meu pae e minha mãe foram barbaramente assassinados por um fazendeiro destas redondezas. Meu irmão jurou, desde então, tirar uma tremenda vingança, e tornou-se o terrivel bandido que todos conhecem por Pedro de Pedra. E eu vivo aqui pobremente, não tendo ninguem por mim; somente sobre a protecção de meu irmão. Sei que estás encarregado de prendêl-o ou matál-o, não é assim?

— E', realmente, Martha, — respondi-lhe eu, pensando já, no meu intimo em luta, nas consequencias que me traria aquelle amor tão ardente.

— Joãosinho, escuta; não quero que prendas o meu maninho, ouviste? Si o prenderes, não terás mais o meu amor...

A consciencia estava em luta. Faltar aos meus deveres por aquella mulher não era uma deshonra, mas simplesmente um acto humano, tão humano como outro qualquer. Tal era a influencia que Martha exercia sobre mim, que, depois de uma pausa, exclamei:

— Bem, querida, não lutarei contra teu irmão...

— Juras-me?

Nova luta se travou na minha consciencia. Pensei logo que poderia, em caso extremo, facilitar uma fuga ao bandoleiro.

— Juro! — disse-lhe, emfim.

A physionomia da bella rapariga brilhou de contentamento. Quando retornei á casa, o relogio acabava de bater quatro horas da madrugada. Deitei-me muito cançado, para acordar tres horas mais tarde.

Quando abri a porta, se me deparou a figura esbelta do tenente Rabello, meu immediato. Recebi-o festivamente e indaguei-lhe logo qual o motivo que o trazia tão cêdo á minha presença.

— Bom, tenente — respondeu-me elle.

E sentamo-nos calmamente em duas macias poltronas.

— Imagine que o terrivel Pedro de Pedra se acha innocentemente descançado apenas uma légoa daqui. Não acha uma bôa opportunidade para segurál-o com os nossos trezentos homens?

Como eu fizesse uma cara de desagrado, elle proseguiu:

— Não é necessario que o tenente se incommode; eu mesmo poderei commandar os soldados.

— Acho melhor não se expôr a tanto perigo.

Recordando-me da entrevista com Martha, fiz tudo afim de dissuadir o bravo tenente daquella empreza. Tudo em vão.

Numa occasião como aquella, de que maneira poderia fazêl-o fugir do combate?

Tinha tambem muito mêdo que elle me chamasse de covarde. Que fazer? O meu dever de militar dominou-me um momento, e, esquecendo aquella mulher enigmatica, que me atormentava dia e noite, parti á frente do batalhão, afim de dar caça a Pedro de Pedra. Procurei esquecêl-a no caminho, conversando com o meu immediato. Foi bem curta a viagem. Em um claro da floresta, a terrivel quadrilha estava desarmada, e em parte bebada. Ordenei o cerco daquelle pedaço de terreno, e quando os bandoleiros perceberam que estavam completamente assediados e sem sahida, era tarde de mais.

Pedro de Pedra, não podendo salvar os seus tratou de salvar o proprio pello. O tenente Rabello perseguiu-o, e com uma certeira bala derrubou-o da arvore em que havia trepado. Pedro de Pedra cahiu como uma massa, desmaiado e o sangue gottejando. Corri ao corpo do ferido e vi que era apenas uma bala no hombro. Ordenei que voltassem para a villa e levassem numa padiola o ferido.

O tenente Rabello chegou perto de mim e disse, com um risinho de mófa:

— Nunca pensei que fosse tão facil a captura, não acha?

— Realmente...

— Seremos promovidos.

— Talvez.

Todos se retiravam, e, quando me apromptava para seguir na re-

(Continúa na pag. seguinte)

taguarda, eis que vejo surgir, por detraz de uma pedra, o vulto esbelto de Martha. O choque que tomei foi grande.

"— Quebraste o juramento, não foi?

"Abaixei a cabeça, e não respondi.

"— Ainda te resta um recurso, João. Vae libertar o meu irmão na villa.

"Aquelle olhar hypnotizador de Martha me atormentava de verdade.

"— Vaes ou não?

"— Vou, Martha, vou já. Eu o libertarei.

"Montei o meu cavallo e voltei a galope, como que magnetizado por aquella creatura divina. Rapidamente, chegarei á villa. O povo se agglomerava em torno da cadeia rural. O Pedro de Pedra já voltára a si, e tanto fez que, mesmo ferido, foi posto no carcere. Somente o tenente Rabello conseguiu entrar em conversa com o bandido, e palestravam amigavelmente.

Impassivel, entrei tambem no carcere, resolvido a libertar o irmão de minha amada. Fechei a porta, e, friamente, covardemente, traiçoeiramente descarreguei toda a minha arma sobre o infeliz Rabello. Em seguida, dei a mão ao bandido, que assistia aquillo tudo muito admirado, abri a porta, e com elle corri até o meu cavallo.

O DUPLO CRIME

(Conclusão)

Galopámos até onde se achava Martha. Quando dei por mim, já era um assassino e traidor. Num estado de quasi inconsciencia, fui facilmente capturado.

"Levado para o Rio de Janeiro, fui submettido a conselho de guerra, sendo condemnado, por traição e homicidio, a perder os meus galões e a 28 annos de cadeia. E agora, depois de ter passado aqui doze annos, ouvi falar em liberdade... liberdade..."

O pobre condemnado parecia exhausto no fim de uma tão triste e longa narrativa. Seu rosto tornou-se extremamente pallido, e já se lia nos seus olhos a morte imminente.

Virei o rosto, impressionado com aquelle quadro agonizante. Ouvi ainda o pobre ferido pronunciar umas palavras sem sentido, e, quando voltei o rosto, o guarda que estava aos pés do leito tirava respeitosamente o seu chapéo...

IMAGINAÇÃO — *Ella*. — pensa querido, que dentro de vinte e cinco annos, a contar de hontem, celebraremos nossas bôdas de prata!

(De "Punch", de Londres)

A MINIATURA

De Paulo Lacour

ELISABETH abriu com curiosidade a caixa cuidadosamente fechada por diversas capsulas de cêra que acabavam de lhe entregar. Ella encontrou uma miniatura do seculo XVIII, rodeada de brilhantes, que, na vespera, havia chamado a sua attenção na exposição de vendas. Lembrava-se de ter dito, não sem intenção, ao marido: "Aqui está um lindo presente para me offereceres no anniversario de nosso casamento." Albert Loubat limitou-se a responder por uma especie de resmungação pouco comprehensivel, mas evidentemente negativa. Teria elle arrependido? Não era do seu feitio. Teria esperado ou a data fatidica ainda distante ou pedido a assignatura d'ella, pois eram casados sob o regimen de separação de bens. Suas liberalidades eram sempre calculadas.

Linda coisa, em todo caso, essa pintura sobre esmalte em que, n'uma sumptuosa decoração oriental, resaltava o altivo desdem d'uma rainha deslumbrante, digna, como Cleopatra de vêr a seus pés o dono do universo.

O artista egualará, pela finura, da execução, a graça indizivel do modelo. Absorvido, Elisabeth não percebeu chegar o marido. O gesto para dissimular o objecto foi um pouco tardio.,

— Que escondes, disse elle?

Ella sem hesitar, mostrou-lhe a miniatura.

— Como! Compraste isto?

— Não.

— Mas então?

— Si não fôste tu, não sei quem poderia ser.

— Achas que eu poderia fazer semelhante loucura?

— Porque não?

— Este objecto deve ter um grande valor. E' aquelle para que me chamaste hontem a attenção?

— Certamente.

Albert Loubat examinou a caixa e a assignatura.

— Não conheço, essa letra, disse elle em tom aspero, e tu, não desconfias de onde vem esse presente?... Não... Está bem.

Afastou-se com um sorriso insolente. Elisabeth serrou os dentes, tremula, insultada com aquella attitude. Ella respondera com a maior sinceridade. Mas eis que uma idéa absurda, sem duvida, atravessára-lhe o espirito e por mais inverosimel que fôsse, impunha-se.

Ella via, junto á si, debruçado sobre a montra, um joven cujo olhar havia cruzado com o seu. Ella o via ainda n'outras salas, abordando amigos, os Pallu, com quem seu marido e ella acabavam de conversar. O manejo era muito banal para que elle se offendesse. Ella era d'essas parisienses que se destacam e se seguem. Não dava attenção. Muito menos podia suppôr, imaginar que esse homem estranho fôsse se tornar o comprador d'aquelle retrato para lh'o offerecer. Não era muita phantasia? E da parte d'esse rapaz, de physionomia agradavel aliás, que absurdo!

Absurdo não para os que conheciam Max Dayot. Elles o sabiam, capaz de tudo, esse original, pondo a tranquilla audacia e a grande fortuna, ao serviço de seus prazeres. A distincção de mme. Loubat, vista já no thaetro havia produzido, sobre o joven profunda attenção. E eis que o acaso lhe offerecia a occasião inesperada de ouvir e de adivinhar em parte o breve colloquio dos esposos. Que sorte! Elle resolveu substituir o marido. Rebelde, tanto mais que o acaso, que decididamente o acompanhava aquella tarde, punha-o em presença de amigos communs, os Pallu. Eu não era homem para !

(Continúa na pag. seguinte)

desprezar essa opportunidade. Pediu e obteve todas as informações desejaveis sobre os Loubat. Lar desorganizado onde os conjuges parecem de especie differentes, e incapazes de se comprehenderem. Em uma palavra, Elisabeth era muito mal casada. Com esses informes, Max Dayot ousou... Mas elle havia esbarrado com uma mulher digna. Mme. Lolbat resolveu fustigar sem embargos uma impertinencia que a aborrecia. Ella telephonou corajosamente, a Dayot para mandar buscar um objecto raro, que havia sido entregue por engano. Max não deixou de vir em pessôa, e, immediatamente, desde que se encontrou em presença de Elisabeth, tomou a offensiva com audacia de que era contumaz e aggressiva bonhomia:

— Como adivinhou, madame, a origem d'essa dadiva anonyma?

A MINIATURA

(Continuação)

— Ninguem, que eu saiba, podia tomar tal liberdade, ninguem que não seja alguem que não me conheça. Mas eu o vi na exposição de vendas, olhar como meu marido e eu, essa miniatura (ella a trazia na mão) e conversar em seguida com os nossos amigos Paillu, comprehendi... Max Dayot interrompeu-a vivamente:

— Por mais estranho ou disparatado que lhe pareça o meu procedimento, não deve vêr n'elle, peço-lhe, a menor falta de respeito. Longe disso, madame, pois sei quem é e curvo-me respeitoso a seus pés. Sem duvida, vae me censurar acremente, sei que o mereço, mas não abuse de'sse direito. Sou irresponsavel. Tomando o lugar de seu marido, cedi á uma força superior, irresistivel, ousarei dizer divina, madame. O coração tem suas razões...

A volubilidade de Max era tal que não podia ser interrompida. Tinha ao mesmo tempo um ar de innocencia e sinceridade cheio de encanto, d'um encanto que desarmava e ao qual Mme. Loubat não poude resistir. Mas ella era d'essas naturezas que se collocam acima do perigo. Interrompendo com um gesto a tirada do apaixonado, respondeu-lhe com frieza:

— Admitte que eu possa vêr sem revolta a pretenção de querer entrar a minha vida á força? Attribuo á uma especie de inconveniencia que não serve de desculpa. O que é certo, é a insolencia do seu acto. Fazendo-me essa dadiva, por quem me tomava?

— Disse-lhe, minha senhora,

ISTO não é historia a Gonçalo Trancoso; é uma fabula que não pertence a Esopo, a La Fontaine, Phedro, Florian nem a Gellert, Lessing e tão pouco ao proprio Bidpay mas, unicamente, ao folklore brasileiro.

Quando os bichos falavam (bons tempos!) havia um boi muito trabalhador. Tão trabalhador quanto resignado; por isso abusavam do pobre animal.

Ainda era de madrugada, e estava elle já puxando o carro, ou trazendo do cannavial a canna de assucar afim de a moerem na engenhoca ou levando da bagaceira o bagaço muito sêcco, muito espremido.

Deixavam-no descansar só depois de anoitecer, por não ser possivel aproveitar-lhe o trabalho com o campo coberto de trevas.

Certa vez, á bôcca da noite, topou elle com o cavallo de estima do senhor de engenho. Esse quadrupede era rara vez encilhado para serventia do dono. Passava a maior parte do tempo sem nada fazer, vadiando, caminhando pela terra de pastagem, alimentando-se admiravelmente. Estava gordo. O estado de saúde era optimo.

— Que é isso, compadre boi? Você está ficando magro!

— Ora, compadre cavallo! Pois não vê como trabalho! Passo o dia a puxar um carro p'ra cima e p'ra baixo, sem tempo de descansar... Alimento-me mal e trabalho demais!

— E' isso mesmo. Bem vejo.

— Pois então!

— Porém é você o principal culpado de tudo isso.

— Eu?!

— Sim.

— Por que?

— Não trabalhe tanto...

— Como não hei de trabalhar, si não mandam vir outro boi para puxar o carro?

Espertos!

— Quer saber, compadre? Finja estar doente, que hão de dar um geito; hão de mandar vir outro boi para o auxiliar.

— Sim, senhor! Bôa idéa teve você, meu compadre cavallo. Amanhã mesmo vou fingir doente e ver si os homens têm consciencia e mandam vir outro collega. Eu já não aguento tanto serviço!

— Muito bem. Não deixe de fazer a experiencia.

— Não, compadre! Não me esquecerei do conselho.

— Então, até amanhã, compadre boi!

— Até amanhã. Muito obrigado.

* * *

Quando, no dia seguinte, o sol raiava no horizonte, e o boi velho viu o vaqueiro approximar-se, houve uma surpresa desagradavel. Lá estava o pachiderme estirado no chão, olhos semi-fechados e quasi sem lume, mollengo e froixo e babando e, de vez em vez, suspirando amargamente.

O vaqueiro ficou ali algum tempo, a contemplá-lo com tristeza. Em seguida, foi communicar o caso ao senhor de engenho.

— *Seu* capitão, o boi não póde *trabaiá* hoje, não!

— Por que?

— Está que faz *cortá* o coração da gente, coitado! Está *malzinho* o bicho... Doente, muito doente, *seu* capitão!

O senhor de engenho, que tinha ouvido a conversa dos dois, boi e cavallo, pois estava na casa da farinha quando, no oitão desta, esse aconselhava áquelle a fingir-se enfermo, sorriu e disse ao vaqueiro:

— O meu cavallo não trabalha quasi, está muito gordo e póde fazer o serviço do boi emquanto este estiver doente.

— Lá isso póde.

— Pois é: o meu cavallo fica substituindo o boi. Póde ir pegá-lo e botá-lo no carro.

ha o menor vislumbre de desrespeito, no meu gesto.

— Palavras. Tome seu presente, [illegible]o e retire-se.

— Estou ás suas ordens e aos seus pés, senhora, que exige de mim?

— Não acabo de lhe dizer?

Elisabeth sentia-se um pouco desarmada por aquella incomprehensão apparentemente ingenua e aquella humildade risonha em que Max Dayot era inexcedivel. Elle realizava assim o typo do bom rapaz.

— Então, eu fico desesperado...

— Fique, ainda que não pareça, mas faça o que eu estou dizendo.

— Devo renunciar á conquista de sua amizade?

Responder taco a taco, é expor-se a perder terreno. Elisabeth o sentia. Não quiz. Com um olhar e um gesto da mão, silenciosamente, ella mostrou-lhe a porta. O joven decidiu-se a recuar mas não a calar-se.

— Esperarei e pedirei aos céos que me inspire, disse elle.

— E' isso, peça-lhe que lhe ensine a distinguir uma boa d'uma má acção.

— O céo é testemunha que a minha nada tinha de criminosa, minha intenção...

Mas o telephone vibrava. Elisabeth attendeu ao appello. Era a habitual excusa do marido que não podia vir jantar. Ella poz o phone sem resposta, irritada e nervosissima. Supportaria ella por mais tempo semelhante humilhação? Conseguiria ella sempre a disfarçal-a? Evidentemente não. O gesto de M. Dayot provava-o indirectamente, mas o provava. De volta ao salão a presença do rapaz acabou por exasperal-a. A colera brilhava-lhe nos olhos, as lagrimas tambem.

— Ainda está aqui, senhor, é demais!

— Para dizer-lhe, adeus, *minha* senhora, ou antes até logo!

— Adeus, senhor.

Ella ficou finalmente só, mas, ficar só aquella noite com os seus pensamentos, era mais fórte que ella. Ella resolveu ir jantar com os amigos Pallu, certa do bom acolhimento e com o risco de ouvir falar favoravelmente do impertinente rapaz.

O cavallo puxou o carro o dia inteiro. De noite estava muito cansado. Substituiu perfeitamente o boi, que mal se levantou uma vez, durante o dia, para se alimentar.

As coisas estavam neste pé: o cavallo no serviço do boi, e este cada vez mais doente quando, no quinto dia de trabalho, resolveu aquelle dar um plano: aquillo não podia continuar assim, pois já não aguentava trabalho tão rude. Foi ao encontro do supposto enfermo e chamou-o:

— Compadre!

Estendido no chão, respondeu baixinho:

— Oi!

— Sabe de uma coisa?

— Que é?

E disse-lhe manhosamente:

— Ouvi hoje o nosso dono estar dizendo ao vaqueiro que, si você continuar assim doente, vae vendel-o ao dono de um açougue, pois você ainda está bem bom para o talho.

E o boi, desconfiado:

— Você é bêsta, seu peste!

— Não estou brincando, não, compadre! Juro-lhe ser verdade.

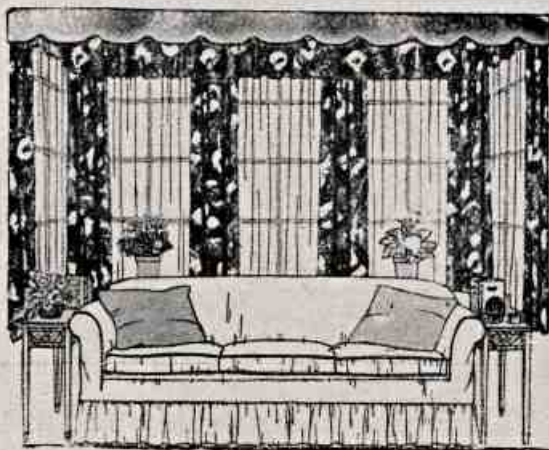
— Você!... Que desgraçado! Disse mesmo, compadre?

— Quem avisa... Não facilite!

Alegre, no outro dia muito cêdo, estava o boi pulando no campo, manifestando vontade de trabalhar. E, para transportar ora canna, ora bagaço, lá foi trilhar o caminho conhecido, puxando o carro grosseiro sem mais achar o trabalho demasiado.

O cavallo encolheu-se; e, ainda um tanto apprehensivo e afim de verificar si continuava firme o serviço, de quando em quando espiava de longe o boi trabalhar.

O mundo é dos mais espertos!

HORMINO LYRA

A MISSA DO GALLO DE BRASSIER

FAZEM muitos annos que não vamos á missa do gallo disse Brassier á mulher, certa noite de dezembro em que tomavam a sopa de cinco horas.

N'aquelles tempos — e tenho minhas razões para pensar que ainda é assim —, para a gente humilde das pequenas aldeias, "tomar a sopa" era jantar. Depois esticava-se o mais possivel o tempo para attingir ás 6 horas, e deitavam-se, postigos e portas solidamente fechados, ainda que não fossem para receiar os gatunos. Que poderiam elles carregar, grandes deuses! Quatro vintens, cuidadosamente guardados; tanta cêra com tão máu defunto. Ter-se-iam achado mal pagos do tempo e do trabalho.

— Deixa-me tranquillo com a tua missa do gallo! respondeu-lhe a mulher. Si te ouvisse, estaria sempre na rua. Faz muito frio, graças a Deus, este inverno, não tenho as mãos cheias de frieiras e de dartros. Si precisassemos sahir á meia-noite, onde iriamos, meu Deus! Onde iriamos!

— A' igreja, que idéa! disse Brassier.

— Sim, é isso: caçôa de mim agora. Farias melhor si te calasses! Não sabes o que dizes.

Ella acabou de tomar a sopa, isto é, de jantar. Brassier, tambem, brincava com a colher.

E' um homem pouco loquaz e que não fala para não dizer nada. Não acho que quando elle abre a bocca seja para formular verdades inéditas. Só fala sobre aquillo que conhece, e não conhece grande cousa. Representa uma unidade entre os milhões de pequenos operarios ignorados que constituem a armadura mais resistente de nossos bairros. Não procura deslumbrar ninguem. Quando muito, certas noites de domingos, em que vão beber chop á bodega, deixa escapar algumas opiniões em materia de politica. Aliás, não convence a ninguem e uns ouvintes lhe dizem, como a mulher:

— Farias melhor em te calares.

Elle não é menos reservado nas suas idéas ouso dizer.

Sobretudo, guardou a idéa que lhe assaltou, de assistir á missa da meia-noite. Não esqueceu de insistir n'esse proposito, os dias que se seguiram. A por diversas vezes. Brassière, como a chamavam as collegas, as donas de casa de seu quarteirão e da pequena villa, a Brassière, estava alarmada. A perspectiva de se achar fóra de casa á meia-noite dava-lhe arrepios, fóra ou na igreja, que não era aquecida. E penso com razão que lhe não estaria melhor. Tão tagarella quanto Brassier de pouco loquaz, tinha, — a quem quizesse ouvil-a e mesmo — a quem não quizesse — que contar os minimos acontecimentos de sua vida, os mais destituidos de interesse; e póde-se dizer que toda a gente não tardou a ser informada que esse anno Brassier queria ir á missa do gallo. Não digo que isto fôsse considerado um aspecto de grande importancia, nem mesmo que fôsse objecto de commentarios. Que Brassier fôsse ou não fôsse á missa, "Se pequena villa pouco se importava" como ella propria dizia. Mas nós vemos todos bater pelo dia á nossa porta, e nada evitava que La Brassière visse, com temor, meia-noite, na d'ella.

Evidentemente, ella poderia dizer a Brassier: "Vae tu, si queres. E's bastante crescido para saber o caminho." Eff...

tarei em casa." Somente ella sabia que entrava por um ouvido e sahia por outro. Quando elle tem uma idéa na cachola, o que poucas vezes lhe acontece, elle não admittia que a mulher o não acompanhasse.

Natal, aquelle anno, cahia a segunda-feira. Brassier tinha dado ordens para que por essa data não se olhassem despesas. Elle, desde domingo á noite, começou a pôr em ordem as coisas. Foi á taverna onde encontrou tres ou quatro de seus parceiros, como elle pequenos operarios, e que, como lhe tambem deviam se preparar para a festa. Aquella noite, Brassier tinha-se na conta de muito superior a elles por ter tomado a decisão que se sabe. Elle não pousa de incredulo, mais emfim, não lhe desagrada não passar por homem de sacristia. Frequentemente troçava dos companheiros que, não perdiam uma missa de meia-noite.

— Ha um anno, que não assisto á uma, confessou. A burgueza não queria ouvir-me, mas está assentado, ella tem que vir commigo.

— Nós tambem, disse Caillot, nós tambem vamos! E' natural.

Para Brassier, não era tão natural assim". De certa fórma elle esforçou-se para persuadil-os, e houve forte discussão que durou perto de duas horas, ao cabo da qual elle virou tanta vez o cachimbo que acabou por queimar as mãos; e depois elle sozinho bebeu dois litros de vinho branco e vermelho misturados; e depois como elle estava muito habituado á agua que ao vinho, quando se pegou fóra, com os pés na neve, juro, a cabeça lhe rodava e elle viu pelo menos tres duzias de velas.

Quando elle tomou casa, perto das oito da noite — porque devia tomar a sopa, excepcionalmente, muito mais tarde que de costume — viu, como sempre, a mulher que o esperava junto ao fogão que roncava. Para dissimular o seu estado, fez ingentes esforços. Conseguiu atravessar metade da casa, depois do que, foi sentar-se perto do fogão para substituir os tamancos por um par de velhos sapatos. Ella o olhou, sem dizer palavra, mas alli estava felizmente. Teve só tempo de o segurar; senão o ébrio teria cahido sobre a panella que bem poderia virar! E que queimaduras não teria tido, minha senhora, nem quero pensar.

Ella despiu-o como poude. Instinctivamente, de olhos fechados, elle deitou se.

"Eis-me socegada!" disse ella... vou-me deitar tambem.

Ora, é o caso de dizer-se, ella despreoccupou-se do companheiro. Elle poz-se a roncar de tal maneira que, ella comprehendeu, que ao lado d'elle, quasi lhe seria impossivel dormir. Resolveu então esperar e tornou a pôr lenha no fogo. Quando os sinos soaram, ella disse:

"Juro que vou!"

Ella "foi" e só, ella que cogitou de dizer a Brassier: és bem crescido para iris só." Não experimentou nenhuma sensação particular. De volta, fez mais barulho com as galochas, do que para sahir; e demais Brassier, havia cozinhado a bebedeira. Despertou.

— Que horas são? perguntou elle.

Quasi 1 hora da manhã.

— Perto de 1 hora da manhã, gritou elle. E d'onde vens então?

— Da "tua" missa do gallo, disse ella!

Elle passou a mão pela testa para reunir as idéas. Em seguida:

— Pois bem! disse elle, não ha perigo d'eu lá voltar.

E ella não sabia si elle falava da taverna ou da igreja.

HENRI BACHELIN

SEARA

A imitação de Nosso Senhor

Ha quem prefira o grande ao profundo. Farão bem os que assim pensam?... Eu, porem, busco a raiz das montanhas.

*

Faço minha alma como os passores seu ninho: para crear novos passaros e novos cantos.

*

A' medida que se me crescem ás azas, estreita-se-me o céo.

*

Espalho meu coração pelos caminhos como um arlequim esfarrapado. — ALBERTO GUILLÉN.

O passado

Os povos, assim como os individuos, encontram apoio e força no sentimento de que pertencem a uma raça illustre, que são os herdeiros de sua grandeza, e que devem eternizar sua gloria. E' de capital importancia que uma nação tenha atraz de si um grande passado, que faz o seu orgulho e admiração. Porque isso é que dá força á sua vida no presente, o que a eleva e sustem. — SAMUEL SMILES.

Os menores actores

O caso dos "menores actores" envolve uma grave responsabilidade social e moral. Não se trata só dos meninos: ha tambem meninas, cuja pureza se macula, cujos labios se enodoam ao enunciar a cançoneta brejeira, a allusão livre, a reticencia deshonesta... E não digo bem: estou seguindo a rotina ao considerar que tudo isso é um perigo e uma de-

O PROGRESSO — De como a moda dos automoveis pequenos suggere aos sapateiros idéas cuja realização veremos na rua muito breve...

(De "Buen Humor", de Madrid)

ALHEIA

gradação para as meninas somente. Entre os mais perniciosos "erros communs" conta-se o de suppôr-se que unicamente a pureza das meninas merece ser cuidada e preservada e que os meninos podem, desde cedo, e sem inconveniente, depravar a imaginação, corromper a alma, envenenar as fontes da sua sensibilidade, e perverter os sentidos ainda em flor.

As raças vigorosas formam-se no respeito á infancia e á adolescencia, tendo o maior cuidado em não pervertel-as.

Que a profissão de actor expõe a creança a uma excitação sexual prematura e deploravel não poderá negal-o quem quer que conheça um pouco ou muito a indole, o caracter dessa profissão. A creança mal poderia prevenir certos perigos. Atormentada pela sua propria curiosidade, suas proprias azas de anjo arrastavam-na ao abysmo. — EMILIA PARDO BAZÁN.

Sorrir

A historia do sorriso ainda não foi escripta, e, talvez, nunca o seja, porque as unicas mulheres capazes de fazêl-o não querem trahir seu sexo.

Quanto aos homens, sua ignorancia a tal respeito é igual á que teem sobre tudo que concerne á mulher, o amor inclusive.

Todas as palavras de um idioma, reunidas, não conseguiriam expressar o que diz um sorriso.

Entre as mulheres, o sorriso representa um signal de connivencia. Entre nós, os homens, porem, podemos utilizál-o sem receio porque ninguem, que não seja mulher, comprehenderá o nosso sorriso.

O sorriso é uma linguagem que traduz nossos instinctos, e reflecte nossas virtudes. E' tambem a melhor expressão do vacuo que ha dentro de nós e um velario ficticio por traz do qual se escondem muitas malicias e maldades.

Os homens não sabem sorrir — porque lhes falta astucia e flexibilidade. A mulher, ao contrario: chega a pôr, ás vezes, sua alma, toda núa, num sorriso. — KARIN MICHAELIS.

O PROGRESSO DOS JORNAES.

(De "The Passing Show", de Londres)

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévacó, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro

Michel Zevaco.

literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminados que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 17

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1932

FAKIRES

HA, presentemente, no Rio, um fakir que realiza coisas assombrosas. Para nós, simples mortaes do Occidente.

Porque o espectaculo e as façanhas desses hindús curiosos não conseguem mais impressionar os habitantes das Indias, onde elles se alastram e chegam mesmo a constituir grandes nucleos.

E' o que acontece em Benarés, a cidade famosa pelas suas praticas religiosas.

Ha em Benarés um bairro indigena, denominado Kashi. Esse bairro é, por assim dizer, o refugio dos fakires, dos thaumaturgos, dos individuos que se consagram ás proezas mysteriosas e arrepiantes do fakirismo.

Entre elles ha charlatães, é bem claro. Ha muitos até.

Em compensação, não é pequeno o numero dos sinceros, dos fakires authenticos.

Os primeiros não passam de vulgares prestidigitadores, que nos divertem com alegres passes de magica, de escamoteação de objectos, como faria qualquer "camelot" da rua do Ouvidor ou da rua Marechal Floriano.

Os sinceros são os encantadores e resuscitadores de serpentes. São os psychometras ou melhor, os adivinhos.

"Esses prophetas do presente, do passado e do futuro — depõe Robert Chauvelot — revelam coisas de uma exactidão surprehendente, em contacto com um objecto familiar que se traga, sobre si, continuamente."

Um relogio na mão de um desses oraculos das Indias é o bastante para denunciar a vida toda do seu proprietario. O psychometra o aperta entre os dedos e, de repente, a existencia daquelle que possúe o chronometro perpassa deante dos olhos do vidente, como si fosse um film de aventuras.

Ha outra variedade de fakires.

E' Dekobra quem o diz.

Esses individuos — observa — são verdadeiros martyres da sua obsessão.

Fala o escriptor francez de um certo fakir paciente, o qual, pelo espaço de cinco annos, se conserva sentado á margem de uma estrada, em completa immobilidade, e sem falar com ninguem.

Chauvelot fala tambem de um que, durante muitos annos, mantem os braços erguidos para o céo. Ankilosados, estão incapazes de uma flexão. As unhas da mão cresceram desmedidamente e se lhe enroscaram em torno dos punhos esqueleticos.

Ha outro que passa a vida dependurado de um galho de arvore, — cabeça para baixo. Esse é tão impressionante como aquelle que vive deitado sobre um leito de ortigas, de espinhos, de cactos e de pontas de ferro, rodeado de fogueiras.

E ha os que se fazem enterrar vivos. Mas esses, — assegura o chronista da "India Mysteriosa" — se deixam sepultar, realmente, e terminam por uma resurreição.

BASTOS PORTELA

Paille picot noir. Garniture de piqué de coton blanc

Paille brillante rouge et blanche petit ruban ciré noir.

(Photos especiaes para FON-FON)

A vingança do marido

POR Gustavo Barroso

JANTAVA no Chatham, em Paris, com o meu amigo Benjamin Larue, cronista dum jornal hebdomadario, na ultima noite de setembro. Como a temperatura fôsse agradavel, haviamos ocupado uma das mesas da varanda, no pateo interno do famoso restaurante. Pelo grande espelho colocado á nossa frente, eu via o sorriso de linda mulher, que tomava sua refeição em companhia dum velho calvo e de oculos azães. Tinha a pele setinosa e fresca, os labios vermelhos como pitanga madura, o colo ondeante e sensual de garça. Esqueci o *paté de forie gras* no fundo do prato e o ouro do Haut-Barsac na transparencia do copo. Fiquei imovel a contempla-la. Era deliciosa, desenvolta e alegre. No seu todo, havia qualquer cousa de ninfa e de bacante. O criado respeitoso serviu-lhe uvass moscateis, translucidas, róseas, alongadas como os seus dêdos. Começou a trinca-las uma a uma, de vagar. Então, pus-me a trautear baixinho aqueles versos antigos que Anatole France cita no *Saint Satyre:*

Elle fuyait, ricuse,
mordant aux raisins d'or,
mais je sus bien l'atteindre,
et mes dents ecrasérent
la grappe sur sa bouche...

Benjamin Larue, que seguia a direção do meu olhar, interrompeu-me a cantilena:

— Aquele é o professor Grasset, do Colegio de França, com a mulher. Ele é vinte e quatro anos mais velho do que ela, não a larga nem á mão de Deus Padre e a toma de quantos a queiram roubar. Não teem sido poucos... A mulherzinha é faceira, dengosa e sensual. Tem lhe feito varias e de todos os feitios, mas ele pouco se incomoda. A unica cousa de que faz questão fechada é de ficar com ela, seja como fôr. O resto absolutamente lhe não importa.

Fez uma pausa, reclamou do mordomo as sôpas que haviamos encomendado e, depois:

— A ultima aventura conhecida de Madame Grasset acabou em tragedia. Foi ha uns dois anos e toda a cidade a comentou. Ela apaixonou-se por um estudante bretão e este por ela, de tal sorte que resolveram fugir. O professor chorou tres dias seguidos, suspendeu suas conferencias e lições, mas pôs a policia na pista dos fugitivos.

No fim do terceiro dia, tinha noticias. Estavam passando a lua de mel na pequena praia de Andernos. Tomou o trem e tocou-se para lá, indo surpreendê-los no hotel balneario onde se haviam hospedado. Ambos o receberam lividos de espanto e medo. O nosso homem serenou-os com um gesto e estas palavras:

— Não tenham o menor receio. Sou avêsso á violencia. Desejo somente dizer alguma cousa em particular a minha mulher.

O rapaz retirou-se e ele fez á infiel um longo sermão: sua ausencia de casa transtornando tudo, a tristeza dos aposentos em desordem, o piano silencioso, a monotonia das refeições solitarias; o futuro negro que a esperava, quando o joven, cansado dela, fatalmente a abandonasse. Acrescentou que era o seu melhor amigo, que tudo lhe perdoava, que se não resignaria em perdê-la. Emfim, tais lábias lhe contou, que ela se comoveu e acabou chorando.

A partida estava ganha. A esposa arrumou a maleta e regressou ao lar conjugal com ele. O estudante, ao voltar ao aposento, achou-o vasio. Nem um bilhete. Nem um recado. Compreendeu tudo. E, louco de paixão como estava, estourou os miolos com um tiro...

Lancei com os olhos uma interrogação muda ao meu amigo. E ele concluiu:

— Ao ler a noticia do suicidio nos jornais, o professor disse, calmamente, no clube, á roda de seus amigos:

— E' assim que um homem de bem, sem manchar as mãos no sangue do seu semelhante, se vinga de quem lhe ofende a honra.

Eu continuava a olhar pelo espelho os lindos dentes de Madame Grasset trincando as uvas moscateis rosadas e transparentes, como as suas unhas, e a repetir em voz baixa:

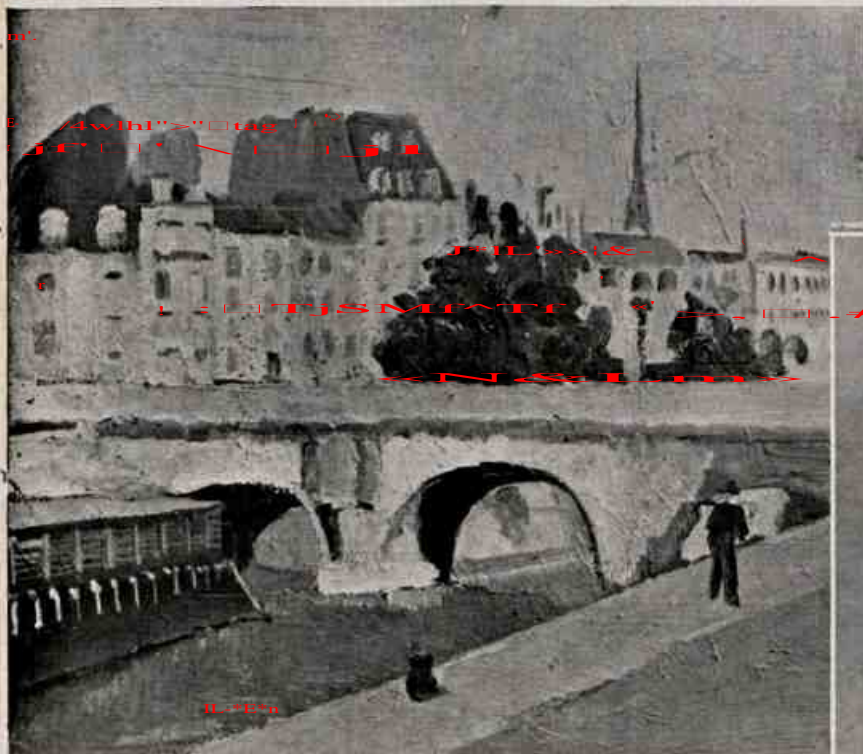
Elle fuyait, ricuse,
mordant aux raisins d'or...

— Pobre estudante! lamentou o cronista.

— Pobre marido! lamentei eu.

«Festa dos Novatos» foi o nome que os academicos da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro deram á recepção official dos novos collegas, a exemplo do que fazem os alumnos veteranos da Faculdade da Praia Vermelha promovendo annualmente a «Festa do Calouro». A primeira «Festa dos Novatos» realizou-se sabbado ultimo, nos salões do Botafogo F. C., onde se reuniram, para esse fim, além de numerosos alumnos das nossas escolas superiores, elementos de destaque na sociedade carioca. Depois da cerimonia da apresentação dos «novatos», presidida pela illustre escriptora senhora Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, teve inicio o baile, que decorreu lindo e brilhante até as primeiras horas de domingo.

O novo ministro do Trabalho

O dr. Salgado Filho, que acaba de ser escolhido pelo chefe do governo provisorio, para gerir os negocios da pasta do Trabalho, é uma figura de administrador que se destaca entre os homens do momento politico. Digno, criterioso, jurista de indiscutivel valor, a sua actuação na policia do Districto Federal se caracterizou por uma série de actos que só lhe grangearam sympathias geraes, por parte da população carioca e do funccionalismo daquella repartição. Fugindo sempre ás injuncções politicas, procurando nortear a sua acção por um criterio de rigorosa justiça, s. ex. não raras vezes foi chamado a dirimir graves e delicadas questões, que separavam os patrões dos trabalhadores. E, em todas ellas, o digno ex-chefe de policia conseguiu harmonizar os múltiplos interesses em jogo, e sem sacrifício de nenhuma das partes, nem da sua autoridade. Não tardou, por isso, que s. ex. se impuzesse á estima das classes trabalhistas, que logo se apressaram em lembrar o seu nome ao dr. Getulio Vargas, para dirigir o Ministerio a que estão ligados os mais complexos problemas referentes ás questões sociaes do paiz. Foi rapida a sua ascensão, a qual, certamente, poderá ir mais longe com o apoio das classes proletarias e dos amigos que s. ex. conquistou com os seus actos de benevolencia e justiça.

Um quadro de Haydéa Santiago — «Ponte sobre o Sena», exposto no «Salon», de Paris, e a mais recente photographia de Manoel Santiago.

No lindo salão de exposição da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, frequentado pela gente mais fina e espiritual da cidade, estão presentemente expostos os trabalhos de um casal privilegiado de artistas: Haydéa Santiago, expressão de finura e graça de nossa pintura, e Manoel Santiago, o vigoroso pintor patricio, que, com tanto brilho, conquistou, em 1927, o premio de viagem á Europa, no Salão Official. A estadia desse casal no Velho Mundo foi de quatro annos, entregues á visitação dos museus, dos monumentos, dos ateliers, em successivos estudos e na mais prodiga actividade. Os dois artistas honraram o nome do Brasil no estrangeiro, expondo, a convite, nos salões de Paris, como o da Sociedade dos Artistas Francezes e Nacional de Bellas Artes, bem assim no Colonial, nas celebres Tulherias e nas Galerias Castelucho. Obtiveram as maiores referencias da critica franceza e voltaram agora ao seu paiz onde os aguardavam uma [illegible]dade e uma justa admiração.

xoravel o roubou ao meu carinho, roubou-o a mim, que o queria tanto...

Você era a flor da minha ternura, o encanto da minha existencia, a estrella do meu destino. Eu uma desgraçada, misera creatura, abysmada na maior e mais funda de todas as dôres, abysmada nesta angustia tremenda, nesta desolação infinita...

REGINA RIZIERI

O ANNIVERSARIO DA REPUBLICA HESPANHOLA

Por motivo da passagem do anniversario da proclamação da Republica da Hespanha, o sr. ministro Antonio Benitez offereceu, no Copacabana Palace Hotel, uma recepção á sociedade carioca e aos seus compatriotas.

ELEGIA

Você partiu, meu amor, você partiu deixando-me sozinha com a minha dôr e a minha desolação.

E eu não o verei nunca mais, nunca mais sentirei a caricia de suas mãos, nunca mais ouvirei a musica de sua voz, nem verei a irradiação amorosa de seus olhos, desses seus olhos tão queridos, que eram o sol que illuminava a minha vida.

Meu amor, a morte cruel e ine-

tinha um só amor, uma só alegria, um unico thesouro, e perdi o meu thesouro, o meu amor, a minha alegria. Você era a luz de meus olhos, a metade de meu coração, a alma de minha alma, e a morte o levou! E eu fiquei cega, mutilada, anniquilada!

O mundo era meu porque você era meu, e eu me sentia feliz; e agora, que m'o levaram, agora que levaram a minha felicidade que era você, sou

Maria Célia, galante filhinha do dr. Braz Catalano, clinico nesta capital e de sua exma. esposa d. Pierina Ciraudo Catalano. Uma linda brasileirinha de doze mezes.

TREPAÇÕES

Sim, senhor! O nosso amigo tem topéte! E' possuidor de uma calma extraordinaria, e não se perturba com qualquer situação, por mais difficil que ella seja. Não tem difficuldades em resolver os casos armados pelas mãos do acaso, e, por isso, trata de gozar a vida no que ella tem de melhor. Mas, si acreditarmos no que elle diz, na moral que préga, e nos demais caracteristicos da sua personalidade, somos obrigados a tirar uma conclusão mui differente do papel que elle realmente representa no palco da vida.

Aquelle ar sevéro de Catão de ultima hora inspira confiança, ao que parece...

Pois, só assim, podemos explicar a relativa facilidade com a qual elle vae vencendo singelas creaturas, que nós diriamos incapazes de um máo passo, incapazes de peccar...

Entretanto, as apparencias illudem, e o nosso amigo trata tambem de illudir, o mais que póde, as mulheres que vae encontrando ao alcance das mãos.

Ainda o outro dia, tivémos opportunidade de apreciar como elle age...

Madame penetrava no consultorio medico e, quando subia a escada, se espantou com a ousadia do nosso heróe, interpondo-lhe os passos, com tremula voz, solicitando a graça, a esmola de uma palavra.

O primeiro impeto da senhora foi correr com o atrevido; mas faltou-lhe a coragem...

Então, elle derramou-se até o pathetico, resultando de tudo a promessa de um encontro depois da consulta medica.

E, mais tarde, escondido numa casa de chá discréta, elle discorria sobre a immortalidade da alma, talvez porque madame, em extase, o ouvia, positivamente encantada!

Cada bôa...

NÃO acabam mais as experiencias de *madame*.

Segundo ella propria confessou a uma das amiguinhas do peito, ainda não conseguiu realizar o seu lindo sonho de felicidade. Parece que *madame* quer alludir á felicidade de um amor que só existe nos romances ou na cabeça dos poetas... O marido, porém, foi posto de lado, foi encostado, naturalmente por incapaz e má figura, como diz o povo, na sua gyria.

E *madame* faz experiencias apanhando hoje um, amanhã outro exemplar de almofadinha, para exhibil-os em plena luz do dia, pela cidade, sem, naturalmente, encontrar a felicidade que ambiciona para os seus dias. O processo usado por *madame* não é novo; é antes, muito batido pelas creaturas que não se contentam com o que têm.

No dia em que se convencer da inutilidade dos seus esforços, perdendo para sempre as esperanças fagueiras, o maridinho vae perceber qualquer coisa de novo na sua vida intima...

Pelo menos o gosto de uns beijos cheios de remorso...

O casal elegante fugiu do verão, como sempre acontece, refugiando-se na plácida e encantadora cidade das hortencias. Mas a estação foi despida de interesse, sem chás, sem festivaes, porque a crise é um facto...

A interessante Thereza, filhinha do dr. Bell Leopoldino da Fonseca e Silva e de d. Beatriz Hossepian da Fonseca e Silva.

O casal limitou-se a uma vida bucolica, pacata, escondido numa pensão qualquer, pouco chic.

As linguas perversas, que foram descobrir o elegante casal escondido lá pelas alturas, andam agora

A gentil Florrie, filhinha do illustre casal Miguel Bacellar-Florrie Clark Cacellar.

trabalhando sem cessar no tecido de um romance qualquer. Attribuiram, por exemplo, ao rapaz, a necessidade de um longo repouso fóra do Rio, depois de uma complicada historia passada sobre as areias fulvas de Copacabana, onde teria sido surprehendido na companhia de uma terrivel moreninha que anda louca para arranjar marido.

Apesar de casado, elle não teve pejo de exhibir-se com a pequena, com grande escandalo para a assitencia botocuda.

A esposa soube de tudo, armou-lhe uma partida e o marreco cahiu em cheio.

Então, depois de muito trabalho, de uma serie de pequeninas tragédias caseiras, Petropolis foi lembrado como castigo...

Ahi está o que dizem as linguas perversas.

O isolamento produziu a cura do casal, que voltou, pelo menos apparentemente, reconciliado.

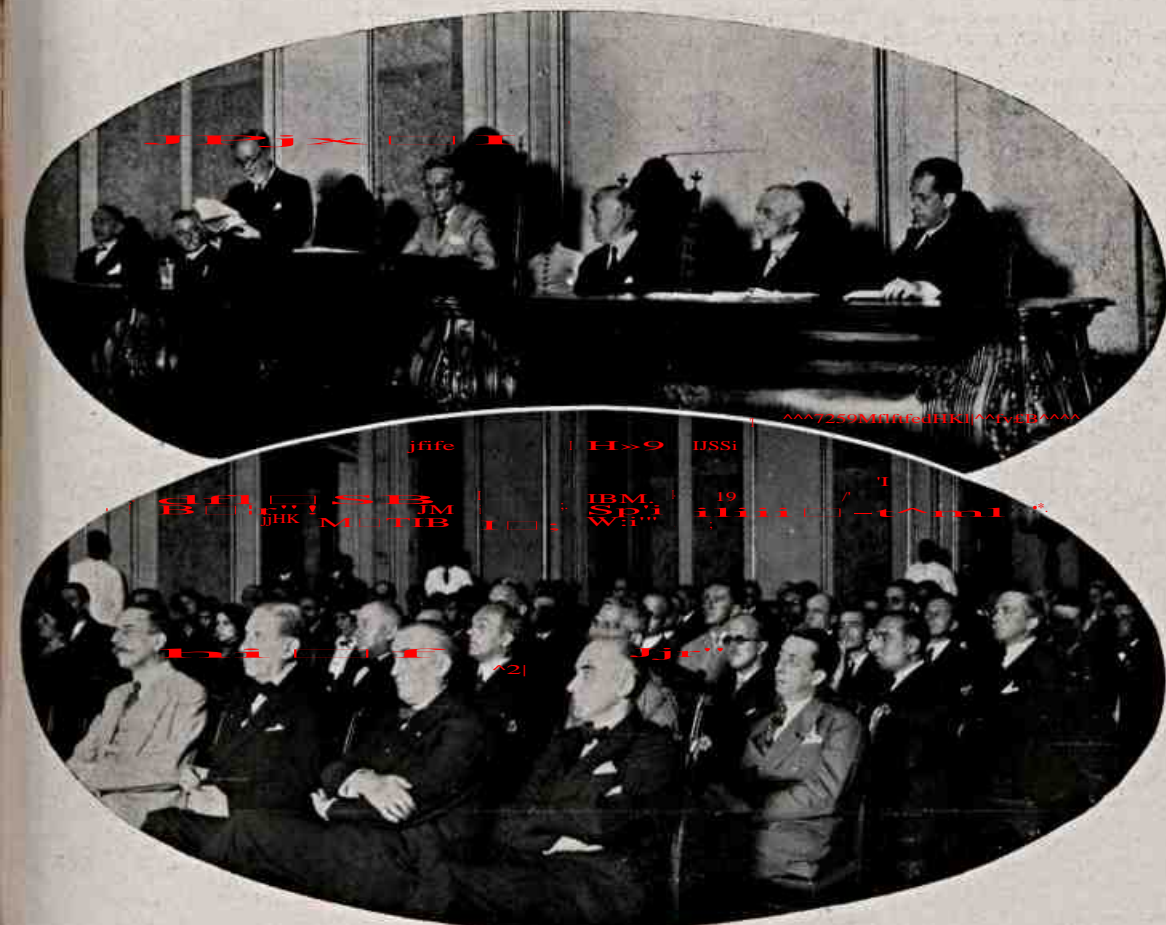
Mas, a morena que não appareça no caminho do nosso pandego...

25.º ANNIVERSARIO DE "FON-FON" e um agradecimento que se impõe

POR occasião da passagem do 25.º anniversario de FON-FON, recebemos, pessoalmente, ou em cartas, cartões e telegrammas, milhares de felicitações dos nossos amigos e confrades, que nos trouxeram, assim, ou nos mandaram, de longe, a segurança de seu affecto e os estimulos de sua sympathia pelo nosso quarto de seculo de existencia. De todos os pontos do Brasil e de varios paizes estrangeiros nos chegaram as vozes congratulatorias daquelles que nos lêem, acompanhando a vida nacional pelas paginas de FON-FON, e reconhecendo o nosso esforço em bem servir o publico a quem devemos a popularidade e o prestigio que nos confortam e enchem de orgulho na hora inquieta deste seculo vertiginoso.

Não nos é possivel, dada a angustia de espaço com que lutamos, consignar, aqui, o nome de todos os que nos cumprimentaram por tão grato motivo. Mas queremos deixar registada, nestas linhas, a expressão do nosso commovido agradecimento pelas homenagens tributadas a esta revista nas suas bôdas de prata com o Brasil e os brasileiros.

Somos gratissimos ás manifestações individuaes e collectivas que nos prestaram, naquella data, milhares de leitores e annunciantes desta revista, clubs sportivos e elegantes, associações de classe, sociedades literarias, estabelecimentos de ensino, casas commerciaes, emfim, instituições representativas de todas as actividades do paiz. Sensibilizados com todas essas provas de admiração e amizade, que muito nos desvaneceram, quantos aqui trabalham se sentem cada vez mais animados do desejo de executar, integralmente, o programma com que em 1907, resumimos a finalidade da nossa vida.

Aos nossos confrades de imprensa que se referiram, com palavras amaveis, ao nosso 25.º anniversario e á edição commemorativa desse acontecimento, agradecemos, igualmente, a homenagem de sympathia com que distinguiram os collegas de vinte e cinco annos de actividade jornalistica.

Entre as commemorações do «Dia Pan-Americano» realizadas nesta capital, na penultima sexta-feira, se destacou a sessão extraordinaria da Sociedade Brasileira de Direito Internacional em homenagem á memoria de George Washington e por motivo do bi-centenario do fundador da nação norte-americana. Essa solennidade, que foi presidida pelo ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, teve o comparecimento de altas figuras da diplomacia e do governo.

Alto-Falante

DUAS CONFERENCIAS

ESTOU em falta, ha muito, com os illustres e queridos amigos que são o casal Clovis Bevilaqua, cujo convivio espiritual e affectivo sempre me foi tão grato.

Acompanhando, ha muitos annos, a admiravel, serena e continuada actividade mental de Clovis Bevilaqua e Amelia de Freitas Bevilaqua é sempre com desvanecimento e justificado motivo de prazer, que recebo uma nova producção dos conhecidos escriptores patricios.

A obra de um e de outro, conheço-a na sua quasi totalidade, a do mestre — um formidavel e indestructivel bloco juridico, que ha de ficar, para honra e gloria da alta cultura brasileira — desde os meus velhos tempos de estudante de direito, no meu Ceará, que a verso com o maior carinho e crescente admiração.

Acompanho, assim, de longa data, a admiravel actividade intellectual desses dois grandes espiritos, que são, tambem, os maiores e os mais nobres corações que já conheci.

Divagações sobre a consciencia e Formação constitucional *é o titulo do pequeno volume em que Amelia de Freitas Bevilaqua e Clovis Bevilaqua enfeixaram duas magnificas conferencias realizadas na Faculdade de Direito de Nictheroy.*

Com a gentileza costumeira, o illustre casal enviou-me um exemplar desse interessante trabalho, lido, em primeira mão, para a mocidade academica da Faculdade de Direito da capital fluminense, que não regateou applausos enthusiasticos ao venerando mestre e á sua sua digna esposa.

Na sua conferencia, subordinada ao thema — Divagações sobre a consciencia, *Amelia de Freitas Bevilaqua, após fazer uma succinta exposição do estado da alma contemporanea, feito de inquietação e de duvida, entra na analyse do phenomeno da consciencia estudando-o, apreciando-o na complexidade das suas manifestações de ordem psychologica, moral ou intellectual.*

Não emprestou, porem, a distincta escriptora um caracter scientifico, massudo, á sua interessante dissertação sobre os estados da alma determinados pela consciencia. Antes deu-lhe uma feição de palestra literaria, leve, delicada, attrahente, despida da preoccupação das investigações philosophicas que o assumpto poderia comportar.

E fê-lo com exito, falando aos moços que a ouviram em linguagem simples, fluente, com a espontaneidade commovida e forte da que nos sahe do coração, do mais profundo do coração...

Da conferencia de Clovis Bevilaqua pouco ha que dizer: a autoridade do seu nome só por si lhe dá o devido valor. Palestra do maior mestre do direito, do luminar da jurisprudencia patria, que é, Clovis Bevilaqua, estudando a formação constitucional brasileira, offerece-nos, numa exposição succinta, clara, um verdadeiro quadro do desenvolvimento do nosso direito constitucional, traçando, ao mesmo tempo, algumas directrizes para a formação politica do Brasil actual.

A autoridade do seu illustre nome em assumptos desta natureza dispensa-nos de maiores commentarios sobre a sua notavel conferencia, que tão vivamente echoou no espirito da mocidade academica de Nictheroy.

Agora, o meu sincero agradecimento ao venerando mestre e á sua digna esposa pelo prazer que me proporcionou a leitura de Divagações sobre a consciencia e Formação constitucional.

MAX LINDE[R]

José Maria da Silva é o autor dum dos mais palpitantes e bellos livros da actualidade — «A politica geral do Brasil». Tudo nessa obra é digno de elogio: a profundez dos conceitos, a erudição historica e a clareza elegante e concisa do estylo. Nella, José Maria da Silva confirma seu notável talento. E, demonstrando os nossos erros no passado e no presente, aponta os remedios que devemos applicar para salvar nosso futuro.

Jorge Jobim, consagrado poeta e escriptor, cuja fina sensibilidade [...] ciona e faz meditar, publicou [...] livro de prosa e verso, todo elle [...] dicado á Igreja, com o sugge[stivo] titulo de «Colmeia Christã». São [...] ginas de fé e doçura, uma succ[essão] de vitraes coloridos, que adoça[m] nossa vida interior nestes dias [de] duvidas e desenganos. E' uma [...] fissão de fé e de sentimento, [...] lada com carinho e arte, que e[...] e transporta as almas.

Foi uma nota de pura e fina elegancia o chá e a recepção que se realizaram a bordo do paquete japonez «Buenos Aires Marú», que passou por este porto, num cruzeiro de intercambio commercial com o nosso paiz. O navio nipponico leva para o Japão mostruarios com productos brasileiros, o que é, de facto, uma iniciativa sympathica e de aproximação entre o Brasil e o paiz amigo. Compareceram á festa o ministro do Trabalho e os representantes do chefe do governo provisorio e de outras altas autoridades. Entre o commandante do «Buenos Aires Marú» e o dr. Salgado Filho, ministro do Trabalho, a quem está affecto o referido intercambio, foram trocadas expressivas demonstrações de cortezia.

ANECDOTA HISTORICA...

A um estudante de historia perguntou outro:

— Diga-me o que aconteceu no anno de 1446?

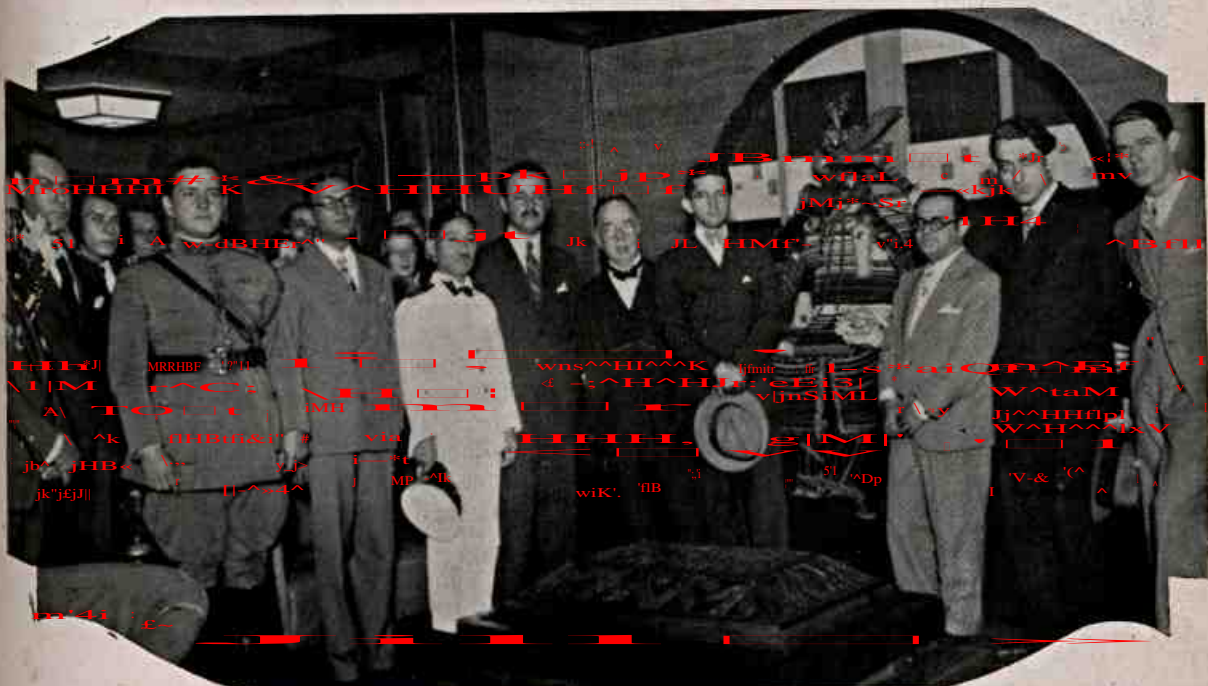
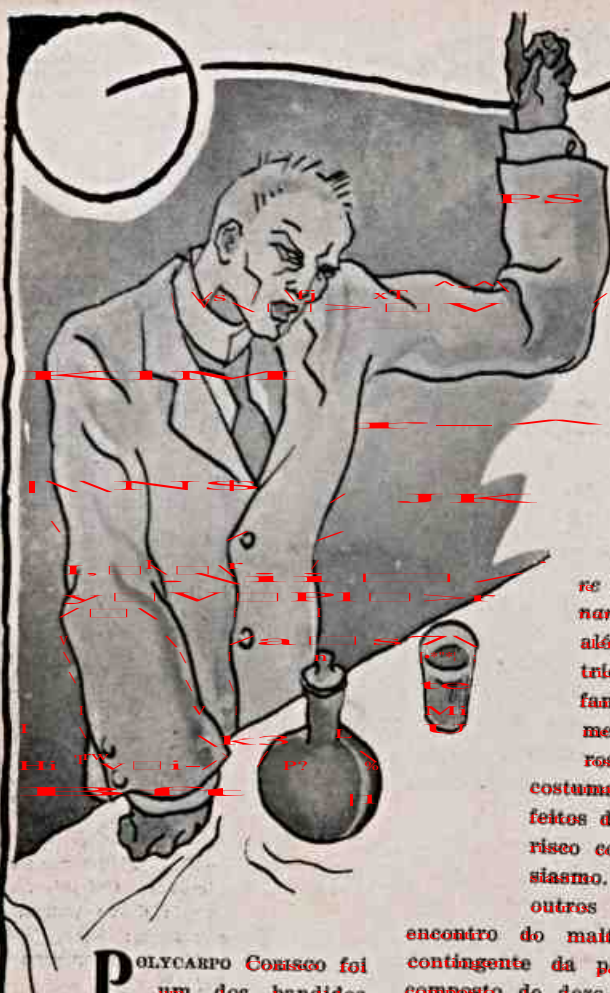
O interpellado não soube o que responder e o outro disse:

— Em 1446 nasceu Christovam Colombo.

Depois duma pausa, indagou mais:

— E que aconteceu em 1450?

Ah! o companheiro replicou alviçareiro:

— Ora, isto até os meninos de peito sabem: Christovam Colombo tinha quatro annos de idade...

O julgamento

Polycarpo Corisco foi um dos bandidos mais famosos que perambularam pela Ibiapaba, entre 1910 e 1920. Não havia em Campo Grande, Viçosa, São Benedicto, Tianguá, Ubajára ou Ibiapina, quem não lhe conhecesse a chronica terrivel. Vinte e tantas mortes, pelo menos, — fóra os tiros, facadas e cacetadas mal applicadas, — havia praticado o sanguinario bandoleiro. A imaginação popular attribuia-lhe façanhas incriveis, lances espectaculares, bravatas surprehendentes. Meu padrinho, um partidario ferrenho do antigo regime, que mandára pintar á porta da casa em que morava os seguintes dizeres, em letras garrafaes, — "*Pedro Pierre de Elcampe, monarchista*" — e que, além dessa excentricidade, gozava a fama de ser o homem mais mentiroso de Ubajara, costumava narrar os feitos de Polycarpo Corisco com certo enthusiasmo. Referia, entre outros episodios, um encontro do malfeitor com um contingente da policia cearense, composto de doze homens, sob o commando de um sargento. Polycarpo, num abrir e fechar de olhos, desarmou, sozinho, toda a soldadesca, tomando-lhe os "comblain" e enchendo de areia o cano dos "riffles". E tirava, do caso, uma conclusão muito ao seu gosto:

— Vejam que vergonha! A Republica não tem lá policia que preste... Si fosse no tempo do sr. d. Pedro II, não vê que isso não acontecia!...

Polycarpo Corisco não matava apenas para roubar. Matava tambem para se divertir. Quando encontrava uma velha feia sozinha em uma estrada, liquidava-a com um tiro de espingarda. Dizia que era para "limpar" o mundo. Mais uma velha ou menos uma velha, não fazia falta a ninguem. Uma vez, no Burity, furtou uma moça que era um encanto. Era a filha mais moça do capitão Gonçalo da Barra, um velho fazendeiro que um ataque de paralysia amarrára a uma cadeira para o resto da vida.

O bandido não quizéra tomar a rapariga, sequestada por todos os rapazes casadouros do logar, para uma companhia definitiva, como se suppoz. Qual o quê! No curto prazo de uma semana, fartou-se della e abandonou-a. Antes, porém, furou-lhe os lindos olhos negros, para ver si mesmo depois de céga ella continuaria a ser bella...

Quando apparecia numa feira a sinistra figura do bandido, montado no seu cavallo alazão, as pessôas prudentes se retiravam discretamente, porque o tiroteio era inevitavel. Polycarpo sahia a provocar toda gente e o primeiro que tivesse o atrevimento de revidar o insulto, recebia, pelo menos, um tiro nas canellas...

Tão grande era a fama e o terror que o famigerado assassino inspirava, que, á noite, quando as creanças demoravam a se recolher, insistindo em prolongar o "bate-bate-escondido" ou a "cabra-cega", bastava, para tornál-as obedientes, este aviso apavorante:

— Polycarpo Corisco vem ahi furtando creanças...

A carreira de Polycarpo não findou, como quasi a de todos os seus emulos, com uma luta encarniçada, enfrentando adversarios mais fortes, mais astuciosos ou mais favorecidos pela sorte. Ter-

R. MAGALHAES JUNIOR

e Polycarpo Corisco

minou de maneira estupida e prosaica. Num domingo, o bandido viajára de São Benedicto para Ubajara com um sol senegalesco. Ao chegar a Ubajara, tombou, inopinadamente, do seu fogoso corcel, presa de um ataque de insolação. Durante cerca de meia hora, ninguem ousou aproximar-se de Polycarpo, temendo, naturalmente, que se tratasse de um ardil. Afinal, pé por pé, um popular mais atrevido acercou-se do facinora. O homem estava á morte. O delegado, então, encheu-se de coragem e.... prendeu o moribundo, mettendo-o na enxovia.

Polycarpo não morreu. O bandido tinha uma estructura de bronze. Em dois dias estava completamente restabelecido do insulto inesperado e cheio de assombro pelo facto de se encontrar na prisão, valentemente manietado.

Veiu, afinal, o jury. Um jury complicadissimo, em que o réo era arguido de ter violado quasi que o Codigo Penal em peso, artigo por artigo! Foi em São Benedicto, cabeça de comarca e logar onde Polycarpo praticára a maior parcella dos seus crimes, que se realizou o julgamento.

Não houve quem quizesse defender Polycarpo Corisco. Quem ousasse fazêl-o incorreria, inevitavelmente, na repulsa indignada da sociedade local. Comprehendendo a situação, todos os advogados do fôro se apresentaram, espontaneamente, para auxiliar a accusação. O Promotor fez um discurso tremendo. Lamentou que tivesse sido abolida a pena de morte, que era o verdadeiro castigo merecido pelo réo. Substituiu-o na tribuna um advogado, Juvencio Perdigão, um homenzinho rachitico e medroso, que invectivou o réo com epithetos terriveis, entre os quaes vagabundo, ladrão, scelerado, besta humana, monstro, féra sanguinaria e outros. Um rabula forense, Anastacio Cabral, amigo das phrases empolgantes, disse que o réo era uma labareda do inferno soprada por Belzebuth sobre o mundo, imagem que arrancou um sorriso de solidariedade do cura da parochia, e, prosegindo, affirmou que Polycarpo era "a mais esdruxula e culminante das aberrações da natureza".

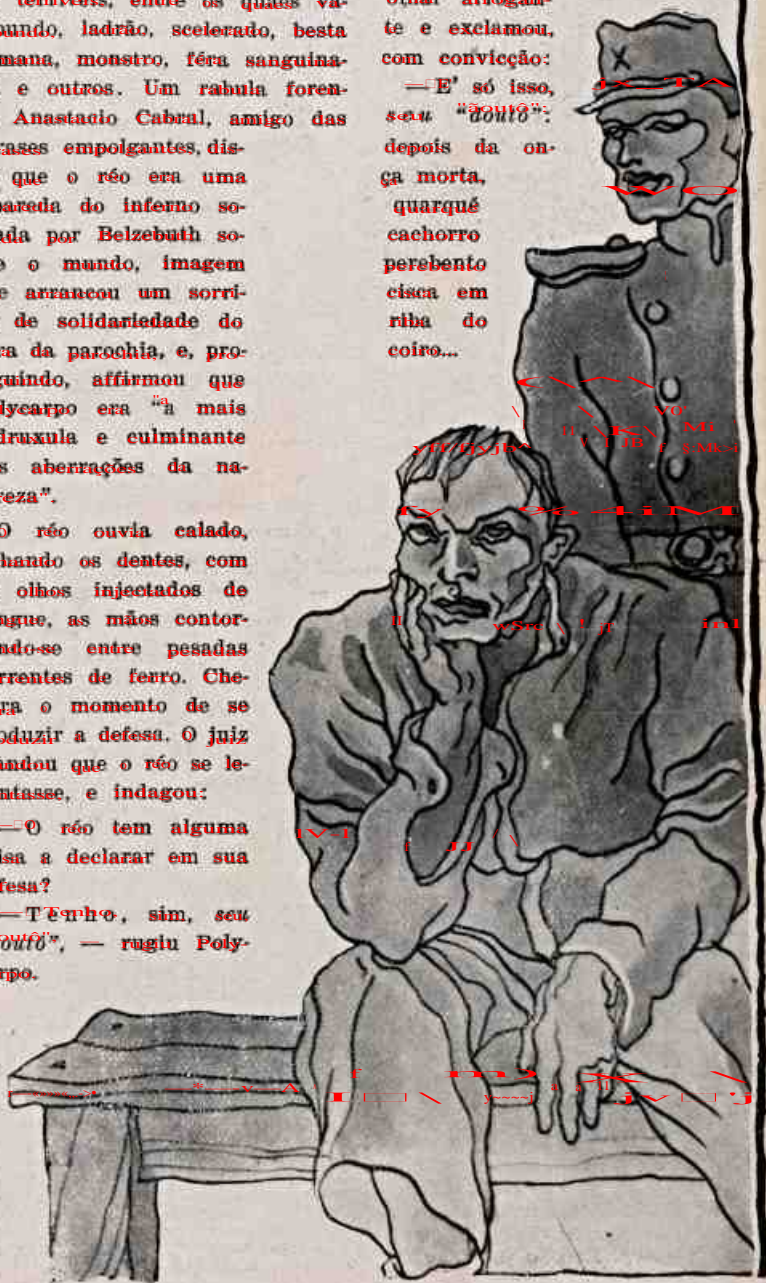
O réo ouvia calado, rilhando os dentes, com os olhos injectados de sangue, as mãos contorcendo-se entre pesadas correntes de ferro. Chegára o momento de se produzir a defesa. O juiz mandou que o réo se levantasse, e indagou:

— O réo tem alguma coisa a declarar em sua defesa?

— Tenho, sim, seu *"doutô"*, — rugiu Polycarpo.

— Então, fale! — ordenou o magistrado.

O réo mediu a assistencia, os accusadores e o juiz com um olhar arrogante e exclamou, com convicção:

— E' só isso, seu *"doutô"*: depois da onça morta, quarqué cachorro perebento cisca em riba do coiro...

Caverna de Ali Babá

Armando d'Almeida é uma figura grandemente estimado nos nossos meios commerciaes e jornalisticos, onde desfructa de alto prestigio pessoal, pela sua intelligencia, pela sua fidalguia de trato, por todas as qualidades que exornam a irradiante personalidade desse «gentleman». Representante para o Brasil da «Foreign Advertising and Service Bureau Incorporated», de Nova York, Armando d'Almeida se tem conduzido, nesse elevado posto, de maneira a merecer a confiança dos dirigentes da importante empresa norte-americana, tão altamente considerada em nosso paiz. Bem justa, portanto, foi a homenagem que os seus amigos lhe prestaram, ha dias, por motivo da passagem do terceiro anniversario da installação da agencia da «Foreign» no Brasil.

GOETHE E A ITALIA

A Italia, commemorando com enthusiasmo e fulgor o centenario de Goethe, cumpre um dever de gratidão. Ella exerceu grande influencia sobre a alma do poeta. Os seus criticos entendem que a mais latina de suas poesias é a Elegia Romana. *Elle regressou da Italia com a philosophia pagã, que foi resultado dos estudos classicos alli apurados. Ante a luminosidade azul do céo italiano,* Goethe *exclamou:* Auch ich in Arkadien. *Com esta phrase iniciou o seu livro* Viagem á Italia. *Através de seus escriptos autobiographicos, ordenada mistura de estudos de chimica e astrologia, e de methodicas investigações scientificas, se vê como foi poderosa a influencia da Italia na intensidade de sua cultura poetica. Para a patria romana, traçou periodos de espontaneo fervor, não como um viajante de preconcebido juizo, porem com a natural facilidade do espirito que encontrou a aura sympathica em que agitar-se. Esse enthusiasmo de Goethe pela nação latina sem dúvida alguma influiu na sua profunda crença na barbárie slava e, sem temor de errar, póde-se crer que a visão do panorama humano através da gesta de Roma o fez apparecer como um patriota indifferente, como o homem que viu em Bonaparte o porta-estandarte da civilização.*

O PINTOR DE GATOS

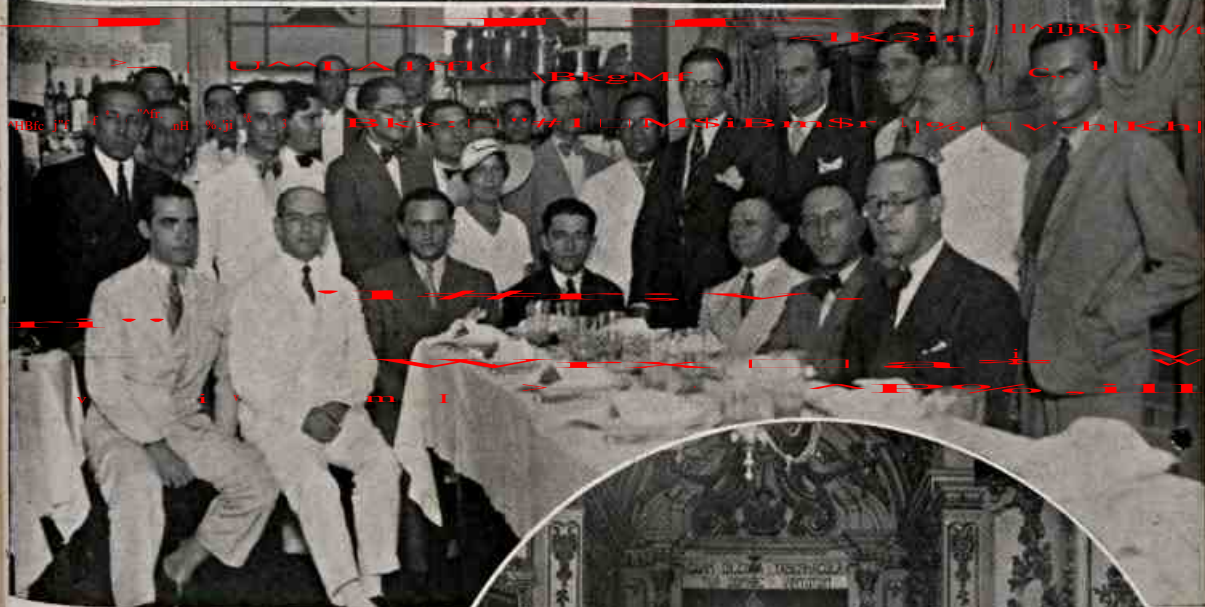
O maior pintor de gatos da Inglaterra é Luiz Wain. Esse artista tinha a paixão dos bichanos e vivia sempre rodeado por uma grande quantidade delles, que criava com desvelado carinho. Desenhava-os com a mão esquerda e seus trabalhos eram apreciadissimos.

Recentemente, começou a passar-se com o artista um phenomeno interessante. Começou a pintar com a mão direita, deixando de ser canhôto, gatos infernaes, caras horrendas e maleficas, estilizados de maneira surprehendente. Fazia isso contra a vontade, reagindo tanto quanto possivel e acabando por enlouquecer. Depois de longo tratamento, começou novamente a traçar gatos normaes com a mão esquerda, porem, mal o trabalho estava concluido, a direita dilacerava-o com uma energia indómita. O caso está sendo estudado pelos maiores especialistas dos hospicios de Londres, os quaes se inclinam a acreditar em estranho caso de dupla personalidade. Os dois typos de gatos de Wain representam as duas personalidades de Wain: a que ama os gatos e a que os odeia.

O illustre diplomata venezuelano d. Ricardo Alvarez de Lugo, que desempenhou, com brilho e elegancia, o logar de 1.º secretario da Legação do seu paiz, no Rio de Janeiro, acaba de ser distinguido pelo presidente da Republica irmã, general Vicente Gomez, com um alto posto na secretaria da presidencia. E' uma noticia que, certamente, encherá de jubilo os innumeros amigos aqui deixados pelo distincto diplomata.

O dr. Sylvio Terra, chefe da Secção de Segurança Pessoal e um dos funccionarios de mais relevo na Policia Civil, recebeu, ha dias, em sua residencia, uma carinhosa manifestação, da parte dos seus auxiliares e amigos, por motivo do seu anniversario natalicio e da sua promoção. Nessa occasião, foi inaugurado o retrato de s. s., no seu gabinete de estudo, discursando varios oradores. O dr. Sylvio Terra, que está á frente daquella secção, ha cerca de oito annos, tem sido uma garantia permanente para a população carioca, na prompta descoberta de crimes sensacionaes. E não é por outro motivo que, fiel ao seu programma de honestidade e trabalho, a illustre autoridade se tem imposto á confiança de todos os chefes de policia do passado e do presente regimen. E para isso frizemos bem, só têm contribuido o criterio, a competencia e o cavalheirismo do sr. Sylvio Terra, que é, tambem, um brilhante jornalista.

SÉSAMO

A festa de sabbado ultimo, no Atlantico Club, foi em homenagem aos chronistas elegantes da imprensa carioca, e esteve animada da alegria e do encanto de varias figurinhas da sociedade de Copacabana.

Os drs. Ruy Carneiro e Plinio Lemos, officiaes de gabinete do dr. José Americo, foram expressivamente homenageados, ha dias, por um grupo de amigos, que festejaram, com um almoço, o regresso da Parahyba desses dois illustres auxiliares do ministro da Viação.

Em commemoração ao segundo anniversario do fallecimento do cardeal d. Joaquim Arcoverde, o cardeal d. Sebastião Leme celebrou, segunda-feira ultima, na cathedral metropolitana, uma missa solenne, que teve a presença de todo o clero regular e secular e das associações religiosas do Rio de Janeiro.

SOLIDÃO

A maior solidão é aquella que fazemos dentro de nós mesmos, aquella que nos acompanha por toda a parte, noite ou dia, aquella que está comnosco, embora nos achemos no meio dos outros.

Alguem, num livro de saudades, já escreveu o seguinte: "une solitude plus réelle que celle qui consiste à vivre seul." E' essa a grande, a irremediavel solidão, a que nos isola e, ao mesmo tempo, nos eleva, mesmo lado a lado de outrem. E' a solidão impenetravel — castello de marfim dos incomprehendidos...

Flavio e Maria Adelina, filhinhos do industrial Flavio M. Novaes, reuniram, em sua residencia, a 6 do corrente, um grupo de amiguinhos, a quem offereceram um chá de verdade, com doces e biscoitos gostosos... Foi assim lindamente festejado o anniversario natalicio dos dois irmãozinhos, que ahi apparecem durante a recepção infantil e acompanhados de seus paes e parentes.

Em baixo: o dr. Miguel Feitosa, chefe da 24.ª Enfermaria da Santa Casa, durante a visita que fez, ha dias, em companhia de seus assistentes, drs. Leão de Aquino, Teixeira Godoy, André Santos, Honorio Amaral, Rocha Maia, Waldyr Tostes, José Theophilo e Guerreiro de Faria, e dos internos, doutorandos José Coran, Alaor Godoy e Fabio Pinto, aos laboratorios Silva Araujo & Cia., cujas modelares installações percorreu demoradamente.

FON-FON no cinema

"SILENCIO"

(Silence)

Era uma accusação formal.

DA PARAMOUNT

com CLIVE BROOK e MARJORIE RAMBEAU

Silencio!

FELIZ aquelle que durante sua mocidade só encontra quem lhe dê bons conselhos, porque as más companhias são sempre prejudiciaes! Estragam até os entes mais refractarios ao mal, destruindo pouco a pouco todas as bôas qualidades que nos ajudam a vencer as difficuldades desta vida. Foi o que aconteceu a Jim Warren, um rapaz de bons sentimentos que se deixou dominar pelo vicio de furtar, devido aos máos companheiros com os quaes convivia.

Ao sahir da prisão, depois de cumprir sua sentença, Jim pensou em primeiro logar em Molly Burke, dona de um botequim frequentado por audazes larapios e para lá se dirigiu a passos rapidos.

— Quando sahiste da prisão?... perguntou-lhe ella, assim que o viu.

— Hoje. Norma desconfiou?

— Não. Eu disse-lhe que tu estavas no *hospital*.

— Molly, não sei como te agradecer o que fizéste por mim na prisão?

— Ora, Jim, eu sempre fui *sentimental!* Meus dois defuntos ma-

Era um amôr puro.

ridos, cujas almas estão com Deus, tambem eram dessa opinião.

—Ainda bem que Norma não sabe que eu estive na prisão.

—E agora, Jim, falemos em mim. Já deves estar convencido de que minha influencia politica vale muito.

—Bem sei, mas... Molly faz-me mais um favor. Eu quero mudar-me para outra cidade. Quero trabalhar...

—Vaes viajar... para outra cidade? Eu tambem gostaria de viajar. Tenho trabalhado muito.

—Dispõe de nossa casa em San Francisco, para onde vou com Norma. Ella ha de receber-te bem.

—Que dizes? Ainda pensas em casar com Norma? Oh, Jim! eu fui uma esposa ideal para meus defuntos maridos, cujas almas estão com Deus. Do que tu precisas é de uma esposa experiente como eu.

—Molly, tua experiencia vale muito, e é por isso que recorro á tua bolsa. Podes emprestar-me quinhentos dollars?

—Ora se posso!... mas promette-me que não te casarás com Norma.

—Molly, eu não posso desfazer o compromisso que tenho com Norma.

—Então, Jim, não te empresto o dinheiro!

* * *

Pouco tempo depois, Jim Warren entrava em casa de Norma Davies, uma joven de bôa familia, com quem ia casar-se.

—Norma, disse-lhe elle, já tive alta no hospital.

—Ah, Jim, eu sabia que voltarias correndo, assim que o medico te désse alta.

—Nosso casamento, querida Norma, será celebrado hoje. Quando lia em tuas cartas que ia ser pae, sentia-me feliz.

—Phil Powers, meu companheiro de infancia, esteve aqui. Queria que eu voltasse ao seio de minha familia, mas eu recusei.

—Bem, Norma, mette a roupa na mala. Eu já volto.

(*Continúa na pag. 46*)

Não o denunciaria.

O barão era um homem antipathico.

PASSAPORTE AMARELLO

(YELOW TICKET)

FOX MOVIETONE

Direcção: Raoul Walsh — com Elissa Landi, Lionel Barrymore e Lawrence Olivie

MARYA KALISH, uma joven russa de refinada cultura, amargurava o seu destino, porque nas lições que dava aos seus alumnos lembrava-lhes o credo da liberdade, emquanto seu pae soffria as torturas da prisão em São Petersburgo. Reinava naquella época o autocratismo imperial do Czar e todo aquelle que manifestava o seu ideal de livre pensamento ia curtir penas nas grades das prisões.

Procedia Marya á sua aula costumeira, quando chegou occultamente um emissario com a dolorosa noticia do fallecimento de seu infeliz progenitor.

Como louca, quiz ir a capital, sendo negada essa attenção, pois graves acontecimentos se desenrolavam na côrte, e era exigida a posse de um passaporte. Sendo Marya de origem judaica, todas as portas lhe foram fechadas, só se lhe concedendo um passaporte amarello, destinado á fauna das mulheres "coquettes". Não medindo as consequencias futuras da posse daquelle pedaço de papel, sujeitou-se a pagar 50 rublos pelo passaporte, o preço do estigma duma infamia. Infelizmente, nada lhe adeantára, porquanto, nem ao menos, poude abraçar o seu pae querido.

Queria-a pela força dos seus instinctos brutaes.

Regressando com o coração ferido, sangrando de odio e vingança, Marya, ainda presa áquelle bilhete cruel, veiu a saber que sómente o barão Andrey seria capaz de apagar aquella nota, que, por effeito dum sacrificio, a infamava impunemente. Libertino, beberrão, o barão Andrey, sente-se attrahido pelos encantos da joven.

Aconteceu, porém, que, na viagem, Marya conheceu Julian Rolphe, um escriptor e jornalista inglez que andava pela Russia em busca de enormes emoções e reportagens para o seu jornal. Comprehendendo a magua de Marya, Rolphe promette ajudál-a e o faz pelos multiplos artigos em que narra, com detalhes, os horrores do

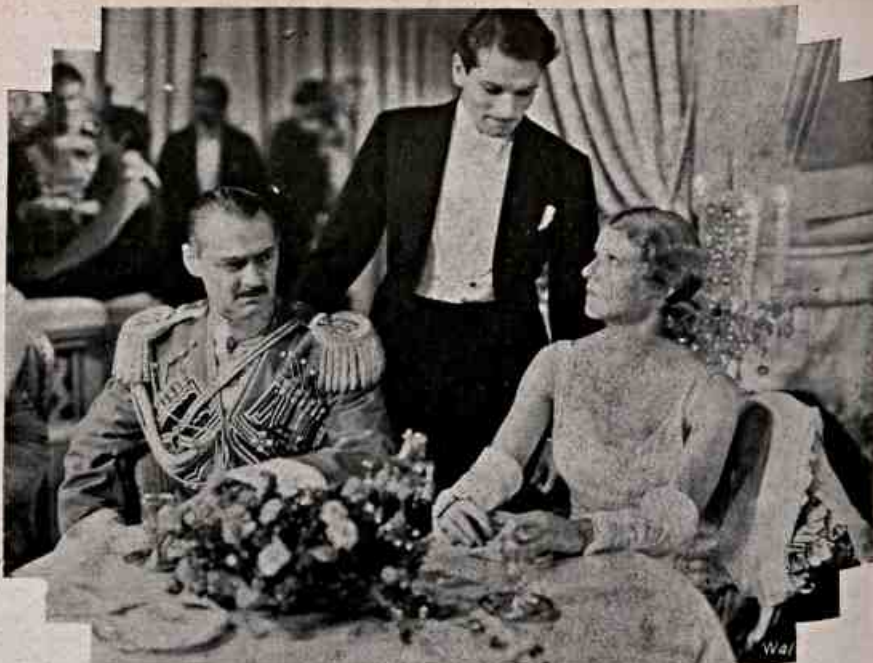
imperialismo russo. Maneiroso e diplomatic., o barão Andrey quer castigar o atrevido jornalista e o faz, ameaçando Marya, como sendo a fonte orientadora das informações publicadas. Para isto simula uma paixão e convida-a para cearem juntos.

Naquella noite, pairava um ar ameaçador sobre o continente europeu. Era a guerra que estava declarada. Andrey telephona para Nikolai, dando ordens de prisão contra Julian Rolphe. Sabendo disto, Marya, aproveitando a embriaguez de Andrey, mata-o, fugindo com auxilio de Rolphe, procurando abrigo na embaixada ingleza, onde sob as leis britannicas se casam e partem felizes, porque assim estava para sempre destruida a influencia malefica e peccaminosa daquelle cruel *"passaporte amarello"*.

O ciume da féra.

SILENCIO

(Continuação)

Jim sahiu, e como não tinha dinheiro, resolveu roubal-o. Seria o seu ultimo furto e depois fugiria para San Francisco, onde trabalharia afim de trilhar para sempre o caminho do bem.

Dois policias, porém, receberam algumas indicações da victima roubada e foram prender o ladrão. Jim julgou que ainda poderia fugir e ao entrar em casa disse a Norma:

— Vamos depressa para a estação.

— Estou acabando de arrumar... mas estão batendo á porta...

— Si forem policias, dize que nada sabes de mim. Voltarei quando elles sahirem. Vou fugir pela janella, mas tenho que esconder este dinheiro no teu cesto de costura.

Norma abriu a porta assim que Jim fugiu e os policias resolveram esperar até que elle voltasse. Um gatinho principiou a brincar com as franjas do panno da mesa e o cesto de costura cahiu no chão. Um dos policias viu o dinheiro e constatou que era exactamente a importancia que fôra roubada.

Ao saber que o dinheiro fôra encontrado e que Norma estava na prisão, Jim foi falar com Molly.

— Si livrares Norma da prisão, disse-lhe elle, farei tudo o que quizeres.

— Promettes casar commigo?

— Sim, se salvares Norma da prisão.

— De quem roubaste o dinheiro?

— De Robert Hennessy...

— Conheço-o bem e vou pedir-lhe para retirar a queixa.

* * *

No dia do casamento de Molly com Jim, muitos barris de cerveja estavam sendo esvasiados pelos convidados. Ornamentações de papel, flores naturaes e uma banda de musica davam um ambiente alegre á habitação de Molly. A cerveja em abundancia animou os convidados, que principiaram a dançar antes da chegada do juiz de casamentos. Jim era o unico que estava triste. Soubera que Norma, depois de sahir da prisão, se casára com Phil Powers. Molly approximou-se delle e disse-lhe:

(Conclúe na pag. 48)

Era sua escrava.

NOTAS DE ARTE

CÔRO MADRIGAL DE HAMBURGO. — Para os que desconhecem, ou mal sabem, a historia da Musica, o nome de *madrigal* dado ao conjuncto vocal, que estreou no Theatro Casino, em a noite do ultimo venerdia, 6ª feira, 15 de abril, contractado pelo emprezario Nicolino Viggiani — parece deva ser apenas um simples epitheto nominativo, para distinguir de outros, o côro hamburguez ora em excursão pelo Brasil. Entretanto não é essa a verdade. *Madrigal* é uma forma musical. "E' uma composição de um genero profano — escreve Marcillac, na sua *Historia da Musica Moderna* — tratada a contra-ponto mais ou menos complicado para tres, quatro ou maior numero de vozes. Surgido, cerca de 1530, da escola veneziana fundada por Willaert, o *madrigal* espalhou-se rapidamente por toda a Italia, e, durante perto de um seculo, foi a unica forma musical admittida como musica de camera... A introducção do estylo madrigaesco contribuiu para depurar o gosto e fazer com que a arte musical fosse considerada de um ponto de vista mais elevado. Foi somente então — que os compositores comprehenderam que os assumptos religiosos não eram os unicos do seu dominio e que, applicando-se a textos profanos, podiam reforçar-lhes o sentido e o pensamento, e revestir um poema de colorido capaz de lhe realçar mais as bellezas. Foi pois sob a influencia do *madrigal* que se fez a evolução em virtude da qual a musica devia breve secularizar-se, e deixar o recinto da igreja, para fazer-se, na arte dramatica, a interprete das paixões humanas."

O *madrigal* é uma especie de coral profano. E' o coral do theatro, como o coral, o madrigal da Igreja. Pelo *madrigal* o theatro lyrico surgio da musica religiosa, como o moderno theatro dramatico nasceu pelos *mysterios* da liturgia christã. "A arte profana — diz Lavignac no seu conhecido e prestigioso livro — *A musica e os musicos* — caminhando parallelamente com o arte sagrada, creou o *madrigal*, em que se deve ver um encaminhamento para a opera."

Constituido originariamente só de vozes, no estylo da musica sacra, do chamado *canto a cappella*, o madrigal acabou admittindo o concurso de alguns instrumentos. De sorte que de musica só vocal passou a ser tambem musica vocal e instrumental. Foram as duas formas que ouvimos no espectaculo do Côro Madrigal de Hamburgo, dado pelos artistas allemães — sopranos: Valerie Brohm — Voss e Rita Vormshacher; contraltos (?) — Emmy Nammesfahr — Puttbach e Marta Pohlmann — Tumler; tenores — Martin Erich e Johanes Koehler; baixos (?) — Walter Sommermeyer e Arthur Ram; pianista — Otto Stoterau; e através dos seguintes numeros: I) *A nobre musica* de Val Rathgeber; *O bone Jesu*, de Palestrina; *Exultate Deo*, de Alex. Scarlatti; — II) *A terra natal* (op. 64) e *A noite*, de Brahms; III) *Despedida da Floresta* e *Canção de Maio*, de Mendelssohn; *Na Primavera*, de Carl Loewe; *Infidelidade*, de Gluck; *Que fazer com tanta alegria!*, de Silcher. O numero II e III foram executados com acompanhamento de piano e o n. I sem nenhum acompanhamento: *canto a cappella*. Figuraram ainda no programma numeros que não são propriamente *madrigaes*: os duos para soprano e barytono de G. Goebler — *Floco de neve*, *Passou o mais bello dia* e *Ninette* por Valerie Brohm e Walter Sommermeyer, (n.º V), *Canções ciganas* de Brahms (n. VII) e talvez os quartettos femininos *Deflorescendo ás escondidas* e *O meu coração*, de Wilh. Berges (n. VI), sem falar em o numero inteiramente *extra*, que foi o IV, constituido por uma peça de piano executada pelo sr. Otto Stoterau — a *Polonesa em mi maior*, de Liszt.

Embora não nos produzissem excepcionaes emoções, tivemol-as comtudo bastante intensas, para applaudir como applaudimos quasi todos os numeros, principalmente *Exultate Deo*, *A terra natal*, *Canto de Maio*, *Na Primavera*, *Floco de neve* e *O meu coração*.

Houve peças em que muito sobresahiu a mestria dos cantores pela justeza das entradas, pela belleza das notas emittidas por cada um dos artistas, muito embora nem todos destacassem no conjuncto coral a propria personalidade. Houve, porém, alguns que o fizeram. Taes a sra. Emmy Nammesfahr e o sr. Walter Sommermeyer, e mais que todos, a sra. Valerie Brohm Voss. Esta cantora sobresahiu pela notavel belleza da voz, muito fresca, muito malleavel, capaz de produzir bellos effeitos de intensidade e de timbre. Foi a heroina da noite.

Espectaculo de arte, de arte pura, merece ser ouvido e applaudido o Côro Madrigal de Hamburgo, como o foi na sua estréa, em que alem de palavras e bravos, houve *bis*: *Na Primavera* de Loewe foi bisada.

Embora a letra de todos os numeros seja em allemão, não deve ser isso motivo para afastar ouvintes brasileiros, como aconteceu na noite da estréa, em que predominou o elemento germanico. Abrasileire-se a platéa do Casino para ouvir o Côro allemão. A plenitude da emoção musical supre a deficiencia da comprehensão verbal.

OSCAR D'ALVA

FIGURAS DE THEATRO

Filomena Casado, actriz portugueza de nome festejado, que dentro de breves dias se apresentará ao nosso publico, no novo theatro Carlos Gomes, da Empresa Paschoal Segreto, com a Companhia Maria das Neves-Carlos Leal. E' uma linda figura de mulher, e tem uns olhos lusitanamente seductores...

O carro

MAIS um pequeno esforço de economia e os Heurteleau poderiam adquirir o lindo automovel que tanto vontade tinham de possuir.

Era um joven casal, cheio de principios, de principios que os contemporaneos julgavam descabidos e consideravam mesmo preconceitos.

Era assim que Lucie e Jacques não queriam ouvir falar em pagar o carro senão á dinheiro. Em vão lhes repetiam que ha muito já o podiam ter, si o quizessem pagar a prestações; respondiam que não queriam fazer dividas.

— Si eu cair doente, dizia Jacques.

— E si tivermos um filho! dizia Lucie.

E, na verdade, ambos prefeririam ter um garoto que um carro. Mas até alli, bêbê tardava, e elles não iam ficar á espéra disso, privando-se de tudo.

Ao fim de cada mez, mettiam num pequeno cofre economias que não eram para desprezar.

Lucie, *vendeuse* duma modista, ganhava bem a vida e Jacques, que era sub-chefe do contencioso duma companhia de seguros, não precisava contar os vintens. Teriam tido ha muito, o seu carro, si quizessem sacar sobre o futuro, mas preferiam, esperando o *cabriolet* que haviam escolhido, tomar o trem para, aos domingos, virem almoçar em Vaucresson em casa da mãe de Lucie, que terem todo o mez, a preoccupação de juntar o dinheiro necessario para o dia da prestação.

Não era só porque desejassem possuir um carro, que se julgavam na obrigação de apertar os cordões á bolsa. Lucie vestia-se com elegancia; á mesa não se serviam ensopados grosseiros, e Jacques fazia economias, sobre economias, o que lhe permittia offerecer á mulher presentes pelo anniversario e para as suas despesas.

Falavam do automovel como si já o possuissem.

Escolheram-n'o numa montra, da praça da Opera. Era aquelle que elles queriam e não outro. Contavam que ninguem viesse compral-o carregando-o assim, de um momento para outro. Tanto mais que só teriam de esperar algumas semanas. Tres mezes mais, possuiriam a somma necessaria, com os extras e que precisariam para as despesas de seguro e impostos.

Então, elles entrariam na loja.

— Bom dia, senhor. Aqui está o carro que nós queremos!... Podemos pagal-o logo. Poderão nol-a entregar amanhã?...

E logo, as notas sobre a mesa, a factura paga, o ultimo olhar á *carrosserie* assetinada dum esmalte resplandecente.

Haviam naturalmente tirado a licença competente, mas tres mezes antes, pensaram que não seria prudente lançarem-se no torvellinho de Paris, com um carro tão fino que, ao menor choque, poderia arranhar e perder o brilho. E já tinham feito os seus planos:

— Nos primeiros tempos não

SILENCIO

(Continuação)

— Já é tempo de esqueceres Norma. Com quem tu vaes casar é commigo. Tu és o unico thesouro do meu coração e eu prometto fazer-te feliz.

— Molly, o que te vou dizer é bastante doloroso para mim. Devo-te innumeros favores, mas.... recuso casar comtigo.

— Sem mim, Jim, voltarás a ser um miseravel!

— Não faz mal! E' isso mesmo que eu mereço!

— Bem, podes ir.... e agora, rapazes, vamos divertir-nos, bradou Molly, dirigindo-se aos convidados; eu escapei de fazer uma asneira!

* * *

Vinte annos depois.

Num festival campestre com barracas de feiras e theatrinhos, a grande attracção consistia numa corrida de cavallos em uma grande pista. Vendedores ambulantes offereciam doces, cigarros e garrafinhas com refrescos a preços convidativos. Jim Warren e Harry Silvers continuavam a viver sem trabalhar e aproveitaram a bôa occasião para explorar os banqueiros com um jogo de apostas que garantia um lucro certo aos *banqueiros*, titulo este que lhes cabia por serem donos da mesa onde se fazia o jogo.

Foi nessa feira que Jim veiu a saber que um dos directores do festival era Phil Powers, que, apesar de rico e dono de um grande jornal, andava acabrunhado depois que enviuvára. Sua unica alegria era sua filha Norma, que completára dezenove annos.

E' neste momento que o enredo deste fonodrama se torna mais attrahente, revelando aspectos inteiramente novos e surprehendentes incidentes que causam optima impressão e nos fazem admirar o sacrificio de um homem que se conserva em *silencio* perante as mais tragicas occorrencias de sua vida. As scenas deslisam na téla com toda a clareza e hão de ser sempre lembradas por todos que forem vêr este grandioso film.

CLIVE BROOK

O fonofilm "Silencio" relata a vida de um larapio que não soube apreciar os sacrificios que por elle fazia a mulher que amava.

Clive Brook, o suave actor inglez, tem neste film um papel esplendido. Ha muito tempo que não desempenhava um desses papeis e seus admiradores verão com prazer que o encarna com toda a arte. Clive Brook infiltra sempre em seus papeis idéas originaes.

circulariam em Paris. No dia da estréa pediriam a Gastão, que guiava havia muito tempo, de conduzil-o á uma garage, perto da porta de Saint-Cloud. De mais, em Paris, com metro e os autobus, ha necessidade dum carro?...

Elles sonhavam!

E foi só o anno passado na vespera de Natal que Lucie teve a certeza absoluta que estava gravida. Não havia dito nada a Jacques, até aquelle momento. Todavia, depois do *réveillon*, depois de ter ceiado com alguns amigos com os quaes o marido havia falado com lyrismo do proximo carro, enlaçou os braços em volta do pescoço e murmurou-lhe ternamente pertinho do ouvido:

— Tenho como que um vago presentimento que o nosso carro, não será ainda para este anno...

Jacques desvencilhou-se com certa inquietude:

— Que dizes?

— Creio que seremos, papá e mamã no mez de junho.

— Verdade!

— Eu creio... estou mesmo quasi certa... Fui ao medico, esta tarde...

Elle esboçou um: "Oh! oh!" de admiração, como si fôsse um milagre para os dois sêres jovens, ella e elle, tornarem-se papa e mamã. Uma espécie de orgulho afogou-o, immediatamente. Vaidoso d'aquelle que pensava que era coisa d'outro mundo ter um pimpolho!

Elle cercou-a logo dum grande respeito; apertou-a nos braços com precaução, ficou cuidadoso d'ella, exigiu repouso, cuidados. Ella defendia-se rindo:

— Mas eu juro que me sinto perfeitamente bem, que não tenho nada...

— Sim! Sim! mas eu queria que elle fôsse muito bonito, nosso filho!

Já não é deante das montras dos negociantes de automoveis que elles paravam, essa tarde, ao voltarem á casa, mas davam voltas para passarem deante dos armazens de objectos para recemnascidos.

Prevendo o futuro, o anno anterior, pelo Natal, Jacques, havia comprado, afim de offerecer á Lucie, a medalha de São Christophe que os deveria garantir.

Elle lh'a mostrou e quando o garoto veio ao mundo, foi a primeira que lhe penduraram ao pescoço.

. . . .

Este anno, amigos *gaffeurs* perguntaram a Jacques e á Lucie com um sorriso:

— E o automovel? Ficou para a primavéra?

Jacques corou um pouco porque era apenas um homem — com amor proprio e brio.

Mas Lucie, mostrou o carro no qual passeiava todos os dias Marcel-Desiré-Yvon, em qualquer tempo.

— Eil-o! diz elle; e este dános outras alegrias!

ROBERT DIEUDONNÉ

Escriptores e livros

Edgard Wallace — O LEÃO DA BOLSA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

MAIS um volume do famoso novellista inglez acaba de ser incorporado á *Collecção para Todos*. Trata-se da traducção do livro *The twister*, um dos maiores successos do fecundo escriptor recentemente fallecido.

Jader de Carvalho — TERRA DE XINGUEM — Liv. Moraes — Fortaleza — 1931

O sr. Jader de Carvalho é membro da Academia Cearense de Letras. Intelligencia viva, imaginou escrever um poema *futurista*, consagrado á memoria de Graça Aranha.

Tomou para motivo o Brasil, a terra de ninguem...

E aqui está como o autor encara o *amanhã*:

Brasil,
o poeta do amanhã vae apontar-te,
apenas com o indicador,
os rumos que se cruzam no teu destino.
Elle só — e não os que te offendem,
molhando a penna, o pensamento e a
palavra no teu sangue,
te conduzirá em procissão pela tua
propria terra,
para que tu leias o drama do
sertão primitivo no rastro do jagunço
e, desse rastro humilde, sintas
resurgir o pé andejo
que, nas romarias para Canudos
e Joazeiro,
rasgou estradas reaes ao branco
retardatario.

O exemplo define as linhas mestras do poema.

A concepção do trabalho é, sem duvida, original, deixando patente o talento do autor. Mas, na execução, os absurdos ultra-modernos entraram de tal sorte, que, por vezes, pouco se percebe da finalidade das imagens e conceitos do autor. Os *futuristas*, entretanto, suppõem que o grosso do publico vive no mundo da lua, e que está habilitado a entendêl-os...

Maurice Leblanc — A AGENCIA BARXETT & Cia. — Editora Guanabara — Rio — 1932 — 4$

ESTE magnifico livro de aventuras policiaes, que tão ruidoso successo despertou na França, apparece traduzido pelo sr. Cintra Vidal. São 205 paginas de attrahente leitura, constituindo um volume cuja apresentação material merece elogio.

Ernani Fornari — GUERRA DAS FECHADURAS — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 5$

ERNANI FORNARI é um nome festejado nos pampas. Escriptor seguro no manejo da penna, sabendo habilmente explorar os assumptos que escolhe para regalo dos leitores, soube conquistar publico, o que não é facil. A prova do que affirmamos está neste livro de contos, que apparece em 2.ª edição. São paginas traçadas com extraordinario bom humor e que denotam certa originalidade no acabamento. Um punhado de trabalhos para serem lidos com um sorriso nos labios e que nós temos vontade de pedir mais, quando na ultima pagina do livro.

Bandeira Duarte — O HOMEM QUE SALVOU A TERRA — Editora Marisa — Rio — 1931

O sr. Bandeira Duarte escreveu uma novella interessante. Trata-se de um episodio fantastico: as extraordinarias aventuras de Braz Camillo, repórter.

O genero exige uma technica especial, da qual o autor mostrou estar de posse. Os acontecimentos espantosos desenrolam-se com naturalidade, animados pela vérve do escriptor. Não resumimos o enredo da novella para não banalizál-a aos olhos do leitor. Basta assignalar que o livro é lido do principio ao fim, sem esforço.

E' mesmo um trabalho muito superior a certas obras estrangeiras que por ahi andam traduzidas, com capas espectaculosas. O sr. Bandeira Duarte, si trocasse de nome, adoptando outro qualquer, arrevezado, de origem bretã, por exemplo, poderia conquistar a preferencia de certos editores.

E estaria com a vida garantida...

Irêne Drummond — CARTILHA DA MATERNIDADE — Rio — 1932 — 5$

A autora deste trabalho já tem apparecido nas paginas desta revista, firmando contos e novellas. Agora, publica um livro de utilidade, como indica o nome dado ao mesmo. Como diz o dr. Oliveira Motta, illustre prefaciador do trabalho, a "Cartilha da maternidade" é um livro como tantos que existem no genero dos denominados: *esperando bébé*. Tem, entretanto, a originalidade de ser escripto para as mães de pequenas posses materiaes e intellectuaes."

Ahi está o valor da obra.

Deoclecíano Martins de Oliveira — NO PAIS DAS CARNAUBAS — Rio — 1931

A explicação do autor aqui está : "Este livro é o primeiro de uma trilogia sobre a vida no rio S. Francisco. Tive a intenção de fixar, aqui, aspectos do meio; no segundo, estudarei tipos; no terceiro, lendas, usos e costumes. E' certo que o presente apresenta tambem tipos, lendas, usos e costumes, e nem poderia ser de outra fórma para que pudesse entremostrar um ambiente social.

"A obra toda se comunica e se enterpenetra. Os contos deste volume exploram a vida sobre as aguas do grande rio, nos campos e nas cidades. Este livro é um grito de tortura e um anseio de piedade, que se prolongarão pelos seguintes.

"Mas outras preoccupações tive quando febrilmente elaborei estes contos com a alma cheia de saudades e de revoltas. Eu quis revelar um pouco da minha terra ignorada, onde vivi os primeiros dezeseis anos da existencia, e onde estou sempre em pensamento. Porque ela não é só de amarguras; é tambem de belezas extraordinarias. O S. Fransisco é bem o rio *das maravilhas*. Ali está uma reserva de tradições brasileiras, um celeiro da alma nacional.

"De sorte que pude disfarçar as desgraças do meu torrão querido com os proprios enfeites de sua natureza. E mesmo com o espirito resignado da minha gente. Divulgo qualquer cousa do folque-lore. Empreguei, em uns contos mais, noutros menos, neologismos da zona, que traduzem sempre qualquer cousa do espirito do povo. Sou nacionalista.

Procurei ressaltar, porém, sôbre o cenario regional, a alma humana, num meio onde a instrução é deficientissima; onde o trabalho é ainda o dos tempos coloniais; onde o homem luta com a terra quasi com as proprias energias da musculatura; onde a religião é apenas superstição; onde não ha higiene, nem governo, nem justiça, nem policia; onde tudo são forças dispersas vencendo o acaso."

Ahi está o scenario do S. Francisco, onde o autor colheu os motivos para os contos reunidos neste volume. De inicio, cumprimos o dever de saudar o novel escriptor, pela brilhante apresentação. E' a revelação de um *conteur* completo, que sabe narrar com admiravel facilidade, que sabe prender a attenção do leitor, pelo methodo empregado na maneira de trabalhar.

Quasi é impossivel destacar este ou aquelle conto do volume, tal a unidade existente na belleza de todos elles. Mas, a nossa preferencia volta-se para o conto typico, *Vaquejada*, uma das paginas mais empolgantes da literatura regional.

O sr. Martins de Oliveira é um observador feliz, que sabe reproduzir o que vê. Nasceu escriptor. Deve proseguir na carreira para colher os louros que lhe estão reservados, quando tiver corrigido pequenos senões de linguagem, ligeiros senões de syntaxe. Nugas, apenas.

O livro despertou a nossa curiosidade para os demais promettidos. Si a trilogia sobre a vida no rio de S. Francisco completar-se de accôrdo com este volume, o autor inscreverá o seu nome entre os melhores escriptores nacionaes, da actualidade.

J. Ferreira da Silva — FRITZ MULLER — Ed. Alba — Rio — 1931

TRATA-SE de um ensaio sobre a vida e a obra do naturalista allemão, que desfrutou da amizade de Darwin e de Haeckel, grandes figuras do mundo scientifico. O autor focaliza o sabio que, além de philosopho e pensador, foi o colono humilde que desbravou as florestas de Santa Catharina, onde viveu. O estudo do sr. Ferreira da Silva, escripto com clareza e elegancia, é interessantissimo. Nada escapou á observação do autor, nem mesmo a faceta literaria do espirito de Fritz Muller. O naturalista sabia tambem versejar, e algumas das suas composições apparecem no volume, traduzidas pelos poetas Oliveira e Silva e Octaviano Ramos.

J. P. Porto Carrero — CRIMINOLOGIA E PSYCHANALYSE — Edts. Flores e Mano — Rio — 1932 — 3$

É o terceiro volume da *Bibliotheca de cultura medico psychologica*, util iniciativa collocada sob a direcção de Neves Manta. O trabalho foi escripto em torno dos seguintes themas: *Subsidios psychanalyticos ao Direito Penal; O peccado original; Contra o Codigo Penal.*

Achamos desnecessario realçar o valor da obra, pois o dr. Porto Carrero, professor de medicina legal da Universidade e autor de varios trabalhos sobre o assumpto, doutrina com a autoridade do seu nome.

Guy-Gay — O POKER — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

ESTE volume vem demonstrar que nem só da literatura vivem os editores... O *poker* é o jogo mais popular nos paizes civilizados? Pois então deve ser ensinado por meio de livro, pensou o autor, que se julga conhecedor da psychologia do jogo, apto para dar conselhos aos maus jogadores. O brasileiro que adora o *bluff*, agora só perderá no *poker* si quizer...

Julio Diniz — OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA — Liv. Antunes — Rio — 1931 — 5$

ESTA obra do grande escriptor portuguez, dividida em duas partes, apparece em um só volume, edição popular. São cerca de quinhentas paginas, admiravelmente bem escriptas. E' talvez o melhor livro de Julio Diniz, o consagrado autor de *Uma familia ingleza*, *As pupilas do sr. Reitor* e *Serões da provincia*.

MARCEL SAUVAGE

LA FIN DE PARIS

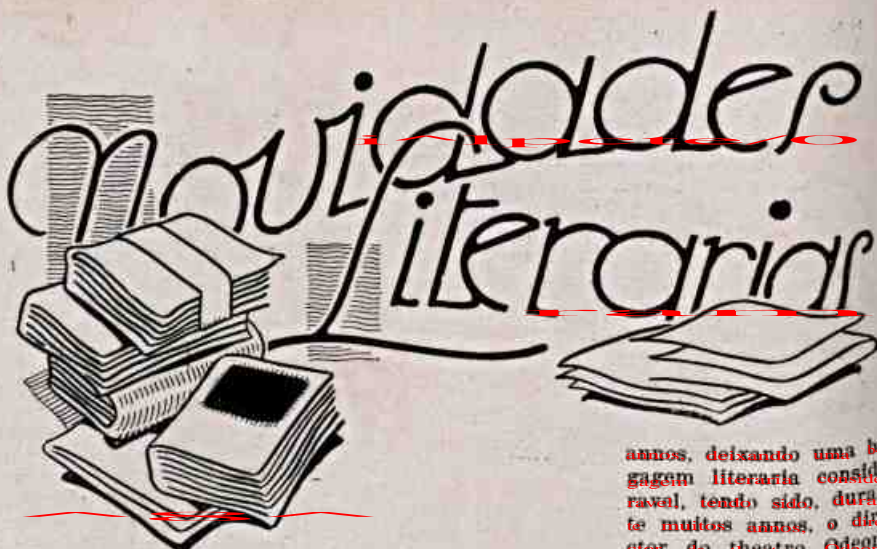
ou

La revolte des Statues

Romance humoristico e satirico, onde se vê o fim de Paris, pelas suas estatuas em revolta.

Denoel et Steele, Edts.
19 Rue Amelie
PARIS
15 Fs.

Os jornaes francezes commentam com grande sympathia e maiores elogios a fundação da "Confederação das Cooperativas de Edições e de Culturas do Brasil" em S. Paulo. Raro foi o jornal que em principios de abril não dedicou a essa joven agremiação meia columna. Varios jornalistas, livrarias e editores procuraram o representante do FON-FON em Paris afim de obterem informações mais amplas e detalhes sobre os fins e meios dessa sociedade. Não tendo podido elle fornecer nenhum detalhe preciso sobre o caso, promptificou-se, entretanto, a obtêl-os por intermedio de um editor brasileiro (que até a presente data não se deu ao trabalho de responder). Ainda que isso possa parecer inverosimil, existe agora no meio literario francez um grande interesse pelo Brasil e pela sua literatura. Rara é a casa editora de Paris que não editou ultimamente um livro sobre o Brasil. Albin Michel, Fasquelle, Les Nouvelles Editions Latines, Grasset, Plon, os maiores editores de França, deram-nos, ultimamente, varias obras interessantissimas sobre o Brasil, ou traducções de seus autores. Criticos de grande renome, como Jean Vignaud, occupam-se amiudadamente do Brasil. Por que não aproveitar essa onda de sympathia com que nos distingue a intellectualidade franceza, para ganharmos um pouco no conceito mundial? Temos uma Academia de Letras, varias instituições literarias que por si deveriam estudar o melhor meio de estabelecer essa aproximação tão desejada pela França. Pelo menos organizar um serviço de informações periodicas para os jornaes francezes, o que evitaria, áquelles que estão aqui em Paris, o mesmo embaraço em que se vê o correspondente do FON-FON, para dar uma informação, da qual poderia resultar muitissimo para a propaganda da nossa cultura na Europa. — B. A.

Por occasião do centenario de Walter Scott, "the whole world's darling" (o querido do Universo), segundo a phrase de Wordsworth, o escriptor Aristide Marie vae publicar um novo volume intitulado *Walter Scott*, detalhado estudo sobre a vida do grande escriptor, resultado de varias visitas feita pelo autor a Waverley e varias explorações nos archivos do santuario de Abbotsford.

Fasquelle, o celebre editor de Zola, acaba de lançar mais uma edição da famosa obra "Zola raconté par sa fille", de Mme. Denise Blonde Zola, livro que obteve um successo enorme quando do seu apparecimento e que revelou na filha do famoso realista uma escriptora admiravel de força e analyse.

Aproximam-se as grandes festas que se preparam na França para commemorar o centenario de Goethe. As edições *Rieder* acabam de lançar um notavel estudo sobre o grande poeta allemão, — *Goethe*, de autoria de Paul Amann, profusamente illustrado, e que está obtendo enorme exito. Uma das notaveis qualidades dessa obra, é que ella, a par de uma biographia consenciosa de Goethe, nos revela um notavel pintor, reproduzindo innumeros *croquis* feitos pelo auctor de *Fausto*.

Paul Ginisty, conhecido e popular escriptor parisiense, romancista e autor dramatico, vem de morrer em Paris, aos 77 annos, deixando uma bagagem literaria consideravel, tendo sido, durante muitos annos, o director do theatro Odeon.

François Mauriac, que vem de lançar com enorme exito o "Noeud de Vipéres", depois de disputada eleição, foi eleito presidente da "Société des gens de lettres".

Na Academia de Sciencia Moraes e Politicas de Paris, o Barão de Seillière acaba de apresentar a seus pares as *Notes Inédites* de Sainte Beuve, publicadas por Charles Guyot, segundo um manuscripto da collecção Lovenjoul.

Johan Bojer é considerado hoje por toda a Europa como o Ibsen novo da Noruega, e, para festejar o seu 60.º anniversario, um enorme banquete foi organizado em Oslo, por escriptores, pintores, artistas dramaticos, e a que o proprio rei compareceu.

JOHN CHARPENTIER

LE SYMBOLISME

Um dos livros admiraveis da collecção de todo o XIX seculo.

Les Oeuvres Representatives
41 Rue Vaugirard
PARIS
12 Fs.

MARCEL PAGNOL

PIROUETTES

O primeiro romance do famoso autor theatral... «Aussi gai que TOPAZE, plus marseillais que MARIUS».

Fasquelle editeurs
11 Rue de Grenelle
PARIS
12 Fs.

da Europa

"Aux camarades de mes vingt ans que le 2 août 1914 ont quitté la Butte en chantant et ne sont jamais revenus". Tal é a dedicatoria do novo livro de Roland Dorgelés, o autor de moda em França, *Le chateau des Brouillards*, que vem de apparecer com ruidoso successo literario e de livraria.

No prefacio do seu novo livro — "Un conte des bonnes femmes", cuja traducção em f r a n c e z vem de ser posta á venda, o celebre romancista inglez A r n o l d Bennet nos conta varias anecdotas de sua carreira. "Affirmaram, — diz elle, — que si eu não houvesse assistido a uma execução capital, não poderia ter escripto a scena em que Sophia, em Auxerre, é testemunha desse abominavel espectaculo. Ora, confesso que nunca assisti a uma execução, nem pretendo assistir.

S o m e n t e um critico, Frank Harris, commentando um conto do meu novo livro, publicado no "Vanity Fair", affirmou que eu nunca houvéra assistido a uma execução de morte e nesse commentario descrevia minuciosamente "o que era u m a verdadeira execução". Ao ler essa critica, confesso, fiquei enthusiasmado, tal a precisão e os detalhes da descripção, a meu ver muitíssimo superior á minha. No mesmo dia, escrevi ao celebre critico, deplorando que tal pagina não houvesse sido publicada antes da minha, pois seria uma excellente fonte para mim, *que nunca havia assistido uma execução*. Com enorme espanto, no dia immediato, recebo delle uma carta onde me declara: "Não importa que a minha descripção lhe tenha feito falta aos detalhes do seu livro, porque eu, tambem, nunca assisti a uma execução capital".

O governo sovietico mandou fazer uma edição completa e definitiva das obras de Leon Tolstoi, cuja direcção foi confiada ao seu amigo e discipulo Vlademir Chertkov, que dirige uma grande commissão de homens de letras que trabalha nessa organização. A edição comprehenderá 90 volumes, dos quaes 42 já foram publicados recentemente. Varios ineditos e dez mil cartas recebidas pelo grande escriptor, de t o d a s as partes do mundo, farão parte dessa collecção.

Livros que acabam de apparecer

— «De Versailles au plan Young», por Jacques Seydoux. (Plon, editor).
— «Lenine et Kerensky», por Louis Dumur. (Albin Michel, editor).
— «La femme aux enchéres», por Clement Vautel. (Albin Mitchel, editor).
— «Les deux lippi», por Urbain Mengin. (Plon, edt.).
— «Le vaisseau sanglant», aventuras, por Norman Springer. (Plon, editor).
— «Le maitre coq du Kamtchatka», por J. d'Agraives. (Plon, editor).
— «Ariel», ou «La vie de Shelley», por André Maurois. (Ed. Mornay).
— «Les procés de 1931», por Geo London. (Les editions de France).
— «Altitudes», por René Chambe. (Editions Baudiére).
— «Heritages», romance, por A. Chamso. (Grasset, editor).
— «Traduit de L'Argot», por Francis Carco. (Editions de France).
— «Le dernier avatar de Samhor Rutland», por Herbert Wilde. (Albin Michel, editor).
— «Oú va l'Autriche», por James Donnadieu. (Tallandier, editor).
— «Le drapeau blanc», por Lucas Dubreton. (Editions de France).
— «La vie n'est pas un roman», por Line Beberre. (Tallandier, editor).
— «La vraie figure de Clemenceau», por Urbain Cohier. (Ed. Baudiniére).
— «La vie cosmopolite de Dekobra», por J. Hariel. (XIIe. Lib. Française).
— «Lettres de Laure Surville Balzac». (Plon, editor).
— «Les coeurs refleurissent», por Roger Régis. (Fayard, editor).
— «L'Araignée de verre», por Maurice Maeterlinck. (Fasquelle, editor).
— «Le diamant de la reine», por Paul Bourget. (Plon, editor).

G. Wells vem de publicar um novo livro, *The Work, Wealth And Happiness Of Mankind*, philosophia, que é tambem uma sátyra dos tempos actuaes. Wells mostra-se n e s s a nova obra cada vez mais partidario da mechanização da vida e professa a doutrina da "machina acima da materia"!...

Uma Anthologia *Des Conteurs Bresiliens*, sob a direcção de Ronald de Carvalho e outros escriptores francezes, vae ser editada pelas *Nouvelles Editions Latines*, uma das casas editoras francezas que mais se têm occupado do Brasil, nestes ultimos annos.

Zoltan Ambrus e Vladimir Cerina acabam de morrer. O primeiro era um poeta de grande valor, romancista e critico de renome em Budapest; e o segundo, natural da Bosnia, era considerado o poeta moderno croata de maior valor.

BRICIO DE ABREU

UM DRAMA NA MONTANHA

O patinador suisso Gustavo Holzer, de Winterthur, foi victima de uma singular aventura. Tendo-se perdido na região de Piz Buin quando procurava attingir a cabana que servia de refugio alpino, teve a desgraça de cahir em um desfiladeiro. A senhora Fortuna quiz, porem, que Gustavo Hlozer fosse salvo pelos seus proprios "skies", que penetraram no gelo, mantendo-o suspenso sobre o abysmo, de cabeça para baixo. Nesta perigosissima posição esteve o patinador durante mais de duas horas, até que foi salvo da morte imminente por um que ahi fazia a sua ronda.

O RESUSCITADO

Na região de Constanza morreu o empregado de uma padaria depois de curta enfermidade. Já a tampa do caixão mortuario tinha sido fechada e preparavam-se para cravala-a, tendo shido o dono da casa á procura de um martelo para esse fim. Ao voltar, porem, á improvisada camara mortuaria, que deixara deserta pouco antes, o padeiro quasi tem uma syncope cardiaca ao ver, no limiar da porta, uma figura espectral, mettida num ampla mortalha, e que levantava uma mão á guiza de saudação. Faça-se idéa do estado de espirito do dono da casa, que só se acalmou um pouco quando ouviu a voz do seu auxiliar, que lhe falava. Atacado por uma especie de catalepsia, o moço soffrera um horrivel tormento porque, alem de escutar tudo que succedia a seu lado, temia ser enterrado vivo. E só naquelle instante, quando todo mundo deixava o quarto do seu cadaver é que as forças lhe voltaram, e, num esforço supremo, conseguiu sahir da prisão do seu feretro.

HOMEM DE NUMEROS

CAIXA. Contador. Correcto. Meticuloso. Detalhista.

Prodigio de exactidão e de ordem.

Assombroso calculista.

Maravilhoso malabarista de algarismos.

Joga com numeros e cifras em prodigios de memoria e de combinações.

Homem-machina.

Machina perfeita!... Silenciosa, incansavel.

Folhas e mais folhas cheias de numeros em linha, em esquadrões, todos perfeitos, todos iguaes.

Direitinhos, limpos, impeccaveis.

Sem um borrão! As correcções são de incrivel prolixidade.

Os milhares, e os milhões, e os billiões saltam e brincam sob sua mão, de uma linha á outra, desta columna áquella, da primeira pagina á ultima... Sempre em ordem. Exactos... Mathematicos...

Paiz fantástico dos algarismos, o mais ordenado do mundo!... Paiz ideal para os homens-machina, onde tudo está previsto e legislado.

Tudo muda, tudo evolúe e se modifica na vida... Mas dois e dois são quatro hoje, ha mil seculos e dentro de mil seculos.

O homem de numeros o sabe, conhece o que não se tranforma nem se vulnera... Faz a sua vida de algarismos todos iguaes, todos exactos...

Por isso é assim, meticuloso, detalhista, ordenado.

A's vezes a machina falha..., se engana o homem-machina..., os numeros, que não mentem, descobrem a falsidade...

Horrivel!

Crispação de nervos e dilatação de pupilas!

Deante dos olhos queimados em esforços brutaes, se extende um mysterio que parece inescrutavel.

Existe um erro!...

E' preciso corrigil-o!

E começa a batalha.

O homem de numeros enfrenta a luta com inaudita coragem, com uma disposição extraordinaria.

Centenas e centenas de garatujas chinezas, ratificações e verificações durante horas e até dias... Afinal... o mysterio esclarecido... Não póde falhar... Sempre triumpha o homem sobre o erro... E, si não fôra assim, si um mago diabolico pudesse dispôr e contraria... o cerebro do homem-machina saltaria em pedaços, impotente e enlouquecido deante do inconcebivel!

Não é inútil sua religião, que é para elle religião, sua fé nos numeros...

CONSTANCIO VIGIL FILHO

A HERANÇA PERDIDA

Ao sahir da casa, encontrei meu velho amigo Serafim Noisette. Surprehenderam-me sua pallidez e seu ar de tristeza, quando elle me apertou a mão.

— Que tens, Serafim? Que cara é essa? Estás doente?...

— Sim. Soffro... Soffro moralmente — respondeu-me elle com voz surda.

— Moralmente? Que é isso? Neurasthenia? Decepção amorosa?

— Decepção financeira, meu caro amigo. Uma grande decepção financeira. Tens deante de ti, um homem que acaba de perder um milhão!

Não pude deixar de rir. Conhecia de sobra a situação economica de meu amigo.

— Parece-me, Serafim, que brincas facilmente com os milhões — disse-lhe.

— Pois não ha nada mais exacto que o que acabo de dizer-te. Venho de perder dez vezes cem mil francos.

— Conta-me como foi isso. Tenho curiosidade em saber como te occorreu esse milagre.

— E' muito simples. Conheces meu tio Ballandart. Elle fez uma grande fortuna fabricando objectos de celluloide. Ha dois dias morreu, e deixou um capital de seis milhões de francos. Como era solteiro, cada um de seus seis sobrinhos, herdaria um milhão. Ha pouco, estavamos todos no aposento onde se encontrava o cadaver, discutimos as despesas do enterro. Como meu tio era um homem muito simples eu propuz um enterro de ultima classe.

"— Não é má a idéa — disse meu primo Amadeu. — Creio que podemos tratar um enterro de terceira classe.

"— Não esqueçaes que nosso pobre tio era muito economico — ajuntou o primo Prospero. — Si elle tivesse que resolver, encommendaria um enterro de quarta classe.

"— Ora de quinta — interrompeu o primo Alfredo.

"— Postos nesse plano — disse o primo Tiburcio, — eu sou partidario de um enterro de quinta classe.

"De repente, se ouviu uma voz.

"— Não discutam mais caros sobrinhos. Si assim determinardes, eu irei para o cemiterio a pé!

"Era o tio Ballandart, que, tendo cahido em estado lethargico despertava, naquelle momento. E, muito contente ao ver que não estava morto, nos annunciou que nos desherdava aos seis.

"E foi assim que eu perdi um milhão — gemeu, concluindo, meu velho amigo Serafim Noisette."

F. Estebe

ÉXITO

DEPOIS de estreitar numerosas mãos, entre as quaes as mais calorosas eram as dos inimigos de hontem mas alliados hoje pela victoria; depois de responder, com breves palavras, as ardentes felicitações, sob as quaes sabia discernir como a submissão a seu novo poder, André Danglade ganhou a rua e tomou seu automovel.

— Para casa — ordenou ao *chauffeur*.

Só, sentado no luxuoso vehiculo que rodava maciamente em direcção ao Bois, deixou que seus traços mudassem de expressão. A máscara de forçada cortezia e fria benevolencia, ao mesmo tempo, que eram o gesto publico de seu semblante imponente, de seus olhos autoritarios e sua bôcca fina, se apagou para deixar expandir-se a sinceridade triumphante de um sorriso orgulhoso e alegre... Não forçou mais. Gozou livremente de seu éxito.

André Danglade se accommodou no macio assento do automovel.

Pensava agora em sua vida, no caminho percorrido em vinte e cinco annos... Revia o tempo em que, sem fortuna e sem relações, sem outra estampilha social além de sua carreira juridica, vegetava como empregado de uma administração de segunda ordem. Casou-se muito moço, por amor, com uma joven tambem pobre. A vida fôra dura... Querida Antonia, como havia sido abnegada!... Via-a de novo no modesto apartamento que tinham quando não podiam pagar siquer a uma lavandeira, trabalhando, alegre e activa, dedicada inteiramente a seu lar, amavel e doce companheira... Depois do nascimento da filhinha, um começo de sorte, ou, melhor, de justiça: um collega de estudo, rico commerciante, apreciando suas faculdades, lhe confiou um importante negocio, que André soube levar ao melhor dos terrenos. Caminhou, depois, de éxito em éxito, revelando-se como um prodigioso organizador, um financista admiravel, perspicaz, lúcido, audaz... Conheceu ministros, altos banqueiros, influentes publicistas, maravilhando a todos, tanto pela profundeza de seus conhecimentos como por sua assombrosa capacidade de trabalho. Conquistou a celebridade e uma enorme fortuna.

Minutos mais tarde, em seu gabinete, André Danglade estava em presença de sua mulher. Beijou-a affectuosamente.

— Minha bôa Tonia!... Está prompto! Fui nomeado. Sou, agora, presidente do *conselho* de administração!

A senhora Danglade era uma mulher fina, elegante, delgada, sem rebuscamentos, joven ainda, de aspecto reservado, rosto pállido coroado por uma espêssa cabelleira castanha apenas semeada de um ou outro fio de prata.

— Ah!... — disse ella, apenas. — Foste nomeado?

— Sim. E bem pódes avaliar o que isto significa, o poder que confere. Sou, agora, todopoderoso.

E' a base definitiva de autoridade que me faltava. Isso ratifica minha força social e, si eu quizer, politicamente, me abrirá...

Continuou André expondo seus planos, annunciando seus projectos, não tanto por sua esposa como por si mesmo.

A senhora Danglade, muda, immovel, o escutava sem falar.

— Tambem eu tenho uma noticia a dar-te — disse ella, quando elle se interrompeu.

— Ah!... Espero que não seja má. Tens, no emtanto, o aspecto tão grave! De que se trata, então?

— Maria Luisa disse-me que Jorge Lepradier virá pedir sua mão.

— Jorge Lepradier?... O filho do embaixador?...

— Sim. Corteja-a desde algum tempo, e foi hontem, no baile do Ministerio, aonde a acompanhei... Maria Luiza mo contou esta manhã.

André Danglade já não a escutava.

— E' perfeito — dizia, com satisfação. — Não se poderia desejar nada melhor. Não quero dizer que isso seja uma surpresa para mim, ou algo inesperado. Nada é inesperado para minha filha, mas é perfeito. Os Lepradier... Nome, fortuna, posição, ascendencia illustre... E Maria Luiza disse *sim*, naturalmente...

— Exactamente — respondeu Antonia.

— Esse Jorge é, além do mais, um lindo rapaz e chegará, com toda certeza, a grandes destinos. Estou realmente encantado. Isso me dará uma entrada, que me faltava um pouco, nesse mundo diplomatico tão fechado. Permitte-me extender minha influencia... E' perfeito... Na realidade, isso e minha presidencia constituem uma bella conquista... Mas, que tens, Tonia?

Elle se deteve vendo a expressão do rosto de sua esposa.

— Não posso mais — disse esta.

Direita, immovel, os braços pendidos, olhava seu marido com gesto de profundo desalento.

— Não posso mais — repetiu. Estou farta... Estou cansada, cansada, até morrer de pena... Não posso mais supportar esta vida...

— Que?... Que vida?

— Esta vida... Nossa vida... A vida que me impuzeste...

De Frederico Boutet

não sou ambiciosa, nunca o fui... Era uma moça simples, quando nos casámos... A filha de um modesto empregado administrativo...

— Mas, que significa isso? — bulbuciou Danglade. — Tambem eu fui um modesto emmpregado e não me envergonho absolutamente por isto...

— Eu tambem não me envergonho... Tu não me comprehendes. Não comprehendes que adoro o tempo em que moravamos num modesto apartamento de terceiro andar, quando eu lavava os pratos e passava nossa roupa... Sim, adoro-o e tenho saudades delle! Eu era, então, feliz e vivia tranquilla... Não me cansava o trabalho, e eu não sabia o que era aborrecimento... As tarefas domesticas não são nada ao lado das tarefas que tive que desempenhar depois, que continúo desempenhando, e que se aggravam todos os dias á medida que cresce tua ambição e que augmenta tua importancia... Não me casei com o André Danglade que és hoje. Casei-me, para uma vida modesta e agradavel, com o André Danglade modesto empregado... Comecei a ser desgraçada quando a fortuna te sorriu... E o fui sendo cada vez mais, á medida que teu éxito era maior... Soffri ao ter que mudar de existencia á medida que subias... Minha vida, de vinte annos a esta parte, tem sido um constante tormento.

Ella falava apressada, misturando as phrases, cuidando pouco de expressar-se de tal ou qual maneira. Tomou folego.

— Mas nunca me disseste uma só palavra de tudo isso — exclamou Danglade, um pouco refeito de sua primeira surpresa, mas sempre estupefacto.

— Dizer-te que?... Tu és um homem superior, excepcional, bem o sei... Acaso tinha eu direito?... Não ficarias satisfeito... E eu te queria tanto!...

— Mas, afinal, o certo é que milhares de mulheres se sentiriam ditosas em teu logar...

— E eu me sinto desgraçada! A culpa não é minha... Pacientemente, fiz todo o possivel para adaptar-me a esta vida. Não o consegui. Não pude adaptar-me... Sou assim, como me vês agora...

Com tua nova nomeação e o casamento de vossa filha, as coisas se tornarão ainda peor. Será necessario que eu meça meus gestos, minhas palavras, meus olhares... Que organize recepções mais importantes... Que faça visitas protocolares... Que sei eu quantas coisas mais!... Não posso. Não posso mais!... E, depois, estou tão só... Maria Luiza se parece comtigo... Imagina que ella chegou até a dizer-me que eu devia ser mais elegante e tingir o cabello, que uma mulher de minha idade, obrigada a frequentar a sociedade, não podia andar ostentando as cans!... Eu quero as minhas cans... não quero frequentar a sociedade... Não posso mais!... Quero descansar... Estar tranquilla, ler, cozer, viver a vida para a qual fui feita... Deixa-me partir quando nossa filha estiver casada. Procurarei, até então, desempenhar o melhor possivel o meu papel... Depois irei para o campo... Dirás que estou um pouco enferma; irás ver-me de quando em quando... Descansarei... Mais tarde, si puder, voltarei. Mas, agora, não posso mais, eu te juro! Não posso mais!...

Cahiu numa cadeira, deante da secretaria do marido, e soluçou com a cabeça occulta nas mãos.

André Danglade olhou-a aterrado.

PSYCHOLOGIA DE "BOUDOIR"

PARA O MESTRE RENATO VIANNA

SCENA UNICA

Um artistico "boudoir". Divan. Tapetes. Cortinas. Quadros. "Bric a brac". Junto ao divan o telephone. Luz discreta. "Abat-jour".

Recostada no divan uma linda mulher aos 28 annos de edade. Norah. Está vestida com lindo e impeccavel "kimono" oriental. Um momento e apparece Julia, creada.

NORAH (*olhando para o relogio pulseira*). — 11 horas!... E Armando ainda não veiu, nem avisou nada.

JULIA. — Naturalmente, madame, o dr. Armando ainda não veiu por estar atrapalhado com os seus negocios. Eu tenho ouvido o dr. queixar-se que as suas industrias estão em crise.

NORAH. — A crise tem sido um optimo pretexto para as patifarias. Mas... eu não aturarei isso por muito tempo e a minha vingança será terrivel. Já ha muitos dias que elle chega sempre tarde. (*Levanta-se e passeia agitada*).

JULIA. — E' preciso calma, madame!

Norah nada responde e continua a andar agitadamente. Um momento e ouve-se tocar a campainha de alarme. Julia sae. Entra Armando após um instante. Armando é um perfeito typo de homem. Masculo, elegante e sobrio nas attitudes. 35 annos vividos intensamente. Ao entrar, dirige-se a Norah, a quem beija ambas as mãos.

ARMANDO (*com alegria*). — Minha querida! Que luta! Longe de ti e querendo-te tanto, tanto!...

NORAH (*amuada*). — Sempre a mesma coisa. Telephonei para o teu escriptorio e lá não estavas.

ARMANDO. — A que horas?

NORAH (*agitada*). — Ás 7, ás 8, ás 9, ás 10, a toda hora!...

ARMANDO (*calmamente*). — Sahi do escriptorio ás 6. Uma conferencia importante em casa do commendador Tobias.

NORAH. — Bonito!... O commendador Tobias é o sujeito mais sem vergonha que eu conheço.

ARMANDO (*sorrindo*). — Mais sem vergonha com as mulheres, reconheço. E', entretanto, com os homens um caracter de aço e um grande homem de negocios. (Outro tom). Muito precisamos delle, minha filha.

NORAH. — Deus me livre!... Não preciso delle para coisa nenhuma.

ARMANDO. — Estás sendo injusta.

Norah está olhando para Armando, que, meigamente, lhe segura ambas as mãos e a conduz para o divan onde ambos se sentam. Norah continúa amuada. Armando sorri. A campainha do telephone vibra fortemente. Norah desprende-se das mãos de Armando e attende o telephone.

NORAH (*ao telephone*). — Allô! Allô! Ah! sim! Como estás? Demoraste tanto... (*Pausa*). Muito obrigada. És muito gentil. Irei, sim! Com immensa alegria! (*Pausa*). Já tenho um lindo vestido para estrear. (*Pausa*). E' Jean Patou!... Garanto que irei fazer um successo formidavel no baile do Copacabana. Elza irá tambem. Poderás levar o Medeiros e seremos o "four" de azes do baile de Alleluia.

Armando, que fuma calmamente, ao ouvir as palavras de Norah, levanta-se e, apanhando um livro, põe-se a folheal-o; está completamente indifferente ás palavras de Norah.

NORAH (*continuando*). — Tenho sido uma tola. Tola é pouco! Uma trouxa!... Assim dizem as outras. Depois, tu é que me comprehendes — és alegre, vivido e intelligente. Emfim, és um homem ás direitas. (*Norah olha para Armando, que continúa imperturbavel*).

NORAH (*continuando*). — Dize ao Medeiros que iremos fazer uma pandega formidavel. (*Pausa*). Acho melhor não levares a tua linda barata. E' tão bonita! Póde ser quebrada. (*Pausa*). Sim, depois de muita "champagne", na certa, tu te tornarás em pessimo "chauffeur".

Norah dá uma gargalhada e olha para Armando que continúa na mesma impassibilidade. Fuma e lê.

NORAH (*elevando a voz*). — Demoraste tanto em falar-me. (*Pausa, e ella ouve attentamente*). Continuando. Como é bom e agradavel tratar comtigo!...

De Reynaldo Barreto

(E olha para Armando, que se conserva na mesma attitude de impossibilidade).

NORAH *(continuando).* — Muito obrigada pela tua attenção *(visivelmente agitada).* Então, adeus!... Tudo combinado.

NORAH *desliga o telephone violentamente. Olha para Armando que está na mesma attitude de indifferentismo.*

NORAH *(tentando sorrir).* — Desculpa, Armando. Perdi a tua palestra, a tua companhia por alguns momentos.

ARMANDO *(calmamente).* — Oh!... Por quem é... *(Outro tom).* Acho que fizeste bem.

NORAH *(provocadora).* — Falava com um interessantissimo rapaz que muito me procura.

ARMANDO. — Bravos!... Acho que elle tem razão. *(Outro tom).* E' verdade! Ainda ha pouco falavamos no commendador Tobias, a quem tanto atacavas. Sabes que elle breve irá para a Europa?

NORAH *(irritadissima).* — Tu és um miseravel!...

ARMANDO *(calmamente).* — Muito obrigado. O Victor Hugo já escreveu uma obra sobre a minha familia. *(Outro tom).* Mas... por que sou miseravel?

NORAH *(sem poder dominar-se).* — És um bandido! De um indifferentismo revoltante. Não gostas de mim. Si gostasses, não ficarias impassivel deante do que acabas de ouvir. *(Pausa).* Como sou desgraçada!

NORAH *tapa o rosto com as mãos e chora.*

ARMANDO *(segurando as mãos de Norah).* — Vocês, as mulheres, são incontentaveis: si nós somos ciumentos, queixam-se de que somos brutos; si as deixamos em liberdade, passaremos, então, a ser miseraveis, bandidos! Palavra que não comprehendo.

NORAH *(levantando-se, com energia).* — Pois fica sabendo, seu bandido!, que eu preferia que tu me houvesse esbofeteado a ficares com essa cara de peixe morto e depois... eu não falava com homem nenhum, seu bandido!...

ARMANDO *(com pseudo admiração).* — Oh!...

NORAH *(continuando).* — Combinei com a minha amiga Marcelle para telephonar ás 11 horas, por ser a hora em que sempre estás, e ella o fez. Infelizmente, o teu indifferentismo tudo destruiu. *(Desesperada).* Como sou desprezada, meu Deus!

NORAH *atira-se no divan e chora convulsivamente.*

ARMANDO *(sorrindo, muito meigo).* — Não sejas tolinha! Não chores, meu amôr! Não deixes que os teus lindos olhos fiquem feios! Não te zangues! Eu sabia... que representavas uma innocente comedia.

NORAH *(saltando do divan).* — Sabias? Sabias? Então, calculo. A Marcelle trahiu-me miseravelmente! *(Outro tom).* Mas isso não fica assim, não!... Hei de vingar-me...

ARMANDO *(sorrindo).* — Calma! Estás uma feria. Eu explicarei tudo.

NORAH *(agitada).* — Explica depressa!... Como soubeste?

ARMANDO. — Uma questão de psychologia, apenas.

NORAH *presta grande attenção.*

ARMANDO *(continuando).* — Cheguei aqui e notei que estavas zangada commigo. Isso, minha querida, já vem acontecendo ha muitos dias *(Com ironia)* ... e tudo porque chego um pouco tarde.

NORAH. — E ainda o confessas? Sim senhor!...

ARMANDO. — Naturalmente. Chego tarde em virtude dos meus innumeros affazeres. *(Outro tom).* Um minuto depois, a scena do telephone. Achei muita coincidencia — raciocinei um momento e... "tableau" *(sorrindo).* Perdeste a partida, minha querida.

NORAH *(interessada).* — Adivinhaste?

ARMANDO. — Não, raciocinei, apenas. A mulher, quando quer enganar ao homem que a ama, não o faz com violencia e á sua vista. Procura, antes, agradál-o e depois... quando quizer marcar as suas maldadezinhas, espera, sempre, a hora que elle não esteja em casa. Assim pelo menos procedem as canalhas que querem ser mulheres de bem! *(Outro tom).* Vê, meu amôr, não adivinhei-raciocinei!!...

E Armando segura a mão de Norah, que, risonha, se entrega suavemente.

NORAH *(sorrindo).* — És um homem terrivel; por isso, creio, é que te quero tanto.

Um momento e estão abraçados.

ARMANDO *(sorrindo, com ironia).* — E o baile de Alleluia?

NORAH *(despeitada).* — Ah!... Irei. *(Outro tom, sorrindo).* Mas... irei comtigo, meu vencedor!... Vou já encommendar a mesa, *mas, só para nós dois!...*

E Norah solta-se dos braços de Armando e toma o telephone. Quando vae começar a fazer a ligação automatica não o consegue, porque Armando a abraça e a beija com soffreguidão, emquanto rapidamente cae o "velarium".

OS MENINOS DE HONTEM — Era ella quem fugia...

O SOBRENOME

BULDEJEV, major general reformado, tinha dôr de dente. Enxaguava a bôcca com vodka, com cognac. Applicava ao dente enfermo cinza de cigarro, opio, terebentina, petróleo. Untava as faces com iodo, etc., etc. Mas tudo isso de nada lhe servia. Veiu o dentista. Este evoluiu em torno do dente, prescreveu a quina. Mas foi um novo fracasso. A' proposta de extrahir o dente, o general oppoz um rotundo não. Todas as pessôas da familia — a esposa, os filhos, os criados, e, finalmente, Petka, o caçador, suggeriram seu remedio. Appareceu, tambem, o intendente Iván Jevseic, que lhe aconselhou curar-se por meio de rezas.

— Aqui, em nosso districto, excellencia — disse, — ha dez annos morava o empregado postal Jakov Vassilic. Curava as dôres de dente com rezas de primeira qualidade. Voltava-se para uma janella, murmurava qualquer coisa, cuspia, e todas as dôres passavam. Era dotado de um grande poder.

— E onde mora elle, agora?

— Agora reside em Saratov. Só se occupa em curar dôres de dente e vive disso. Si alguem soffre desse mal, vae procurál-o e fica curado... Os habitantes de Saratov, elle os cura em casa, mas os de fóra, pelo telegrapho. Excellencia, mande-lhe immediatamente um telegramma assim: "O servo de Deus, Alekjei, tem dôr de dente e pede auxilio". O pagamento póde ser remettido pelo correio.

— Absurdo! Charlatanismo!

— Experimente, excellencia. Elle é um grande bebedor de vodka, não vive com sua mulher, mas com uma allemã, diz muita blasphemia, mas é um homem maravilhoso...

— Experimenta, Aljoscia — supplicou a esposa do general. — Tu não crês nas rezas, mas eu creio. E, embora não creias nellas, por que não experimentál-as?

— Bem, accedo — respondeu Buldjevec. — Nestas condições, pódes mandar um telegramma ao proprio diabo... Oh! Não posso mais... Depressa, onde móra teu recommendado? Como devo escrever-lhe?

— Em Saratov, até os cães o conhecem — respondeu o intendente. — Sirva-se escrever, excellencia, para Saratov: "Ao illustre senhor Jakov Vassilic... Vassilic..."

— E que mais?

— Jakov Vassilic... e o sobrenome... um momento... Esqueci o sobrenome... Vassilic... Diabo!... Como é mesmo o sobrenome? Pouco antes de chegar aqui, ainda me lembrava... Permitta-me...

Iván olhou o tecto, balbuciando. O general e a esposa esperavam, impacientes.

— Vamos, rápido! Não ha tempo ha perder...

— Immediatamente... Vassilic... Jakov Vassilic... Esqueci-o... Um nome tão simples... E' qualquer coisa que se refere ao cavallo... Jumentin? Não é Jumentin... Espere... Stalonoc talvez?... Tambem não... Lembro-me que é um nome cavallar, mas que seja, ao certo, não me recordo...

— Puledrov?

— Não, não... Espere... Jumentizin? Jumentjanikov?... Jumentkaujev?...

— Esse não é um nome cavallar, mas canino...

— Não... Nem tambem Stalacikov, nem Cavallin, nem Cavalkov... Stalloukin... Não, não é... Então, como poderei escrever-lhe? Vamos, depressa!

— E' já... Cavalkin... Jumentkin... Mustanghji...

— Mustanghikov? — perguntou a esposa do general.

— Não, excellencia. Cavaldatirov... Não, não é este. Esqueci-o! E

— Que diabos te levem!... E então, pedaço de animal, por que vens com conselhos, si te esqueceste do nome?! — gritou o general. — Sae-te daqui, si não queres receber um pontapé... Iván Jevseic sahiu lentamente, e o general, apresentando a face com a mão, começou a caminhar pela sala.

— Oh, santos bemdictos!... Santos do Paraiso!... Não posso mais!...

O intendente, do jarim, erguendo os olhos para o céo, fazia esforços para se lembrar do sobrenome do empregado postal: Pulledrocikov... Pulledrovskij... Pulledrenko... Não, não... Matufguesky... Não... vic... Pulledrevic... Jumentjanskij... Novamente seus chefes o chamaram.

— Já te lembraste? — perguntou o general.

— De maneira alguma, excellencia...

De Antón Checov

OS MENINOS DE HOJE — O fujão é elle...
(De "Judge", de Londres)

— Talvez seja Destrierkij... Caballikov... Não?

E, na casa, todos, ao mesmo tempo, se puzeram a procurar nomes cavallares. Fixavam-se nas idades e nas raças dos cavallos. Mencionavam os crimes, as ferraduras, os recados... Na casa, no jardim, nos aposentos dos criados, na cozinha, as pessôas andavam de um lado para outro, coçando a fronte e procurando adivinhar o sobrenome... O intendente, a cada minuto, era chamado pelo general.

— Mandriov? — perguntaram-lhe. — Zcolin? Stalonevskijo?...

— Nada, nada — respondia Iváu. E, levantando os olhos, continuava expressando seus pensamentos em voz alta:

— Destrierenko... Destrircenko... Puledriejev... Jumentjejev... Ippinkov...

— Papae! — gritaram, entrando, as crianças. — Troikin? Bridevkin?

Toda a casa parecia um manicomio. Impaciente, atormentado pela dôr, o general prometteu cinco rublos a quem recordasse o nome authentico, exacto, e Iváu começou a cahir em uma verdadeira loucura...

— Baiov? — gritava. — Trotatov? Caballitzkij?

Cahiu a noite, e o nome ainda não havia apparecido. Os outros foram dormir. O general não dormiu a noite toda, e gemia, caminhando nervosamente... A's tres horas da madrugada, sahiu de casa e foi bater na janella do intendente.

— Não será talvez Cabalunghetov? — perguntou-lhe, com voz chorosa.

— Não, não é, excellencia — respondeu Iváu, suspirando, profundamente inquieto.

— Talvez não seja um nome cavallar, mas alguma outra coisa...

— Palavra, excellencia — asseverou o intendente: — é um nome cavallar... disto eu me recordo perfeitamente...

— Que desmemoriado és!... Esse nome, neste momento, é, para mim, o mais querido de todos... Não posso mais...

Pela manhã, o general mandou chamar o dentista, decidido, já, a recorrer aos grandes e heroicos remedios.

— Arranquemol-o! — pensou. — Não tenho força para supportál-o mais... Veiu o dentista, e extrahiu o dente cariado.

A dôr cessou immediatamente, e o general se tranquillizou. Realizada a operação e percebidos os honorarios, o dentista tomou seu carro e voltou para casa.

Passados os portões, em pleno campo, o dentista encontrou Iváu.. O intendente, á beira do caminho, olhando os pés, pensava nalguma coisa... A julgar pelas rugas ameaçadoras que lhe sulcavam a fronte e pela expressão concentrada dos olhos, comprehendia-se que seus pensamentos eram profundos e tormentosos...

— Saurov... Pirimentov... — balbuciava. — Caballiskij...

O dentista parou, estupefacto, contemplando com espanto aquelle homem, que parecia meio louco, a julgar por suas maneiras estranhas.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou o dentista.

O intendente nem ouviu a pergunta que lhe dirigia o seu interlocutor, absorto como estava na busca daquelle infeliz nome que não podia recordar.

— Equinov... Rocinskij... — continuava murmurando.

O dentista encolheu os hombros, deixando de preoccupar-se por quem não lhe prestava attenção.

— Iváu Jevseic! — disse-lhe o dentista. — Você mesmo separe-me dois ou tres quintaes de aveia. Seus camponios me vendem uma aveia que não é bôa.

Iváu contemplou com ar estúpido o dentistà, sorriu de um modo meio bestial, e, sem responder uma palavra, ergueu os braços e correu para a casa com tal velocidade, que parecia perseguido por um cão hydróphobo.

— Encontrei-o, excellencia! — pôz-se a gritar, alegre, com voz alterada, entrando no gabinete do general. — Encontrei-o, afinal! Avenov... Avenov é o sobrenome do empregado postal... Mande, excellencia, mande depressa um telegramma a Avenov!

— Aqui está teu Avenov! — respondeu o general, com um gesto de desprezo e mostrando-lhe o dente extrahido. — Já não preciso de teu nome cavallar... Vae para o diabo! Tu e teu maravilhoso sobrenome! E, com um novo gesto de desprezo, se afastou furioso...

OS SEIS NAPOLEÕES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— E' desconhecida ainda a identidade delle, informou Lestrade. O corpo foi para o necroterio, e, até agora, não obtivemos o reconhecimento delle, nem mesmo qualquer indicio. E' um homem de avantajada estatura, tez bronzeada, apparentando uns trinta annos e uma robustez pouco vulgar. Ao lado delle, num diluvio de sangue, encontramos uma navalha com o cabo de chifre. Pertenceria á victima, ou será a arma com que o assassino praticou o crime? Não sei. Nas roupas interiores não havia iniciaes algumas, e, rebuscando-lhe as algibeiras, encontramos apenas um castão de bengala, um cordão, uma planta de Londres e este retrato.

A photographia tinha sido tirada por meio dum kodak. Representava um homem agil, de traços simiescos muito accentuados, e queixo proeminente, como o de um bugio.

— E que aconteceu ao busto? inquiriu Holmes, depois de examinar attentamente o retrato.

— Soubemol-o precisamente no instante em que os senhores entraram. Está no jardim duma casa deshabitada em Campdeen House Road. Está lá, mas despedaçado. Querem vir vel-o.

— Espere um pouco disse Sherlock.

E poz-se a examinar a alcatifa.

Approximou-se seguidamente da janella e começou a examinal-a tambem.

— O criminoso deve ter umas pernas muito altas, ou, então, é duma grande agilidade, porque não é facil de fóra, attingir o rebordo da janella e abril-a. A descida é que lhe ha de ter sido mais facil.

O sr. Harker não quer acompanhar-nos para ver o que resta do seu busto? continuou Holmes, dirigindo-se ao jornalista."

O inconsolavel Harker respondeu que não.

— E' preciso que me esforce por fazer a reportagem de todo este caso, embora os jornaes da tarde estejam impressos já e coalhados de informações sobre elle. E' isso o que me faz arrelia! Os senhores lembram-se de quando as tribunas do Hypodromo desabaram? Occupava uma dellas. Pois o meu jornal foi o unico que não desenvolveu a noticia, porque uma tremenda commoção me impossibilitou de escrevel-a. Agora vae succeder coisa parecida. Vou ser eu o ultimo a dar informações sobre uma tragedia que se passou portas a dentro da minha habitação!

Apesar destas lamentações, quando sahimos, a penna de Harker corria já, a todo o galope, sobre uma tira de papel.

O local, onde os destroços do busto foram encontrados, ficava pouco distante, a uns centos de metros. Holmes e eu vimos, chegados lá, pela primeira vez, os restos da figura do grande imperador que tão entranhado rancor parecia ter communicado ao espirito dum doido mysterioso. Os fragmentos achavam-se espalhados na relva. Holmes apanhou alguns delles e examinou-os demoradamente. Pela sua expressão physionomica comprehendi logo que tinha descoberto uma pista.

— Então?! disse Lestrade.

Holmes encolheu os hombros.

— Temos muitos passos a dar para conseguirmos chegar a saber alguma coisa. Mas o que é certo é que temos já um ponto de partida. A posse deste busto sem valor era indiscutivelmente, para o criminoso, uma coisa mais preciosa que a vida desse homem. Nisso não póde haver duvidas. Ha outra circumstancia a notar: é que elle não o partiu dentro de casa, nem proximo della, o que teria feito se o seu unico intuito fosse despedaçal-o.

— Provavelmente o encontro com a victima desorientou-o e a sua desorientação deve ter sido tamanha que mal sabia o que fazia.

— Talvez, talvez. Chamo, porem, a attenção dos senhores para a posição desta casa.

Lestrade olhou em torno.

— E' uma casa sem inquilinos, e, presumivelmente, o homem sabia que ninguem o surprehenderia no jardim.

— E' verdade. Comtudo, ha um outro predio nas mesmas condições, um pouco mais perto e pelo qual elle passou antes de chegar a este. Porque o não escolheu, sendo certo que cada passo, que dava com o busto, constituia uma probabilidade de que o pudessem apanhar?

— Não percebo patavina! exclamou Lestrade.

— Vae perceber já. O homem aqui podia ver o que fazia. No outro predio, não. Ora ahi tem a coisa explicada.

— E' isso! Tem razão, bradou o detective. O busto do dr. Barnicot foi quebrado proximo da lanterna encarnada (1) que elle tem na fachada da casa. O que eu não vejo, sr. Holmes, é a conclusão que possamos tirar d'ahi.

---

(1) Muitos dos medicos inglezes usam, como signal nocturno para poderem ser procurados, uma lanterna encarnada.

— Nenhuma, por agora. E' preciso, porem, termos sempre presente essa circumstancia que mais tarde nos pode grandemente elucidar. Qual é a orientação que pretende dar ás suas investigações, Lestrade?

— Parece-me que o que de mais pratico tem de fazer-se é, antes de tudo, obter a identidade do cadaver, o que não me parece difficil de alcançar. Conseguida ella, procuraremos saber quaes eram os costumes do assassinado e as suas relações. Isso ha de ser um grande auxilio para tentarmos descobrir o que fazia o homem áquella hora da noite, no interior d'uma casa em Pitt Street, e por que motivo terá sido encontrado morto na escada de Horacio Harker. Acha que devo proceder assim?

— Sem duvida, mas não é por esse caminho que eu proseguirei.

— Que tenciona fazer então?

— Não quero de modo algum influencial-o, meu caro detective. Continue o seu plano. Eu seguirei outro. Mais tarde confrontaremos os resultados a que attingirmos e auxiliar-nos-emos mutuamente.

— Está dito, assentiu Lestrade.

— Se voltar a Pitt Street e encontrar Horacio Harker, diga-lhe da minha parte que estou convencido de que o criminoso é um doido que odeia mortalmente Napoleão. Este esclarecimento deve agradar-lhe para o artigo.

Lestrade encarou-o fixamente.

— O senhor não está convencido disso, accrescentou.

Holmes sorriu-se.

— Talvez não esteja... Asseguro-lhe, porem, que o meu esclarecimento é util ao *reporter* e pode augmentar a tiragem dos jornaes.

Vamos ter, durante o resto do dia, muito que esquadrinhar, Lestrade. Esta tarde, ás 6 horas, encontrar-nos-emos em Baker Street. Quer? Ceda-me até essa hora a photographia encontrada na algibeira do assassinado. Se as minhas presumpções se confirmarem, hei de precisar da sua collaboração para um inquerito nocturno. Agora, adeus. Felicidade!"

Sherlock Holmes foi commigo, a pé, a High Street e entrámos nos armazens de Harding & Irmãos onde o busto fôra comprado. Soubemos por um rapazito, empregado na casa, que o sr. Harding não estava, e que, provavelmente, não voltaria senão á tarde. Do pequeno nenhuma informação pudemos obter a respeito do busto, porque havia pouco tempo que fazia serviço no estabelecimento.

Sherlock Holmes ficou desapontado.

— Emfim, disse-me, nem tudo pode correr á medida dos nossos desejos. Teremos que vir á tarde á procura do homem, visto que só a tarde elle volta. Como o meu caro Watson certamente já deprehendeu, é-me necessario averiguar a exacta origem dos bustos, a fim de ver se ella me fornece qualquer pormenor que sirva de fio para esmiuçar todo este grande embroglio. Vamos á casa de Moysés Hudson, a Kensington Road. Pode acontecer que obtenhamos lá algum indicio.

Entrámos n'um carro e passada uma hora apeámo-nos á porta do commerciante. Era um sujeito baixinho, gorducho e sadio de cores.

Falamos-lhe no caso do busto, mostrando-lhe que conheciamos o episodio.

— Tal e qual. Tal e qual. Estava sobre a minha secretária. E' uma pouca vergonha, que nos obriguem a pagar impostos e haja na cidade uma policia de tal quilate que deixa entrar assim, em pleno dia, num estabelecimento, o primeiro malandro a quem appetece partir a mercadoria de um commerciante honrado. E' inaudito! E' estupendo! A mim não me restam duvidas: isto é um conluio politico. Só um democrata pode ter partido os bustos.

Ahi têm os republicanos radicaes o lindo resultado das suas theorias. Os senhores perguntam-me onde eu comprei os bustos? Não vejo o que tenha isso com o crime, mas visto que querem sabel-o, ahi vae: comprei-os no estabelecimento de Gelder & C., em Church Street, Stepeny. E' uma casa conceituadissima e com mais de vinte annos de existencia. Quantos comprei? Trez... sim, dois e um são tres. Dois que vendi ao doutor Baricot e um que estava ainda no meu estabelecimento. Se conheço essa photographia? Não. Não sei de quem seja. Ora... espere... Mas é o Beppo, uma especie de faz-tudo que esteve empregado cá no armazem, que sabia dourar e emoldurar e que me prestou varios outros serviços. Despediu-se na semana passada e nunca mais ouvi falar delle. Durante o tempo em que foi meu empregado, nada tive a censurar-lhe. Dois dias antes do attentado, tinha elle deixado de trabalhar para mim.

Ao sairmos do estabelecimento, Holmes commentou:

— Obtivemos de Moysés Hudson tudo quanto era possivel. Sabemos já que Beppo foi empregado delle. Provavelmente foi-o tambem dos irmãos Harding. Si isso fôr exacto, mereceu bem a pena fazer esta caminhada. Agora é necessario irmos á casa do fabricante Gelder em Stepeny. Presumo que havemos de obter ahi informações preciosas.

Atravessámos rapidamente a parte elegante da cidade, depois o bairro dos hoteis, em seguida o dos theatros, dos actores e dos commerciantes, e finalmente, chegamos aos quarteirões ribeirinhos que formam, á margem do Tamisa, uma cidade cosmopolita onde fervilham centenas de milhares de almas.

Num largo arruamento, occupado outr'ora pelos mais opulentos commerciantes de Londres, descobrimos o estabelecimento que procuravamos.

Tinha um grande pateo de entrada pejado de cantaria apparelhada. Mais para o interior, avistamos

(Cont. na pag. seguinte)

uns cincoenta operarios que se occupavam em trabalhos de esculptura e moldagem.

O director era um typo caracteristico de allemão, rubicundo e loiro. Recebeu-nos com extrema cortezia e deu a Sherlock Holmes respostas muito lucidas e nitidas.

Pela consulta da escripturação verificou que na sua fabrica se tinham effectuado numerosas moldagens do busto de Napoleão esculpido por Devine. Verificou tambem que tres bustos tinham sido vendidos, dois annos antes, a Moysés Hudson.

A fabricação fôra de seis exemplares e os tres restantes, havia-os adquirido a casa Harding & Irmãos de Kensington.

O allemão affirmou tambem que não havia razão alguma para suppôr-se que aquella meia duzia de exemplares fosse differentes dos demais bustos e que, portanto, não lhe parecia que existisse qualquer motivo que explicasse a sua destruição.

Tão absurda até se lhe afigurou essa hypothese, que teve, ao rebatel-a, um sorriso de ironia mansa.

Os bustos haviam sido obtidos por meio de duas moldagens em gesso de Paris, cada uma das quaes correspondente a uma metade da face. Juxtapostos os dois perfis, obtiveram-se as figuras completas. Essa ultima parte dos trabalhos, accrescentou, é de ordinario confiada a italianos.

Concluida a obra, collocam-se os diversos bustos sobre uma tabua, num corredor, para a seccagem.

AS VIAGENS DE HONTEM — Como se viajava outr'ora...

Depois, dão entrada no deposito. E nisto rematou, se resumem as explicações que lhes posso dar.

Mas a apresentação da photographia produziu nelle um effeito inesperado. Uma grande vermelhidão invadiu-lhe todo o rosto, numa onda de colera, e as sobrancelhas franziram-se-lhe ensombrando o azul limpido dos seus olhos teutonicos.

— Oh que velhaco! exclamou. Se o conheço? Conheço-o muitissimo bem. Esta officina teve sempre tradicções honradas; pois, a unica vez que a policia pôz aqui os pés, foi por causa desse homem. Haverá um anno pouco mais ou menos. Deu uma navalhada no pescoço de outro italiano. Quando se viu perseguido pela policia, fugiu para o meu estabelecimento e foi preso aqui mesmo! Era conhecido por Beppo. O appellido nunca lh'o soube. Ficou-me de emenda. Gente assim nunca mais a quero de portas a dentro. Não obstante, era um bom operario. Era até dos melhores.

— Que condemnação teve elle?

— Como a victima escapou, condemnaram-n'o sómente a um anno de prisão. Já deve estar solto, mas não teve coragem para se apresentar mais ao meu serviço. Na officina ha diversos primos delle. Esses é que poderão prestar-lhes informações completas e dizer-lhes onde pára.

— Não, não! objectou Holmes. Instantemente lhe peço que não diga a nenhum delles uma palavra siquer do que se passou. Trata-se de um assumpto de tal importancia, que quanto mais reflicto nelle, tanto mais grave me parece. Quando examinou a escripturação para certificar-se da occasião em que as estatuas foram vendidas, verificou que essa data era a de 13 de junho do anno passado. Pode dizer-me o dia em que elle foi preso?

— Posso saber isso aproximadamente. Sim, accrescentou elle, folheando um registro de férias, o ultimo pagamento que se lhe fez foi em 20 de maio.

— Muito obrigado, rematou Holmes. Não quero tomar-lhe mais tempo.

Em seguida insistiu com Gelder para que guardasse a maior reserva sobre o caso e retiramo-nos.

* * *

Ia a tarde adeantada já, quando fomos a um restaurante tomar uma ligeira refeição.

Um jornal affixado á entrada, num quadro, narrava o crime de Kensington como tendo sido commettido por um alienado.

Um rapido exame fez-nos saber que, afinal, o jornalista Horacio Harker sempre conseguira escrever a tempo a narração do tragico acontecimento, em duas columnas cheias. Holmes comprou o jornal e leu-o mais detidamente, emquanto comia.

Em certas passagens, a satisfação transluzia no seu rosto.

— Isto vae ás mil maravilhas, Watson. Ora escute:

"E' com verdadeiro desvanecimento que transmittimos aos nossos leitores a concordancia das mais autorisadas opiniões a respeito do movel do crime. Tanto o sr. Lestrade, o funccionario experimentadissimo de Scotland Yard, como o conhecido e habil perito sr. Sherlock Holmes, affirmam que o crime é obra de um doido e não de um criminoso consciente."

— Veja, Watson, que poderosa força é esta da imprensa, quando a gente sabe utilizar-se della!

Quando acabamos de almoçar, voltamos a Kensington, ao estabelecimento de Harding & Irmãos.

O fundador e gerente da casa era um homemzinho palrador, de estatura diminuta, aspecto intelligente, vestido com grande correcção.

— Li já nos jornaes da tarde a noticia do crime. Effectivamente o sr. Horacio Harker é um dos nossos freguezes e, ha cerca de um mez que elle adquiriu o busto de Napoleão. Tinhamos encommendado tres á

casa Gelder & C. Estão vendidos todos e é facil, pela consulta dos nossos livros, averiguar a quem. Veja, o sr. Halker, um delles comprou outro o sr. Josiah Brown, villa das Accacias, Labur Vale, Chizwick... O terceiro... cá está... comprou-o o sr. Sandeford de Lower Grove Road...

Nunca vi a pessoa que está retratada nessa photographia. E' uma cara que eu não teria esquecido, se a visse alguma vez, porque raramente se encontra uma fealdade assim...

Temos varios operarios italianos em nossa casa, é certo. Se qualquer delles quizesse saber a quem os bustos foram vendidos, conseguia-o facilmente, examinando os livres. Eu não faria nisso o menor reparo, porque não ha motivo algum que me leve a occultar a escripturação della; bem pelo contrario. O crime é, com effeito, extraordinarissimo e, se lhes fôr util para qualquer coisa, estou inteiramente ás ordens dos senhores."

Holmes, durante as declarações de Harding, tomou alguns apontamentos e, á medida que ia ouvindo o commerciante, deixava transparecer um intimo contentamento. A investigação corria portanto a seu gosto. Não obstante nem uma palavra de commentario teve. Limitou-se unicamente a observar que tinhamos de nos apressar, para não faltarmos á entrevista com Lestrade. E, com effeito, quando chegámos á Baker Street, vimol-o logo a andar d'um lado para o outro, a grandes passadas, n'uma impaciencia manifesta. A sua physionomia denunciava tambem que não tinha perdido inutilmente o seu tempo.

— Então, sr. Holmes, que boas novas me dá?

— A caminhada foi longa, meu caro, mas não foi infructifera. Estivemos com o fabricante dos bustos e com os revendedores. Posso, pois, seguir desde a origem, a pista de todas as esculpturas.

— Ora! Os bustos! Os bustos!... exclamou Lestrade. Emfim, o senhor lá tem o seu plano, e Deus me livre de não formar delle o melhor conceito. Mas, vaidade á parte estou convencido de que as minhas investigações deram melhor resultado. Verifiquei a identidade do cadaver.

— Ah! Sim?

— Acertei mesmo com o movel do crime.

— Perfeitamente. E como?

— Temos um inspector encarregado especialmente do bairro de Saffron, Hill, que é onde reside quasi toda a colonia italiana.

O cadaver tinha ao pescoço um fio com uma medalha. Essa circumstancia e o moreno da pelle, fizeram-me presumir que era um meridional. Ora o inspector de Hill reconheceu-o assim que o viu. Chamava-se Pietro Venucci, era natural de Napoles e foi um dos mais temiveis estranguladores de Londres. Estava filiado n'uma sociedade de propaganda pelo facto, denominado Maffia. Já o senhor está a ver que o mysterio começa a esclarecer-se. O assassino é sem duvida um italiano que faz tambem parte da Maffia. Provavelmente o assassino atraiçoou por qualquer modo os regulamentos da sociedade e foi Pietro o incumbido de o descobrir. A photographia que se lhe encontrou na algibeira e que era do assassino, foi dada a Pietro, certamente para evitar qualquer erro de pessoa. Logo que conseguiu descobril-o, começou a vigial-o e foi por isso que o seguiu na noite do crime até elle entrar na casa do jornalista. Ahi interpellou-o, provavelmente, e uma discussão qualquer entre os dois deu motivo ao crime. Que diz a isto, sr. Holmes?

Sherlock applaudiu:

— Muito bem! Muito bem! O que eu não vi no decurso do raciocinio, foi a causa da destruição dos bustos.

— E ahi volta o senhor com os bustos! Os bustos são a sua exclusiva preoccupação. A verdade, porém, é que os bustos são de uma importancia secundarissima. O que pode resultar da quebra delles? O maximo, seis mezes de prisão... O assassinato é que deve merecer toda a nossa attenção. E delle tenho eu os fios que hão de conduzir a uma averiguação completa.

— Mas como ?

— Da maneira mais simples. Vou rebuscar com Hill o bairro dos italianos, até encontrar o homem do retrato. Apanhado elle, prendo-o. O senhor quer vir commigo?

— O meu parecer é que não deve fazer tal coisa. Embora não possa affirmal-o com uma absoluta certeza, penso que poderemos chegar a um resultado definitivo, por um modo mais simples. Este resultado depende de um factor que é independente do nosso esforço. Não obstante, tenho boas esperanças... Aposto até um contra quatro em como esta noite havemos de deitar a mão ao criminoso.

— No bairro dos italianos?

— Não. Naturalmente em Chizwck. Venha d'ahi commnosco. Se o meu plano não der resultado, perdemos algumas horas apenas, sem inconveniente de menta para a detenção do homem. Acompanharei o meu amigo ao bairro dos italianos, se o assassino não cahir esta noite na armadilha. Todos nós precisamos de umas horas de somno. Proximo das 11 horas temos de partir; e o regresso deve effectuar-se antes do amanhecer. Ande d'ahi, Lestrade. Jantaremos juntos e depois poderá passar umas horas pelo somno, sobr um canapé. Tenho de ir aqui perto escrever uma carta e mandal-a ao seu destino o mais depressa possivel.

AS VIAGENS DE HOJE — E como se viaja em nossos dias...

(De "L'Esquella de la Torratxa", de Madrid)

APPARIÇÕES

QUANDO morei em Manáos, na rua Henrique Martins, em velho casarão, occorreu o facto que exponho e para o qual, até hoje, ainda procuro explicações. Alguns dias depois da mudança, foi passar o dia comnosco o João, afilhado de meu pae, menino muito vivo, e com quem se deu o caso.

A casa, de cinco portas, tinha um corredor ao meio, sendo que, na primeira sala, á esquerda de quem entrava, ficava a sala de visitas, e na segunda o meu quarto. Este tinha uma janella para a varanda, uma porta para o corredor e outra para a primeira sala. A janella e a porta do corredor, abertas, formavam um biombo, onde eu mudava de roupa. Do portal da janella para o da porta da sala de visitas, estava estendida a minha rêde, onde, na occasião, o João se embalava a largos gestos. Eu, atraz do improvizado biombo, trocava de vestes. Eram 17 horas, mais ou menos, e o quarto estava em penumbra. De repente, o João soltou um grito, pulou da rêde e correu para mim, abraçando-me. Inquieto, indaguei o motivo, respondendo-me elle:

— Foi ali, na janella... quando me embalava... um menino, vestido de marujo... olhou para mim... com medo, corri para junto de ti...

Logo depois, perguntámos a alguns vizinhos quem tinha sido o nosso antecessor no predio, e soubemos ter tido o amigo inquilino um filho, com oito annos presumiveis, muito conhecido por só se vestir á marinheira, o qual embarcára para o sul, onde morrêra o menino...

Devido á pequenez da habitação, o coronel D. G. dormia com o filho na sala de visitas, e a esposa com a filha, casada, na alcova. O genro do coronel, funccionario federal, estava constantemente ausente, no exercicio de suas funcções, e, no momento, encontrava-se no rio Madeira, a uns oito dias da capital do Estado. Formavam um angulo agudo as duas rêdes, e qualquer movimento de uma iria impressionar a outra. Certa noite foi o coronel despertado pelas sacudidelas da rêde do filho. Inquiriu o que elle sentia, e não obteve resposta. Levantou-se, fez luz, acercou-se da rêde e viu o filho chorando. Chamou a esposa e a filha, tratando todos de prodigalizar carinhos, obtendo, afinal, o motivo. Elle contou terlhe apparecido o cunhado vestido num terno de brim listrado, muito do conhecimento da familia. Procuraram desvanecêl-o, aconselhando-o a conciliar o somno, objectando o rapazelho tal não poder fazer, receiando nova apparição.

Na manhã seguinte, a minha familia foi scientificada do succedido. Dois dias mais, e um telegramma trazia a noticia da morte do genro do coronel, e mais outros 15 dias, chegava, a bagagem, faltando, apenas, o tal terno de brim listrado...

* * *

No velho deposito publico, onde as grandes armações serviam de ornamentação á enorme sala, estavam, naquella tarde, além do servente, os funccionarios: coronel F. A. e J. S., quando foi ouvido um ruido semelhante ao arrastamento de uma das pesadas armações, coisa que somente varios homens poderiam fazer. Quizeram o servente e o escripturario J. S. ir certificar-se do que era, sendo obstados pelo coronel F. A., dado a praticas espiritas, que mandava, relogio em punho, tomassem nota das horas, redigindo para a Bahia o cabogramma seguinte:

— "Quando morreu B." — "B" era seu irmão.

A resposta chegou, e, no dia seguinte, mostrava aos collegas: "Tres horas".

Elles correram os olhos pelas agendas e ficaram estupefactos constatando tal coincidencia...

* * *

O commerciante acreano, F. M., viéra até Belem a serviço da sua casa commercial em Senna Madureira, deixando-a entregue á perspicacia da esposa. De regresso da capital paraense, procura familia de amigo, em visita, á noite, pelas 22 horas; sentindo-se mal pede ao dono da casa o conduza ao aposento reservado da casa. Dentro em pouco, torna á sala, chorando e declarando ter-lhe apparecido a mulher, coisa que jamais lhe acontecêra. Nervoso, retirou-se para o hotel onde se hospedára. Ao dia seguinte, telegramma urgente trazia a triste noticia da morte de d. J., em consequencia de parto, á hora exacta da visão...

* * *

Aos entendidos peço explicação para esses casos, transmittidos com a imparcialidade de quem vive alheio ás questões de crença e de cuja veracidade attesta.

DE ADONAI DE MEDEIROS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ...

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23 Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

un air embaumé

Perfume

RIGAUD 16 rue de la Paix PARIS

E. CHARLES VAUTELET, Agent — 20, Rua do Mercado — Rio de Janeiro

Absolutamente impermeavel!

Polar

A GRANDE MARCA NACIONAL

O novo typo *Diluviano Polar* fabricado em sapatos, borzeguins e botas de caça e introduzido recentemente com notavel successo pelas "Lojas Calçado Polar" permittem-lhe affrontar as intemperies sem que os seus pés e a sua saude tenham que receiar.

Em qualquer difficuldade *Polar* é sempre o calçado que o satisfaz.

LOJAS CALÇADO POLAR

AVENIDA RIO BRANCO, 131 - RIO DE JANEIRO